

UNIVERSIDADE  
AUTÓNOMA  
DE LISBOA



**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARTES E HUMANIDADES  
MESTRADO EM HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO  
UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA  
“LUIS DE CAMÕES”**

**Centro Interpretativo e Roteiro Arqueológico  
para o concelho de Trancoso:  
Época Clássica e Idade Média**

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em História, Arqueologia e Património

*Autora:* Maria de Fátima Barreiros da Silva Franco

*Orientador:* Professor Doutor Adolfo da Silveira Martins

*Coorientadora:* Professora Doutora Alexandra Águeda de Figueiredo

*Número da candidata:* 20151164

**Setembro de 2019**

**Lisboa**

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho ao meu marido, meus filhos e aos meus netos.

## **Agradecimentos**

À Universidade Autónoma de Lisboa que aceitou a realização deste mestrado.

À Associação de Proteção da Natureza do Concelho de Trancoso pelo apoio prestado.

À Dra. Maria do Céu Ferreira, responsável pelo gabinete de arqueologia da Câmara Municipal de Trancoso, pelo precioso apoio na cedência de bibliografia.

À junta de Freguesia de Cótimos, em particular ao Sr. Presidente Eugénio Manuel Xavier Ferreira, que se disponibilizou para prestar toda a informação sobre o Centro Interpretativo de Cogula.

Ao meu orientador, Prof.º. Doutor Adolfo Silveira Martins que aceitou acompanhar e orientar-me neste processo de crescimento.

À minha coorientadora, Prof.<sup>a</sup> Doutora Alexandra Águeda Figueiredo, pela disponibilidade e compreensão.

Ao meu marido, devo um agradecimento muito especial, pela enorme paciência, interesse e disponibilidade com que me acompanhou nesta jornada, sem o seu apoio não teria atingido o objetivo final.

A todos muito obrigada.

## **Resumo**

Este trabalho centra-se numa proposta de criação de um Centro Interpretativo e de um Roteiro Arqueológico no concelho de Trancoso, direcionados para a valorização, preservação e sustentabilidade do património cultural, nomeadamente do património arqueológico. Por conseguinte, são averiguados os conceitos mais relevantes para o entendimento do ato em estudo: património, desenvolvimento local e turismo.

Foi ainda preocupação a análise destas concepções, tendo em conta as abrangências do turismo e da educação patrimonial, num desenvolvimento sustentável do Património Cultural, na área correspondente ao concelho de Trancoso, através do esclarecimento e auto responsabilização das comunidades locais.

Tendo o território, com a sua orografia, potencialidades para se notabilizar como produto turístico, adiciona-se a necessidade da elaboração de estratégias de desenvolvimento na região.

Esta herança única, revela a grandeza do património arqueológico e cultural da região que, juntamente com o promissor projeto do Centro Interpretativo e do Roteiro, permitirá um melhor entendimento das raízes e história local.

Além disso, uma comunidade mais instruída permitirá colaborar no seu reconhecimento e valorização, contribuindo para o desenvolvimento económico e social, através da criação de pequenas empresas e associações, valorização do artesanato, da gastronomia, da hotelaria, transportes, agricultura, serviços e fomentando a empregabilidade e o conhecimento para a vida.

### **Palavras-Chave**

Património, Roteiro, Centro Interpretativo, Arqueológico, Romano, Medieval, Trancoso, Educação Patrimonial.

## **Abstract:**

This work has focused on a proposal for the creation of an Interpretative Centre and an Archaeological Itinerary in the district of Trancoso, directed to the appreciation, preservation and sustainability of the cultural heritage, namely the archaeological heritage. Therefore, the most relevant concepts for the understanding of this action are considered: heritage, local development and tourism.

The analysis of these conceptions was also a concern, considering tourism and heritage education, in a sustainable development of the Cultural Heritage in the district of Trancoso, through the clarification and self-responsibility of local communities.

Due to its orography, the territory presents much potential to become known as a tourism product, and therefore there is the need for the elaboration of development strategies in the region.

This unique heritage reveals the grandeur of the archaeological and cultural heritage of the region. Certainly, it allows a better understanding of the roots and history of its people along with the promising creation of the Interpretative Center and the Itinerary. In addition, there will be a collaboration on its recognition and appreciation and will contribute to the economic and social development, through the creation of small companies, appreciation of high standards of craftsmanship, gastronomy, hotel industry, transports, agriculture, and services and the creation of employment.

### **Keywords**

Heritage, script, interpretive Center, archaeological, Roman, Medieval, Trancoso, Patrimonial education.

## Índice

|                                                                                            |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Dedicatória.....                                                                           | 1  |
| Agradecimentos .....                                                                       | 2  |
| Resumo .....                                                                               | 3  |
| Abstract: .....                                                                            | 4  |
| Índice.....                                                                                | 5  |
| Índice de Figuras.....                                                                     | 7  |
| Tabelas .....                                                                              | 10 |
| Introdução .....                                                                           | 11 |
| Capítulo 1: Cultura, Identidade e Património: conceitos e estado em questão .....          | 15 |
| 1.1. Cultura.....                                                                          | 15 |
| 1.2. Identidade.....                                                                       | 19 |
| 1.3. Património Cultural.....                                                              | 19 |
| 1.4. Interpretação do Património.....                                                      | 24 |
| Capítulo 2: O território, paisagem e contexto histórico-arqueológico.....                  | 26 |
| 2.1. Breve apontamento histórico sobre o concelho de Trancoso.....                         | 26 |
| 2.2. Breve apontamento geográfico e geomorfológico do concelho de Trancoso .....           | 28 |
| 2.2.1. Localização Administrativa .....                                                    | 28 |
| 2.2.2.- O relevo e o solo .....                                                            | 29 |
| 2.2.3. - O Clima.....                                                                      | 30 |
| 2.2.4. - População.....                                                                    | 30 |
| Capítulo 3: Projeto de criação de um Centro Interpretativo .....                           | 31 |
| 3.1. Proposta de planeamento para a criação do Centro Interpretativo.....                  | 31 |
| 3.2. Funções atribuídas ao Centro Interpretativo. ....                                     | 32 |
| 3.2.1 No âmbito das indústrias criativas .....                                             | 35 |
| 3.2.2 No âmbito das ações e formações ativas.....                                          | 38 |
| 3.2.3. No âmbito das estratégias passivas .....                                            | 39 |
| 3.3 Outras questões a considerar: Infraestruturas, dinâmicas, propósitos e estratégias.... | 41 |
| Capítulo 4: Proposta de criação de um Roteiro Arqueológico .....                           | 43 |
| Percurso (verde) .....                                                                     | 44 |
| Percurso (Azul) .....                                                                      | 44 |
| Percurso (Vermelho).....                                                                   | 44 |
| Tabela 1- Percurso (verde).....                                                            | 47 |

|                                                                                                    |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 2 - Percurso Azul.....                                                                      | 49  |
| Tabela 3 - Percurso (Vermelho).....                                                                | 51  |
| Considerações finais .....                                                                         | 54  |
| Percurso (verde).....                                                                              | 55  |
| Percurso (Azul).....                                                                               | 55  |
| Percurso (Vermelho).....                                                                           | 56  |
| Bibliografia .....                                                                                 | 57  |
| Webgrafia.....                                                                                     | 67  |
| ANEXO I – Levantamento dos sítios arqueológicos .....                                              | 70  |
| Introdução .....                                                                                   | 70  |
| I- Época Clássica.....                                                                             | 71  |
| Tabela 4- Sítios Arqueológicos mais relevantes identificados do período do romano .....            | 75  |
| Tapada do Oleiro e Castelo-Cogula do (Nº 4 do mapa da fig. 9) .....                                | 79  |
| Quinta do Campo, também designada por Quinta das Cardosas – Cótimos (Nº 6 do mapa da fig.9). ..... | 82  |
| Quinta da Banda D`Além I – Fiães (Nº 7 do mapa da fig. 9) .....                                    | 84  |
| Olos (Também designado por Soito Cabral – Freches) (Nº 9 do mapa fig. 9) .....                     | 86  |
| Quinta dos Corgos (Casais) Freches (Nº. 10 do mapa da fig. 9) .....                                | 88  |
| São Clemente - Freches (Nº. 11 do mapa da fig.9).....                                              | 89  |
| Forno do Telha – Granja (Nº. 12 do mapa da fig.9) .....                                            | 90  |
| Quinta do Prado - Vila da Sertã - Póvoa do Concelho (Nº.20 do mapa da fig. 9).....                 | 91  |
| Mina de Vale de Metoque – Trancoso (Nº.25 do mapa da Fig.9) .....                                  | 93  |
| Via do Sintrão (Nº.26 do mapa da Fig.9).....                                                       | 95  |
| Cabeço dos Telhões e Ponte do Massueime – Vila Garcia (Nº. 31 do mapa da fig.9) .....              | 97  |
| Lapa Chã/Inscrição- Vilares, Vilares (Nº 32 do mapa da fig. 9) .....                               | 99  |
| Eirinhas – Vilares (Nº 33 do mapa da fig. 9) .....                                                 | 102 |
| Igreja Nossa Senhora da Graça - Vilares (Nº. 35 do Mapa da Fig.9) .....                            | 104 |
| II - Idade Média.....                                                                              | 105 |
| Tabela 5 - Sítios Arqueológicos mais relevantes identificados do período Medieval ....             | 107 |
| Lagar da Quinta das Águas-Boas- Aldeia Nova (Nº. 1 do mapa da fig. 9). .....                       | 109 |
| Necrópole da Cova da Moura- Aldeia Nova (Nº. 2 do mapa da figº.9).....                             | 110 |
| Necrópole Nossa Senhora das Seixas - Fiães (Nº. 8 do mapa da fig. 9).....                          | 112 |
| Castelo de Moreira de Rei - (Nº 13 do mapa da fig. 9).....                                         | 113 |
| Igreja de Santa Marinha - (Nº 14 do mapa da fig. 9) .....                                          | 115 |

|                                                                                      |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Sepulturas do Cruzeiro de S. Vicente - Moreira de Rei (Nº.15 do mapa da fig. 9)..... | 117 |
| Necrópole de Moreira de Rei-Moreira de Rei (Nº. 16 do mapa fig.2) .....              | 119 |
| Calçada de Moreira de Rei (Nº 17 do mapa da fig. 9) .....                            | 121 |
| Cerca Urbana de Moreira de Rei (Nº 18 do mapa da fig. 9).....                        | 122 |
| Lagar do Castelo (Nº 19 do mapa da fig.9).....                                       | 123 |
| Castello de Sebadelhe (Nº 21 do mapa da fig. 9).....                                 | 126 |
| Eremitério do Terrenho (Nº. 22 do mapa da fig. 9) .....                              | 127 |
| Necrópole de Trancoso - (Nº. 23 do mapa da fig. 9) .....                             | 129 |
| Campo Militar de Trancoso - (Nº.24 do mapa da fig. 9) .....                          | 131 |
| Castelo de Trancoso (Nº.27 do mapa da Fig.9) .....                                   | 133 |
| Sepultura Rupestre de Chão de Tomé (Nº.28 do mapa da Fig. 9) .....                   | 138 |
| Necrópole da Micha (Nº. 29 do mapa da Fig. 9) .....                                  | 139 |
| Igreja de Nossa Senhora da Fresta - Trancoso (Nº- 30 do mapa da fig.9).....          | 141 |
| Necrópole de Plames – Vilares (Nº. 34 do mapa da fig. 9) .....                       | 143 |
| Grupo de Sepulturas sem qualquer Registo .....                                       | 145 |

## Índice de Figuras

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <i>Figura 1 - Exemplo de uma atividade prática de interação, com amostra de técnicas tradicionais e pré-históricas de construção de artefatos líticos à população local. Realização Museu de Mação-IPT .....</i>                                                                                            | <i>39</i> |
| <i>Figura 2 - Material ósseo recolhido no âmbito de trabalhos arqueológicos, exposto com réplicas a jovens. LABACPS-IPT.....</i>                                                                                                                                                                            | <i>39</i> |
| <i>Figura 3 - Quinta do Rouxinol, Olaria Romana - Seixal Foto Disponível em <a href="https://www.academia.edu/10488254">https://www.academia.edu/10488254</a> e Moldagem de cerâmica, disponível em <a href="https://www.bing.com/images/search?q=ke">https://www.bing.com/images/search?q=ke</a> .....</i> | <i>39</i> |
| <i>Figura 4 - Atividade “Vem ser arqueólogo por um dia” LABACPS-IPT (alvaiázere) .....</i>                                                                                                                                                                                                                  | <i>39</i> |
| <i>Figura 5 - Painel do museu do dinheiro, a título de exemplo.....</i>                                                                                                                                                                                                                                     | <i>40</i> |
| <i>Figura 6 - Foto de Kerry County Museum – Observação de um osso. In <a href="http://www.bing.com">www. big.com</a> .....</i>                                                                                                                                                                              | <i>40</i> |
| <i>Figura 7 - Um outro exemplo de equipamento que tem como objetivo apresentar o enquadramento geral sobre as temáticas. Disponível no museu de arqueologia de Sines. ....</i>                                                                                                                              | <i>40</i> |
| <i>Figura 8 - Representação dos locais arqueológicos do Concelho de Trancoso, realizado em sistema de informação geográfico e pormenor da sua localização no território português .....</i>                                                                                                                 | <i>46</i> |
| <i>Figura 9 - Percurso Verde .....</i>                                                                                                                                                                                                                                                                      | <i>48</i> |
| <i>Figura 10 - Percurso Azul.....</i>                                                                                                                                                                                                                                                                       | <i>50</i> |
| <i>Figura 11 - Percurso Vermelho .....</i>                                                                                                                                                                                                                                                                  | <i>53</i> |
| <i>Figura 12 - Ponte da Via de Freches (foto da autora) .....</i>                                                                                                                                                                                                                                           | <i>73</i> |
| <i>Figura 13 - Calçada romana de Freches (Foto da autora).....</i>                                                                                                                                                                                                                                          | <i>73</i> |

|                                                                                                                                                        |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <i>Figura 14 - Via do Sintrão (foto da autora).....</i>                                                                                                | <i>73</i>  |
| <i>Figura 15 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização do Castelo de Queiriz....</i>                                                     | <i>77</i>  |
| <i>Figura 16 - Parte da muralha com rocha aparelhada do lado Este onde o declive é muito acentuado (foto da autora).....</i>                           | <i>77</i>  |
| <i>Figura 17 - Recinto do Castro e Queiriz (foto da autora).....</i>                                                                                   | <i>77</i>  |
| <i>Figura 18 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização da Tapada do Oleiro – Cogula. ....</i>                                            | <i>79</i>  |
| <i>Figura 19 - Parte da muralha do Castello (foto de Sérgio Gorjão).....</i>                                                                           | <i>79</i>  |
| <i>Figura 20 - Zona do Castelo da Tapada do Oleiro (foto da autora).....</i>                                                                           | <i>80</i>  |
| <i>Figura 21- Zona da Villa da Tapada (foto da autora).....</i>                                                                                        | <i>80</i>  |
| <i>Figura 22 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização da Quinta das Cardogas - Cótimos.....</i>                                         | <i>82</i>  |
| <i>Figura 23 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização da Quinta da Banda D'Além - Fiães .....</i>                                       | <i>84</i>  |
| <i>Figura 24 - Zona de sopé da serra: Foto de Maria do Céu Ferreira Figura.....</i>                                                                    | <i>84</i>  |
| <i>Figura 25 - Zona de encosta: Foto de Maria do Céu Ferreira .....</i>                                                                                | <i>84</i>  |
| <i>Figura 26 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização de Olos, também designado por Soito Cabral. ....</i>                              | <i>86</i>  |
| <i>Figura 27 - SEQ Figura \* ARABIC 25 – Sitio Olos ou Soito Cabral.....</i>                                                                           | <i>86</i>  |
| <i>Figura 28 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – localização da Quinta dos Corgos.....</i>                                                     | <i>88</i>  |
| <i>Figura 29 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – localização da Quinta de S. Clemente-Freches.....</i>                                         | <i>89</i>  |
| <i>Figura 30 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) SEQ Imagem_satélite_Google_Earth (15.01.19) \*, Localização do Forno da Telha - Granja.....</i> | <i>90</i>  |
| <i>Figura 31 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19), (mapa nº. 2) – localização da Quinta do Prado.....</i>                                         | <i>91</i>  |
| <i>Figura 32 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19- (mapa nº. 2) – Localização do Vale Metoque.....</i>                                             | <i>93</i>  |
| <i>Figura 33 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19- (mapa nº. 2) – Localização da Via do Sintrão. ....</i>                                          | <i>95</i>  |
| <i>Figura 34 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização do Cabeço dos Telhões e Ponte do Massueime – Vila Garcia.....</i>                 | <i>97</i>  |
| <i>Figura 35 - Local da villa Cabeço dos Telhões (foto da autora) .....</i>                                                                            | <i>97</i>  |
| <i>Figura 36 - Ponte Romana da Ribeira de Massueime (foto da autora) .....</i>                                                                         | <i>97</i>  |
| <i>Figura 37 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização da inscrição de Vilares ..</i>                                                    | <i>99</i>  |
| <i>Figura 38 - Inscrição de Vilares (foto da autora) .....</i>                                                                                         | <i>99</i>  |
| <i>Figura 39 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – localização da Taoada das Eirinhas</i>                                                        | <i>102</i> |
| <i>Figura 40 - Cerâmica colhida do sítio de Eirinhas (foto da autora).....</i>                                                                         | <i>102</i> |
| <i>Figura 41 - Ilustração que exemplifica a semelhança do fragmento, fig. 33 .....</i>                                                                 | <i>102</i> |
| <i>Figura 42 - Pormenor da cerâmica do sítio de Eirinhas, onde é possível verificar as estrias de fabrico a torno (foto da autora).....</i>            | <i>102</i> |
| <i>Figura 43 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) 26 - Capela de Nossa Senhora da Graça .....</i>                                                 | <i>104</i> |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <i>Figura 44 – Lagar de tanque de pisa, prato e pio, foto retira da revista Al-madam,online, IIª série nº.21.....</i>                                                                                                                                                                                                   | <i>109</i> |
| <i>Figura 45 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – localização da Necrópole da Cova da Moura. ....</i>                                                                                                                                                                                                            | <i>110</i> |
| <i>Figura 46 - Sepultura da Necrópole da Cova da Moura – Aldeia Nova (foto da autora) .....</i>                                                                                                                                                                                                                         | <i>110</i> |
| <i>Figura 47- Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização da Necrópole das Seixas .....</i>                                                                                                                                                                                                                   | <i>112</i> |
| <i>Figura 48 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização do Castelo de Moreira de Rei.....</i>                                                                                                                                                                                                              | <i>113</i> |
| <i>Figura 49 - Exterior norte do Castelo de Moreira de Rei (foto da autora).....</i>                                                                                                                                                                                                                                    | <i>113</i> |
| <i>Figura 50 - Base da Torre de Menagem (foto da autora) .....</i>                                                                                                                                                                                                                                                      | <i>113</i> |
| <i>Figura 51 – Depósito situado no recinto do Castelo (foto da autora) .....</i>                                                                                                                                                                                                                                        | <i>113</i> |
| <i>Figura 52 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização da Igreja de Santa Marinha – Moreira de Rei. ....</i>                                                                                                                                                                                              | <i>115</i> |
| <i>Figura 53 - Igreja de Santa Marinha (foto da autora) .....</i>                                                                                                                                                                                                                                                       | <i>115</i> |
| <i>Figura 54 - Medidas Padrão do período medieval (foto da autora) .....</i>                                                                                                                                                                                                                                            | <i>115</i> |
| <i>Figura 55 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) SEQ Imagem_satélite_Google_Earth (15.01.19) \* ARABIC 13 - (mapa nº. 2) localização das sepulturas do cruzeiro de S. Vicente. ....</i>                                                                                                                           | <i>117</i> |
| <i>Figura 56 - Sepulturas do Cruzeiro de S. Vicente (foto da autora).....</i>                                                                                                                                                                                                                                           | <i>117</i> |
| <i>Figura 57 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização do Castelo de Moreira de Rei.....</i>                                                                                                                                                                                                              | <i>119</i> |
| <i>Figura 58 - Trabalho de conservação das sepulturas (foto da autora).....</i>                                                                                                                                                                                                                                         | <i>119</i> |
| <i>Figura 59 - Necrópole depois dos trabalhos de recuperação (foto da autora).....</i>                                                                                                                                                                                                                                  | <i>119</i> |
| <i>Figura 60 – Parte da cerca urbana de Moreira de Rei (foto da autora).....</i>                                                                                                                                                                                                                                        | <i>122</i> |
| <i>Figura 61 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização do Lagar do Castelos ..</i>                                                                                                                                                                                                                        | <i>123</i> |
| <i>Figura 62 - Uma velha prensa de vara romana, disponível em,<a href="https://www.clubevinhosportugueses.pt/turismo/antigos-lagares-romanos-sao-uma-preciosidade-na-zona-de-pinhel/">https://www.clubevinhosportugueses.pt/turismo/antigos-lagares-romanos-sao-uma-preciosidade-na-zona-de-pinhel/</a> .....</i>       | <i>124</i> |
| <i>Figura 63 - Lagar de prensa, disponível em, <a href="http://www.parimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/10_1/3/18-p.345-366.pdf">http://www.parimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/10_1/3/18-p.345-366.pdf</a>, consultado 05 julho 2018 -64 -.....</i> | <i>124</i> |
| <i>Figura 65 - Local do Lagar (foto da autora).....</i>                                                                                                                                                                                                                                                                 | <i>125</i> |
| <i>Figura 66 - Outra parte do lagar (foto da autora) .....</i>                                                                                                                                                                                                                                                          | <i>125</i> |
| <i>Figura 67 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19- (mapa nº. 2) - Localização do Castello de Sebadelhe da Serra.....</i>                                                                                                                                                                                            | <i>126</i> |
| <i>Figura 68 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19- (mapa nº. 2) – Localização do Eremitério .....</i>                                                                                                                                                                                                               | <i>127</i> |
| <i>Figura 69 - Parte do Eremitério do Terrenho (foto da autora).....</i>                                                                                                                                                                                                                                                | <i>127</i> |
| <i>Figura 70 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização da Necrópole de Trancoso .....</i>                                                                                                                                                                                                                 | <i>129</i> |
| <i>Figura 71 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização do Campo Militar de Trancoso.....</i>                                                                                                                                                                                                              | <i>131</i> |
| <i>Figura 72 - Marco Comemorativo da Batalha de Trancoso (foto da autora).....</i>                                                                                                                                                                                                                                      | <i>131</i> |

|                                                                                                                                                                              |            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <i>Figura 73 - Destroços da capela de São Marcos, mandada queimar pelo Rei de Castela (foto da autora).....</i>                                                              | <i>131</i> |
| <i>Figura 74 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19- (mapa nº. 2) – Localização do Castelo de Trancoso.....</i>                                                            | <i>133</i> |
| <i>Figura 75 - Base da Torre de Menagem do Castelo (foto da autora) .....</i>                                                                                                | <i>133</i> |
| <i>Figura 76 - Muros de habitação dentro do Castelo (foto da autora).....</i>                                                                                                | <i>133</i> |
| <i>Figura 77 - Testemunhos de carácter militar, do Castelo, disponível no folheto do posto de turismo 2011.....</i>                                                          | <i>133</i> |
| <i>Figura 78 - Exemplo de cerâmica, disponível no folheto do posto de turismo 2011.....</i>                                                                                  | <i>134</i> |
| <i>Figura 79 - Exemplo de cerâmica recolhido no interior do Castelo pela autora .....</i>                                                                                    | <i>134</i> |
| <i>Figura 80 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19- (mapa nº. 2) –Da sepultura do chão do Tomé.....</i>                                                                   | <i>138</i> |
| <i>Figura 81 - Sepultura do Chão de Tomé (foto da autora).....</i>                                                                                                           | <i>138</i> |
| <i>Figura 82 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19- (mapa nº. 2) – Da sepultura do chão do Tomé.....</i>                                                                  | <i>139</i> |
| <i>Figura 83 - Necrópole da Micha Velha (foto da autora).....</i>                                                                                                            | <i>139</i> |
| <i>Figura 84 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização da Igreja dentro do cemitério.....</i>                                                                  | <i>141</i> |
| <i>Figura 85 - Igreja Nossa Senhora da Fresta – Inicial (foto da autora). .....</i>                                                                                          | <i>141</i> |
| <i>Figura 86 - Igreja Nossa Senhora da Fresta na atualidade(foto da autora). .....</i>                                                                                       | <i>141</i> |
| <i>Figura 87 - Sepulturas numa das laterais exteriores da Igreja (foto da autora). .....</i>                                                                                 | <i>141</i> |
| <i>Figura 88 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização da Necrópole de Planes .....</i>                                                                        | <i>143</i> |
| <i>Figura 89 - Sepultura da Necrópole de Plames (foto da autora) .....</i>                                                                                                   | <i>143</i> |
| <i>Figura 90 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) Localização do grupo de sepulturas não mencionadas em toda a bibliografia consultada, no âmbito deste estudo.....</i> | <i>145</i> |
| <i>Figura 91 - Sepulturas inéditas – Vilares (foto da autora).....</i>                                                                                                       | <i>145</i> |
| <i>Figura 92 - Sepulturas inéditas – Vilares (foto da autora).....</i>                                                                                                       | <i>146</i> |

## **Tabelas**

|                                                                                                |            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <i>Tabela 1- Percurso (verde) .....</i>                                                        | <i>47</i>  |
| <i>Tabela 2 - Percurso Azul.....</i>                                                           | <i>49</i>  |
| <i>Tabela 3 - Percurso (Vermelho).....</i>                                                     | <i>51</i>  |
| <i>Tabela 4- Sítios Arqueológicos mais relevantes identificados do período do romano.....</i>  | <i>75</i>  |
| <i>Tabela 5 - Sítios Arqueológicos mais relevantes identificados do período Medieval .....</i> | <i>107</i> |

## **Introdução**

A dissertação tem como objetivo a realização de uma proposta de criação de um Centro Interpretativo e de um Roteiro de temática histórica e arqueológica dos períodos Clássico e Medieval.

Pretende-se caracterizar resumidamente os espaços e habitats, mudanças ou continuidades; ao nível social, cultural e económico destes povos, pelo estudo da sua permanência na região de Trancoso, enquadrado nas bacias das ribeiras de Massueime, afluente do rio Côa, da Muxagata, da Barroca, Tamanhos e Vilares, numa perspectiva direcionada para o uso dessa informação num Centro Interpretativo e na construção de um Roteiro

É o estudo realizado e desenvolvido na interpretação do património legado pelos povos romanos e medievais e a análise das estratégias do turismo do concelho que servirão de base para a futura criação do Centro Interpretativo e do Roteiro que será alinhavado para esta região, abrangendo o período já explanado. Deste modo, pretende-se caracterizar a ocupação neste espaço, congregando num documento a fundamentação necessária para a concretização plena deste projeto.

Com efeito, a melhor forma de dar a conhecer e difundir o património cultural passa por se proceder à sua exposição e observação direta, de modo a conhecer a sua história e encontrar as melhores estratégias para a divulgação destes bens. Assim, após o levantamento documental dos sítios, com base em obras, artigos e trabalhos de intervenção arqueológica realizado por investigadores, nomeadamente pelos técnicos do departamento de arqueologia da Câmara Municipal de Trancoso e pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Alexandra Águeda Figueiredo entre outros, elaborou-se um inventário com os sítios que consideramos pertinentes para talhar o nosso pano de fundo na construção do Roteiro, estabelecendo-se também os focos principais a serem trabalhados no centro de interpretação.

É nesta linha que desponta a proposta de criação destes dois projetos e do trabalho a desenvolver e a apresentar em quatro partes:

Capítulo I - Cultura, Identidade e Património;

Capítulo II - O território;

Capítulo III - Projeto de criação de um Centro Interpretativo;

Capítulo IV- Roteiro do Património

Capítulo V - Considerações finais e Conclusão.

O primeiro capítulo de natureza introdutória, corresponde à apresentação da temática em análise, cultura, identidade e património, na compreensão do património cultural, necessário à construção da identidade coletiva de uma comunidade. Tem ainda como propósitos referenciar conceitos e perceber como utilizar estas noções como meio de desenvolvimento económico-social. Assim sendo, para uma melhor compreensão desta herança é necessário entender os conceitos de cultura e património.

O concelho da Europa, na Declaração Universal da UNESCO, em 1966, define a cultura pelo conjunto de traços, espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade, como, as atividades criativas e tradicionais. Porém, a noção de património cultural difere do conceito de património e de cultura. Efetivamente o património cultural permite ao homem construir a sua própria identidade e ter uma visão mais ampla de todo o processo histórico, como reconhecer o passado e compreendê-lo (FERREIRA, 2013: p. 16).

O segundo capítulo apresenta a importância determinante na produção e enquadramento histórico, ainda que, com ausência de confirmação, no que se refere à compreensão dos sítios arqueológicos, resultante da escassez e estudos consequentes das diminutas pesquisas arqueológicas, se reveste de real relevância para a sua localização e compreensão espacial. O quadro geográfico insere na sua composição um total de setenta povoações. Quanto ao relevo e ao solo, oferecem diversas ligações de unidades geomorfológicas e diferentes altitudes com reflexos nas temperaturas e no tipo de vegetação e rede hidrográfica. Ao nível populacional é focado o género de comunidade, tida como rural e envelhecida, devido ao aumento da esperança média de vida e reduzida taxa de natalidade. Fenómeno este, provocado pela emigração dos mais jovens, cuja região não consegue dar resposta aos seus anseios.

O terceiro capítulo centra-se na elaboração de uma proposta de criação de um Centro Interpretativo e Arqueológico no concelho de Trancoso, apresentando-se como um recurso relevante para dar a conhecer o Património e as potencialidades e abrangências da região, tendo em conta as características do seu espaço geográfico, geomorfológico e populacional. Este projeto poderá constituir numa boa oportunidade para auxiliar a atração da população ao município, no sentido, de contribuir para o desenvolvimento da economia local, através da atividade turística que interliga os vários sectores da economia, nomeadamente a criação de emprego e o desenvolvimento cultural. Exige-se, assim, a elaboração de um projeto, cujo planeamento deverá ser refletido, permitindo, este trabalho, que agora propomos, ser um ponto de partida para esta discussão. O Centro deverá contemplar vários espaços: salas de exposição; sala de conferências e projeção de documentários sobre o concelho e seu património arqueológico, loja comercial e recepção, com acessibilidades para todos os visitantes. De referir

que, em exposição, deverão ser focados os sítios arqueológicos mais emblemáticos, presentes na região, dando um destaque para a Época Clássica e Idade Média, uma vez que este legado, é aquele que, na região se torna mais visível, sendo um indicador de uma intensa e prolongada permanência destes povos no local e que poderá ser mais atrativo em termos turísticos. Também o Roteiro deverá integrar os espaços mais relevantes e que permitam ao visitante o seu acesso, evidenciando as histórias mais emblemáticas ocorridas no concelho, de forma a garantir uma visão histórica e arqueológica dele.

Em exibição consideramos relevante a associação da componente expositiva com sistemas áudio, projeção de imagens e material fotográfico.

Pretende-se esclarecer as muitas dúvidas e colocar à vista de todos o património, e as estratégias mais relevantes para preservá-lo e valorizá-lo, de modo a ajudar a encontrar a identidade das comunidades aqui residentes ou com relação com este concelho. O espólio exposto deverá ser tratado e replicado para permitir que as pessoas possam ver, manusear, questionar-se, interagindo ativamente com os visitantes. No fundo, pretende-se dar vida aos objetos e atrair pessoas ao local que beneficiaria economicamente, através da permuta entre as gentes, seus hábitos e costumes. Daí que as temáticas do planeamento do turismo, irão assentar nos recursos culturais e naturais da região.

O quarto capítulo corresponde à elaboração de criação de um Roteiro Arqueológico a desenrolar-se em três vias. Para tal, exige-se uma identificação rigorosa dos sítios arqueológicos, elaboração dos percursos, distâncias, segurança, planificação da informação, como mapas, folhetos e acessibilidades, para que de forma agradável se dê a conhecer a história destes locais e o reconhecimento destes pela população.

Uma das preocupações na estruturação do Roteiro pauta-se por torná-lo num produto turístico que vá ao encontro dos interesses do visitante, de acordo com o perfil do público-alvo e sua identificação. A inserção do Roteiro no mercado do turismo, deverá dar a conhecer as valências da região, tais como; atrativos naturais, culturais, históricos, oferta de alojamento, serviços de restauração, produtos de lazer e festas regionais. Do mesmo modo, dar a conhecer a gastronomia, artesanato, música e folclore, possibilitando a promoção da região.

Efetivamente, o motivo da preferência pelo espaço geográfico do concelho de Trancoso, deve-se à vontade de conhecer as nossas raízes e memórias, através da valiosíssima herança arqueológica deixada pelos povos das Épocas Clássica e Medieval. Na medida em que, o legado transmite os modos de vida, crenças e costumes dos nossos antepassados, logo, todos devemos agir, no sentido de contribuir para a sua preservação, valorização, divulgação e sustentabilidade,

juntamente com investimento na área da investigação arqueológica e no desenvolvimento económico, social e cultural da região.

# Capítulo 1: Cultura, Identidade e Património: conceitos e estado em questão

## 1.1. Cultura

Para uma melhor compreensão do património cultural é necessário entender os conceitos de cultura e património. Estes são indispensáveis na construção da identidade coletiva de um povo.

A cultura é atualmente definida como o conjunto de conhecimentos adquiridos pelo homem na sociedade em que se encontra inserido, através das suas crenças, costumes, arte, moral, direitos, e outras valências, como membro de uma sociedade (SOUSA, 2008: p.22). Na cultura ocidental, sobretudo nos centros urbanos, o termo transborda o seu conceito, manifestando o que se designa por multiculturas e multiétnicas, que partilham traços de diferentes culturas e comportamentos sociais, estabelecendo ao conceito de cultura novos limites, definindo-se num carácter global identitário. Cada vez mais, a cultura de um povo fica, então, mais ligada ao seu passado, do que ao seu presente, exatamente devido aos multitraços e facetas culturais que influenciam a sociedade atual. Neste sentido, o termo tem ganho, ao longo do tempo, uma consciência de mutação rápida e pouco definida, acompanhando a evolução comportamental e da relação social humana.

Se olharmos para o passado, antes do séc. XV, viveu-se o período da expansão do império e do comércio, que motivou a curiosidade pelos costumes exóticos dos povos descobertos e pela aquisição de conhecimentos sobre essa diversidade. Estas culturas foram interpretadas pelo árabe Ibn Haldun (1332-1406), entre outros autores medievais (PÉREZ, sem ano: p. 96), para quem o conceito era simplista, marcando a diferença de pensamento e comportamento entre grupos.

Nos Séculos XV e XVI - José de Acosta (1539 – 1600), Bartolomé de las Casas (1474-1566) Padre António Vieira (1608-1697) Jean Bodin (1530-96) e M. Montaigne (1533-92), dedicaram-se ao conhecimento da cultura ocidental, marcada pelo comércio de escravos e pelo desenvolvimento do capitalismo mercantil (Idem, sem ano, p.96). Com a chegada ao novo mundo, surge um novo espaço de estudo, permitindo observar e analisar os hábitos e costumes desses povos.

Foi Bartolomé de las Casas e o Padre Acosta, nas suas obras “Relaciones Jesuíticas” e “teoria do bom selvagem”, um dos primeiros a criar uma teoria, ao considerar os índios puros e bons, pelo que deviam ser evangelizados, enquanto os negros deviam ser escravizados. Assim

surge o conceito do relativismo cultural, definido como uma atitude e forma de lidar com os outros, respeitando a diversidade.

Já o século XVIII assiste-se a um desabrochar do termo cultura, pelo interesse do estudo da história humana, passando o homem a ser o centro da questão. Assim, o século fica assinalado pela abolição da escravatura, pelo início do colonialismo moderno e pela formação do capitalismo industrial. Luta-se pela igualdade, liberdade, fraternidade entre os humanos e tolerância pela desigualdade entre culturas. Nesse período, vive-se a preocupação pelas diferenças e semelhanças, surge o interesse pelo estudo da História da humanidade associado à dicotomia primitivo/civilizado. A consciência do progresso colide com o sentimento de que o homem é bom, mas, é corrompido pela sociedade (Idem, sem ano: p. 98).

Na perspectiva do Franz Boas (1858-1942), antropólogo alemão que se dedicou à investigação das tribos primitivas e a estudar os tipos humanos e a linguagem, cada cultura teria a sua própria história e para se compreender era necessário reconstruir a história de cada cultura (Idem, sem ano: p.73). Segundo Xerardo Pérez, o autor defendeu ainda, que não existem culturas superiores nem inferiores, indo ao encontro dos princípios do relativismo cultural, que se observava na época. Assim considerou que as práticas de valores deveriam compreender-se dentro do contexto de cada cultura e não pelos padrões da cultura do antropólogo.

Por outro lado, o antropólogo evolucionista britânico, Edward Burnett Tylor (1920, p. 1), no seu livro *Primitive Culture*, Capítulo I, ilustra a cultura como o conjunto de todo o tipo de produtos, materiais e imateriais das atividades do ser humano. Este interessa-se pela subsistência de costumes e ritos antigos, tendo-se empenhado, especialmente pela religião e pela crença (PEREIRA, 2017: p.16) na sua obra *Presença Templária em Tomar – Proposta para a criação de um Centro Interpretativo* - o conceito de cultura, surge em 1871, com Edward Burnett Tylor, representante da escola evolucionista, que atribui grande valor à ciência da natureza, procurando aplicá-lo às ciências sociais (Idem, sem ano: 97).

Contudo, este autor foi criticado por outros, nomeadamente Evans Pritchard, na sua obra *História del pensamiento antropológico* (1987), que refere Tylor como um investigador que pretendia transformar a antropologia numa ciência de estatísticas, tabulações e classificações, insuficiente para um entendimento completo do Homem.

A partir da segunda metade do século XIX, segundo Maria Alexandra Gonçalves, (2012: p. 49), a cultura aparece ligada à antropologia e à arqueologia, altura em que todo o património começa a despertar interesse nos estudiosos.

Em meados do século XX, Alfred Kroeber escreveu que “a maior realização da Antropologia na primeira metade do século XX foi a ampliação e a clarificação do conceito de

cultura” (“*Anthropology*”, in *Scientific American*,”). Este autor, no seu artigo, “O Superorgânico” (in *American Anthropologist*), vol. XIX, nº 2, 1917, separa o cultural e o biológico, atribuindo a supremacia à cultura em detrimento da biológica. Posteriormente, o período designado por Neo-evolucionismo, vai associar à cultura, todas as questões referentes à adaptação ao meio ambiente. Alfred Kroeber (citado por SOUSA, 2008: p. 23) em 1950, considera as perspectivas ideológicas como agentes da mudança cultural.

Por sua vez, Maria Alexandra Gonçalves (2012, pp. 43-44) refere que o antropólogo Alfred Kroeber e o investigador Clyde Kluckhonn (1952), definem a cultura pela vivência de um povo na sua totalidade, isto é, na maneira de pensar, sentir, acreditar e agir, assim como o conhecimento adquirido pelo grupo de pertença.

Também em 1958, Kroeber e o sociólogo Talcott Parsons, delimitaram a cultura na fronteira entre a sociologia e a antropologia, (CARDOSO, 2003: pp. 38) que também foi assim entendida por (AZEVEDO, 2017: p. 210), que no ano de 1958, publicou a obra “*Cultura e Sociedade*”, onde são reconstituídos os discursos sobre a cultura britânica entre 1780 e 1950 e, onde identifica a cultura firmada em dois pontos de vista o sociológico e o antropológico. O autor refere-se ainda à obra “*The Long Revolution*” de 1961, na qual, são analisadas as ideias sobre a cultura e sociedade.

Posteriormente, Roger Keesing em seu artigo “*Theories of Culture 1960*” considera a cultura como um processo adaptativo, no qual o homem é considerado como um animal e, como todos os animais, deve adaptar-se ao meio envolvente para sobreviver (LARAIA, 2001: p. 31). Porém, entre 1960 e 1970 é ainda compreendida como um sistema de signos partilhados e divididos sob a influência de quem se dedica ao seu estudo. De acordo com Claude Lévi-Strauss (1962) na sua obra “*La Pensée Sauvage*”, define a cultura como um sistema de comunicação simbólica e de mito. As formas simbólicas só ganham expressão plena na interação social e no uso que é feito delas, de acordo com o modo como os indivíduos as interpretam. A cultura deve ser estudada de forma metódica e crítica, onde o pensamento humano e as práticas de um determinado grupo ficam submetidos a princípios, tais como, a lógica de contrates que os unem. Na perspectiva do autor, os paralelismos culturais são explicados através do conceito onde:

*“A história não está ligada ao homem, nem a qualquer objeto em particular. Consiste inteiramente no seu método; a experiência comprova que ele é indispensável para inventariar a integralidade dos elementos de uma estrutura qualquer, humana ou não humana. Longe portanto da pesquisa da inteligibilidade resultar na história como o seu ponto de chegada, é a história que serve de ponto de partida para toda a busca de inteligibilidade. Assim como se diz de certas carreiras, a história leva a tudo, mas contanto que se saia dela (Lévi-Strauss, 1962)”*.

Mais tarde Clifford Geertz e Clyde Kluckhohn, no *Mirror for Man*, definem a cultura como:

1) “*O modo de vida global de um povo... [2] ... O legado social que o indivíduo adquire do seu grupo... [3]... uma forma de pensar, sentir e acreditar*”; 4) “*uma abstração do comportamento*”; 5) “*uma teoria elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comportam realmente*”; 6) “*um celeiro de aprendizagem em comum*”; 7) “*um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes*”; 8) “*comportamento apreendido*”; “*um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento*” ...[10]... “*um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros*” ...[11]... “*um precipitado da história*” (GEERTZ & KLUCKHOHN, 1973).

Segundo Lúcio Sousa (2008, p. 26) o antropólogo norte-americano Clifford Geertz, escreve em 1973 no artigo “*A transição para a humanidade*” que o assunto mais importante da nova teoria antropológica era “*diminuir a amplitude do conceito e transformá-lo num instrumento mais especializado e mais poderoso teoricamente*”. Na perspectiva de Clifford Geertz (1973: p.4), o conceito de cultura, é fundamentalmente semiótico. Tal como Max Weber, acreditava o homem é um animal preso a teias de valores que ele mesmo produziu. Vê a cultura como uma ciência interpretativa, procurando o significado. Para o autor, na visão da antropologia social, o que define a cultura é a etnografia, que depois de assimilada, representa o conhecimento. Todos os homens são geneticamente aptos para receber, aquilo a que chamamos de cultura. Considera ainda, que a abordagem ao estudo de uma determinada sociedade é admitir que os costumes, crenças e tradições, serão transmitidos de geração em geração, assim como aspirava retirar conclusões que lhe permitissem encontrar semelhanças e diferenças com outros povos. Os símbolos também não seriam mensagens da sociedade para os indivíduos, mas sim um meio comunicação, pois possuem uma capacidade evocativa, mais ao nível das emoções do que dos conhecimentos, mais afetivos do que cognitivos e são transmissores de valores (LARAIA, 2001: p.31).

Após os anos 80, a cultura é retratada como uma forma de representação do património cultural, onde se destaca Richard Handler, em passando a ser vista como uma coisa, um objeto ou uma entidade 1988 (PÉREZ, 2009: p. 142).

A partir do século XXI, o antropólogo Adam Kuper tem necessidade de refletir sobre a sua ação no terreno, no sentido de obter um melhor esclarecimento da construção intersubjetiva do seu saber. Assim na sua obra “*Cultura: A visão dos antropólogos*” de 2002, classifica a cultura por semiótica e, mostra a sua apreensão com a mediocridade e banalização do conceito que a

define, pelo que, responsabiliza os estudos culturais e o multiculturalismo pelo seu efeito maligno. Contesta ainda, as tendências intelectuais da França, Alemanha e Inglaterra dos séculos XVIII e XIX (CAMPOS, 2004: p.24).

Já Lúcio Sousa (2008. p.26) considera que as condutas transmitidas socialmente, ligam as comunidades humanas ao seu alicerce biológico, incluindo padrões de agrupamento social e organização política, modos de organização económica, tecnologias, crenças e práticas religiosas.

Mais próximo da atualidade (DALGALARRONDO, 2013: pp. 53-54), dá uma perspectiva europeia, focando essencialmente a França, Alemanha e a Inglaterra. Assim, destaca na tradição Francesa, o termo cultura como uma representação da civilização, constituída por uma conquista, progressiva e abundante de todo o ser humano, pelo que, este termo estava associado ao progresso individual, mais propriamente ao culto do Homem. Já na Alemanha (2013: p.54), destacando Kultur, refere que algumas perspectivas se aplicam a defesa da tradição nacional, dos valores espirituais, das artes e do artesanato. É considerada como proveniente de uma elite francófona, cosmopolita e materialista, que se opõe ao termo *Civilization*. Quanto à tradição Inglesa refere que a cultura se descreve na interiorização da “história do espírito humano”, sendo transmitida através do sistema educativo e expressa essencialmente através da arte (DALGARRONDO, 2013: 56). É com base nestas três perspectivas que o termo cultura se assenta teoricamente.

## **1.2. Identidade**

O conceito de identidade está intimamente ligado ao sentimento de pertença a um determinado grupo social e à diversidade do seu património cultural, como, a sua religião, cultura, música, modo de falar e vestir, entre outros, que concebem os seus hábitos e costumes.

Pelo que, a herança comum, as memórias e o património devem continuar a ser transmitidos de geração em geração, pois são eles, que definem sua história (PÉREZ, 2009: p. 84).

Desta forma, a identidade surge, da interação e partilha que o indivíduo desenvolve com outros elementos da sua comunidade e seu meio ambiente.

## **1.3. Património Cultural**

O Homem é um ser de conhecimento, no sentido, em que é um criador de património ou *patrimonium*, de acordo com a origem latina do vocábulo (TEIXEIRA, 2014: pp. 8-10) O

reconhecimento do património cultural e consequentemente a necessidade da sua proteção e preservação emerge no século XVIII com a Revolução Francesa. Em consequência desta revolução surge uma nova mentalidade que origina uma sociedade esclarecida, conforme (PEREIRA, 2017: pp.16-17) tornando-se Paris o epicentro dessa sociedade iluminista. A partir deste período surge a primeira conexão entre património e cultura no ocidente, onde os monumentos nacionais são reconhecidos como algo a preservar e valorizar (PÉREZ, 2009: p. 140). Nesse sentido no século XIX, foram legisladas, juridicamente nas Assembleias Constituintes medidas destinadas a proteger os bens patrimoniais pilhados que se encontravam na época à disposição de todos (PEREIRA, 2017: p.17), Tal como aconteceu após a Revolução Francesa, com a necessidade de proteger o património da destruição furtiva, também em 1945, após a segunda Guerra Mundial, foram criados organismos internacionais como: UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) e o ICOMOS (International Council on Monuments and Sites), que aprovaram regulamentações, no sentido da salvaguarda e proteção do património (PEREIRA, 2017: p.17).

Em 1954 na Convenção de Haia, devido à preocupação com a proteção dos bens culturais, em caso de conflito, ficou definido pela primeira vez, o que devia ser entendido como património cultural, independentemente da sua origem ou do seu proprietário. Assim, são de interesse histórico ou arqueológico: as coleções científicas, certas coleções de livros, arquivos ou reproduções das mercadorias acima definidas, museus, grandes bibliotecas e abrigos destinados a abrigar no caso de conflito armado.

Mas é em França, por volta de 1980 que surge o conceito de património cultural (PEREZ, 2009: p.140). O homem passa a reconhecer esse património como sua propriedade, sentindo a necessidade de o proteger e preservar, sentimento esse que se alastra pelo mundo ocidental. Em consequência o ocidente torna-se pioneiro na preservação desses bens, em arquivos, bibliotecas e museus.

Todavia, nem sempre foi assim, no final do séc. XIX e início do século XX, com a Revolução Indústria, vive-se um período associado a grandes transformações, nomeadamente ao nível do progresso científico, tecnológico e mental (TEIXEIRA, 2014: pp.21 e 22). Adicionalmente verifica-se a desagregação das comunidades, que emigraram em massa das zonas rurais para as cidades, acabando por assimilar o progresso aí existente (CARPENTIER & LEBRUN, 2002: p. 305). O êxodo dos campos para as cidades leva ao aumento das populações nas zonas citadinas e à necessidade de encontrar novos espaços destinados à construção de zonas residenciais, circulação e atividades de lazer, valorizando o futuro em detrimento do passado, nomeadamente do património. Na verdade, são as elites com mais instrução e com mais

capacidade económica que passam a desenvolver esforços, no sentido de parar com a destruição do património arquitetónico e artístico. Alegam que o acervo histórico deve ser protegido, porque é o registo das civilizações anteriores que determinam a existência de uma cultura e explicam as particularidades de um povo (TEIXEIRA, 2014: p. 22).

É este sentimento de proteção que vai estar na origem do surgimento dos primeiros museus, arquivos, bibliotecas e outros acervos documentais, daí a necessidade da UNESCO, na Convenção de 2015, determinar a “*Recomendação para a proteção e promoção dos museus e colecções*”.

Mas é nos séculos XX e XXI que o conceito de património cultural se torna mais abrangente e definido em património material e imaterial, com tendência a ter um sentido público, comunitário (TEIXEIRA, 2014: p. 22). Passa a ser matéria e é considerado como uma materialização da cultura, através dos objetos e, uma expressão da cultura de comunidades, pelas suas práticas, conhecimentos, expressões e lugares entre outras interpretações (HANDLER, 1988), (PÉREZ, 2009: p. 141). A preservação e dignificação desse legado permite ao Homem construir a sua própria identidade e ter uma visão mais alargada do processo histórico.

Assim, no Gabinete de Estratégia e Planeamento e Avaliação Culturais (1972) foi elaborada pela UNESCO, uma Convenção para a Proteção e Salvaguarda do Património Mundial Cultural e Natural, que define o que se deve entender como património cultural fazendo referência aos monumentos, locais de interesse público, arte, ciência, história, valores etnológicos, antropológicos e estéticos (CAFÉ, 2007: p.31).

Foi ainda igualmente dotado pela comunidade internacional o conceito de «desenvolvimento sustentável» pelo Gabinete de Estratégia e Planeamento e Avaliação Culturais (1972). Mas é a partir de 1976, que o Património Cultural passa a ser reconhecido como símbolo da Humanidade e, a UNESCO, passa a desenvolver esforços no sentido de aumentar e proteger o Património Cultural. Estes testemunhos, portadores de interesse cultural são constituídos por: monumentos, edifícios, sítios arqueológicos, locais históricos, elementos naturais, como árvores, grutas, lagos e montanhas, entre outros. Os primeiros significados inerentes à arqueologia industrial, foram apresentados nos anos 80, do século XX, por Jaques Pinard que considera que os vestígios reveladores do património industrial de um determinado país permitem determinar os grandes momentos de seu passado manufatureiro, como os principais estágios da evolução de uma técnica segundo (CAFÉ, 2007: p.29.).

Em outubro de 1985 em Granada, na Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa foi definido o património cultural no âmbito dos monumentos, conjuntos arquitetónicos e sítios. Nesse ano, a noção nacional de património cultural já era

bastante significativa. Foram especificados os bens que deviam integrar a noção de património cultural, ou seja, a sua classificação como bens materiais e imateriais. Devido ao seu reconhecido valor devem ser considerados de grande importância para a permanência e identidade da cultura portuguesa ao longo dos tempos.” (Lei do Património Cultural, Lei n.º.13/85 de 6 de julho, Artigo 1º) 14 (Idem, 2007: p.23.).

Segundo a Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas – ICOMOS, em 1987 – todas as cidades, grandes ou pequenas, e centros ou bairros históricos, são considerados documentos históricos, que demonstram os próprios valores das civilizações urbanas tradicionais. As ameaças de degradação, a que estavam sujeitas, provocam danos irreversíveis de carácter cultural, social e económico. Nesse sentido, o ICOMOS achou necessário elaborar a Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas, completando a já existente Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e sítios (Veneza, 1964).

Em 1997, na convenção Europeia Para a Proteção do Património Arqueológico (Revista) - Convenção de Malta, aprovada em 9 de outubro, pelo Presidente da Assembleia da República, António de Almeida Santos teve como finalidade fomentar uma maior unidade entre os membros da união europeia, com o propósito da salvaguarda dos ideais e princípios do seu património arqueológico comum, considerado como contributo essencial para o conhecimento da história da humanidade. Foram também retificadas as Convenções 1954, 1969, 1985, e recomendações de 848 (1978), 921 (1981) e 1072 (1988), tendo em conta a proteção e valorização do património arqueológico.

Tomou-se consciência de quanto o património arqueológico europeu evidência a história antiga e o quanto está seriamente ameaçado de deterioração devido aos riscos naturais, escavações clandestinas ou não-científicas e insuficiente conscientização pública. Assim, foi deliberado reconhecer a necessidade de proteger o legado, devendo realizar procedimentos adequados de supervisão administrativa e científica, de modo a refletirem-se nas políticas, de planeamento urbano, rural e desenvolvimento cultural. Evidenciou-se que a responsabilidade pela proteção do património arqueológico deve apoiar-se em todos os países europeus. Para a redução do risco de deterioração e promoção de conservação deve ser estimulado o intercâmbio de especialistas e a comparação de experiências.

Na 31.ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2001) realizada a 2 novembro de 2001, em Paris, foi reconhecida a importância do património cultural subaquático, como parte integrante do património cultural da humanidade. Constatou-se a sua importância, nas relações mútuas das nações e povos, no que concerne ao seu património comum, cuja importância da proteção e preservação, deve recair

sobre todos os Estados membros. O progressivo interesse e consideração pelo património cultural subaquático por parte do público, levou os estados membros, na 31ª. Conferência, a tomar medidas ao nível de recursos científicos, técnicas e equipamentos apropriados, elevado grau de especialidade profissional e aplicação de critérios uniformes, entre outras.

No seu artigo 1º. foi definido como:

*“«Património cultural subaquático» todos os vestígios, da existência do homem; de carácter cultural, histórico ou arqueológico, que se encontrem parcial ou totalmente submersos, há, pelo menos, 100 anos. Assim, foram considerados:*

*“I) Sítios, estruturas, edifícios, artefatos e restos humanos, bem como o respetivo contexto arqueológico natural; II) Navios, aeronaves e outros veículos, ou parte deles, a respetiva carga ou outro conteúdo, bem como o respetivo contexto arqueológico e natural; e III) Artefatos de carácter pré-históricos. b) Os oleodutos e cabos colocados no leito do mar não serão considerados parte integrante do património cultural subaquático. c) As instalações diferentes de oleodutos ou cabos colocados no leito do mar e ainda em uso, não serão considerados parte integrante do património cultural subaquático”.*

Conforme o descrito observa-se que as definições para a noção de património vão progressivamente possuindo um crescente número de artigos e produzindo nova legislação. Com o propósito de responder aos desafios enfrentados pela conservação, desenvolvimento e uso do património, elaborou-se em Abril de 2005 a “Declaração de Namur - *“O Património Cultural no século XXI; uma estratégia comum para a Europa”*. Foram aprovadas deliberações, relacionadas com o património e cidadania; património e sociedade; património e economia; património e conhecimento, património e território, património e desenvolvimento sustentável.

Em suma: O património cultural é o espelho dos valores de memória, de autenticidade e singularidade, quer a nível histórico, arqueológico, arquitetónico ou linguístico, sejam eles herdados ou criados. Retratam-se como testemunhos civilizacionais e, por isso, são portadores de interesse cultural, (CAFÉ, 2007: p.23).

Deste modo, tal como nos locais mencionados, também na área territorial de Trancoso, esta herança do passado, constituída pelos significados sociais, valores, memória e identidade, demonstram o modo de vida das comunidades do passado que foi transmitido e veiculado ao longo dos tempos. Portanto, do património cultural emerge o conhecimento, onde os objetos e o património imaterial são interrogados, analisados, investigados e finalmente expressos em conceitos.

## 1.4. Interpretação do Património

A interpretação do património surge pela preocupação da sua conservação e divulgação. Teve a sua origem nos parques de vida tradicional ligados à etnologia regional europeia dos países escandinavos, comprovado pela apresentação de uma coleção de casas camponesas no ano 1881 pelo rei Óscar II da Noruega. A interpretação enquanto metodologia, surge nos parques naturais dos EUA, entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial (PÉREZ, 2009: p.224). Esta interpretação é algo que usamos ao longo da nossa atividade diária.

Interpretar representa saber esclarecer o que existe de desconhecido, por meio de novas formas explicativas, novas perspectivas de ideias, atos e emoções. Por conseguinte, é quando o Homem compreende os conceitos atribuídos aos valores e sentimentos (TEIXEIRA, 2014: p.81).

No ano de 1977, *Freeman Tilden*, na sua obra *Interpreting our heritage*, surge com a primeira definição oficial de interpretação como atividade educativa (PEREZ, 2009: pp.224 - 227). O objetivo seria divulgar significados e conexões através do manuseamento dos artefatos pelo visitante e meios interpretativos (Idem, 2009: p.226). Nesse sentido, criam-se as bases de sustentação do método interpretativo, tal como esclarecer que a informação só por si, não é interpretação, mas sim uma divulgação assente na informação. A interpretação deve ter como objetivo o estímulo, deve expor o todo e não a fragmentação, devendo ser uma explicação concisa em termos concretos de quantidade e qualidade de informação. Quando a informação é dirigida às crianças deve ter um tratamento próprio, quanto aos adultos deve estar de acordo com as características do visitante. A interpretação é, desta forma, crucial no modo como se estabelece a ponte entre o passado e o presente. Por conseguinte, os agentes de interpretação têm que ter a noção de que o resultado do seu trabalho vai influenciar o sentimento de identidade individual e coletiva (TEIXEIRA, 2014: p.81).

Também em 2008, a Assembleia Geral do ICOMOS, a *charter for the interpretation and presentation of cultural heritage sites*, define sete princípios que irão funcionar como suporte da interpretação. Assim:

“I - princípio da acessibilidade física e intelectual para todos; II - a garantia da fiabilidade científica das fontes de informação; III – a atenção às configurações e contextos que compõem o ambiente que rodeia o património cultural; ...[IV]... a preservação da autenticidade; ...[V]... o planeamento sustentável; ... [VI]... a preocupação com uma política colaborativa entre profissionais e comunidade; ...[VII]...- o princípio

*que realça a importância da contínua pesquisa, formação e avaliação”* (PEREIRA, 2017: p.22).

Mas ainda é necessário para uma eficiente leitura interpretativa ter em conta: “*Análise – diagnóstico*” - identificar o alvo a interpretar, a fim de esclarecer as particularidades próprias do objeto; “*Conceptualização*” - procedimento lógico, por meio do qual são desenvolvidos objetivos; “*Programas de atuação*” - Comunicação, exposição, exploração, quais os agentes envolvidos como; profissionais, instituições e comunidade (PÉREZ, 2009: p. 239).

Em 2005, *Colquhoun* apresenta as outras modalidades interpretativas:

- a interpretação pessoal, que consiste em roteiros culturais acompanhados por guias;
- a História viva, onde explica e representa os modos de vida das gentes do passado, estimulando o visitante e a interação com o meio;
- a utilização de áudio guias, ferramenta portátil, quando possuidora de seleção linguística, uma vez que permite realizar a visita ao ritmo de cada um.

Bem como outros suportes, como os folhetos, catálogos e painéis informativos que podem ser dispostos ao longo da exposição, (PEREIRA, 2017: p.24) com base na investigação documental, trabalho de campo, observação participante, inquéritos, entrevistas e inventário de recursos.

A acrescer a estes, cada vez mais, na atualidade se utilizam as mais modernas ferramentas e tecnologias digitais, como roteiros tridimensionais, uso de leituras por códigos QR, transposições de realidades faccionadas (regresso ao passado a realidades hipotéticas, por meio de mecanismos tridimensionais).

Portanto o mais interessante da interpretação é persuadir e despertar o visitante a admirar, estimar, preservar e difundir a mensagem da valorização do património, daí se criar a necessidade de um Centro Interpretativo junto das comunidades locais que possuem estes bens.

## Capítulo 2: O território, paisagem e contexto histórico-arqueológico

### 2.1. Breve apontamento histórico sobre o concelho de Trancoso

Não nos é possível confirmar com rigor científico a origem e a ocupação da região, essencialmente devido aos diminutos estudos resultantes das escassas pesquisas arqueológicas. Pelos dados existentes, a ocupação da região remonta à Pré-história (FIGUEIREDO, 1997: p.19), destacando-se aqui:

- o sítio de Vale do Seixo e Vila Garcia, onde foi encontrado um machado de pedra polida do período Neo-Calcolítico (FIGUEIREDO, 1997);
- o sítio do Prado, onde se recuperaram diversos fragmentos de cerâmica;
- na Quinta da Atalaia, sítio do Calcolítico, onde foi possível registar diversos elementos de machados em anfibolito, fragmentos de cerâmica, mós e moventes em granito e fragmentos de pesos de tear (FIGUEIREDO, 1997: p. 241-250).
- duas antas (LEISNER, 1998; MOITA, 1966). Uma nos Penedos Jungidos, na freguesia de Aldeia Nova e a outra na Venda do Cepo, freguesia de Santa Maria.

Seguem-se os povos da Idade do Ferro que se fixaram em pequenos castros com suas famílias e seus haveres (PROENÇA, 1908). Foi num desses castros pré-romanos que Trancoso terá tido a sua origem e, onde posteriormente foi erigido o castelo. Para além deste, dos castros mais emblemáticos, na região, são os castros da Cogula e o de Cótimos (FIGUEIREDO, 1997).

Contudo, deve-se aos romanos a emergência, sobre o rudimentar castro, de um habitat fortificado, transformando o local numa *Civita* romana, possuidora de acrópole e de um recinto amuralhado para proteção da população. Contudo, não se tem conhecimento exato desse facto, nem sobre o que sucedeu aos sítios romanos, após os séculos IV e V, nem como se integrou a região nos sistemas administrativos e eclesiástico das monarquias sueva e visigoda, devido à eximia documentação (TENTE, 2007: p.453). O pouco que se sabe deve-se às escavações arqueológicas realizadas na região a Noroeste da Serra da Estrela, da qual, faz parte a região de Trancoso. Verificou-se então, a fragmentação ou desaparecimento das *civitates* romanas, e o surgimento de uma nova organização de povoamento, de onde emergiram novas elites, que dominaram áreas mais restritas. A chegada dos povos germânicos, como os suevos e visigodos à região da Beira Interior, verificou-se na segunda metade do século V até ao século VII.

Segundo, (TENTE, 2007: p.453) verificou-se, que as regiões mais interiores sofreram, a partir deste período, uma profunda transformação, rotura e declínio, confirmada pelos ínfimos vestígios arqueológicos. A confirmar a presença dos povos destes séculos na região, temos alguns elementos arquitetónicos em contexto arqueológico de origem condal em Trancoso, indicadores do prestígio das suas elites. Entre eles foi encontrado um triente suevo de Valentiniano III num rochedo no concelho da Guarda, uma inscrição funerária visigótica, datada de 666 (BARROCA, 1992) e uma inscrição em Vilares, documentando a construção de uma primitiva igreja no termo do séc. V. Um outro testemunho muito importante e que caracteriza o modo de habitat da população, são as sepulturas escavadas na rocha (FIGUEIREDO, 1997) e alguns fragmentos de cerâmica comum e telha, junto das mesmas. Estas sepulturas poderão datar-se dos séculos VII até XIII, sendo as mais antigas de designação não antropomórficas. Sejam antropomórficas ou não, registam-se um pouco por todo o concelho, sendo as mais conhecidas as localizadas a noroeste das muralhas de Trancoso, junto ao tribunal e porta do Carvalho, na freguesia de Santa Maria. Esta data da Baixa Idade Média e é constituída por 17 sepulturas. Como se constata, os vestígios existentes são mais ligados à estrutura religiosa de período suevovisigodo.

As primeiras alusões documentais, sobre o poder real na região do Alto Mondego, entre Távora e Côa, e na qual se inserem os castelos de D. Flamula, datam de 960 e, onde especificam o castelo de Trancoso. Os castelos de D. Flâmula podem ter sido mandados construir pelo pai de D. Flamula, Rodrigo Teodones e Leogúncia Dias.

Entre 712 e 1065, Trancoso transita definitivamente para o reino da Galiza e passa por várias fases de conquistas e reconquistas entre mouros e cristãos. Foi doado por D. Afonso VI da Galiza a D. Teresa como dote de casamento com D. Henrique de Borgonha.

Em 1173 recebe o primeiro foral por D. Afonso Henriques.

No ano 1217 é confirmado o foral por D. Sancho I e foram ampliadas as muralhas.

No ano 1282, realiza-se em Trancoso o casamento de D. Dinis com D. Isabel de Aragão. A partir do reinado de D. Afonso III foi criada a chamada Feira Franca com todos os privilégios e leis de uma feira.

No reinado de D João I em 1290 as muralhas são reparadas, ampliadas e recebem novos elementos arquitetónicos.

Em 1385 deu-se a batalha de S. Marcos e constrói-se em sua homenagem a Capela de São Bartolomeu.

Em 1510 recebe em Santarém um novo foral por D. Manuel I.

E no ano de 1530, a muralha foi contemplada com o reforço de novas torres (Chancelaria de D. Manuel I, liv. 28, fl. 121)

Ainda em Trancoso temos a destacar alguns personagens como: Cinco dos doze de Inglaterra, nomeadamente o Magriço, sapateiro Gonçalo Bandarra, poeta que pressagiu trovas à perda da liberdade e à Restauração da Independência. Com a morte de D. Sebastião, que não deixou descendentes diretos, Portugal passou por um período de perda de independência, conhecido pelo “Domínio Filipino”, durante 60 anos.

Foi no ano de 1580 nas cortes de Tomar, que Filipe II de Espanha, como filho de D. Isabel e neto de D. Manuel I de Portugal, assume por direito o trono português como Filipe I de Portugal, passando Portugal para o domínio espanhol.

No ano 1640 D. João de Bragança, encabeça a revolução, que vai culminar com a sua aclamação como Rei de Portugal, no dia 1 de dezembro do mesmo ano e, assim restaurada a Independência. Em vista disto, se fez jus às profecias sebastianistas de Bandarra, (Torre do Tombo - Chancelaria de D. Manuel I, liv. 28, fl. 121).

## **2.2. Breve apontamento geográfico e geomorfológico do concelho de Trancoso**

### **2.2.1. Localização Administrativa**

O Município de Trancoso, localiza-se na Beira Alta, a noroeste do distrito da Guarda. Faz fronteira a Norte com os concelhos de Meda e Penedono (Distrito de Viseu), a sul com os de Fornos de Algodres e Celorico da Beira, a Oeste com os de Aguiar da Beira e Sernancelhe (Distrito de Viseu) e a Este com o Concelho de Pinhel. Trancoso, foi elevado a cidade no ano 2004 e sede de um concelho que abrange uma área de cerca de 364 km<sup>2</sup> e está repartido por 29 Freguesias tais como; Aldeia Nova, Carnicães, Castanheira, Cótimos, Cogula, Fiães, Feital, Freches, Granja, Guilherme, Moimentinha, Moreira de Rei, Palhais, Póvoa do Concelho, Reboleiro, Rio de Mel, Santa Maria, São Pedro, Sebadelhe da Serra, Souto Maior, Tamanhos, Terrenho, Torre do Terrenho, Torres, Valdujo, Vale do Seixo, Vila Franca das Naves, Vila Garcia e Vilares e cerca de 70 povoações. Ao nível da rede hidrográfica no concelho de Trancoso existem as ribeiras de Massueime afluente do rio Côa, da Muxagata, da Barroca, Tamanhos e Vilares.



### 2.2.2.- O relevo e o solo

O território tem diversas ligações de unidades geomorfológicas, encontrando-se as mais elevadas nas zonas Oeste e Norte com altitudes entre os 909m e 614m.

A colina a Oeste da ribeira de Massueime constitui o prolongamento da serra da Marofa no mesmo sentido, onde predominam relevos com vales encaixados de encostas escarpadas, enquanto no Sudeste a zona é aplanada, os relevos são ténues de vales abertos.

Quanto à geologia, o relevo apresenta características diferenciadas. Predominam grandes quantidades de afloramentos graníticos com elevadas capacidades ao nível da exploração de pedreiras. A região é ainda possuidora de valiosos recursos minerais, como o estanho, volfrâmio, urânio e lítio.

No que se refere à flora, predominam nos vales o pinheiro bravo, o carvalho, o castanheiro e nas proximidades das linhas de água temos os salgueiros e o freixo. No cimo dos montes prevalece a vegetação arbustiva, formada por giestas e rosmaninho.

### **2.2.3. - O Clima**

Devido à altitude e às acentuadas amplitudes térmicas, apresenta-se com invernos muito rigorosos e geadas que surgem esporadicamente com o atrativo sincelo. Já os verões apresentam-se muito quentes e secos. As amplitudes térmicas também influenciam o tipo de vegetação.

### **2.2.4. - População**

A comunidade do concelho é essencialmente rural e envelhecida, decorrente do fenómeno relacionado com o aumento da esperança média de vida. A situação é agravada pela reduzida taxa de natalidade. Outro fator não menos importante é a dificuldade em fixar a população jovem em idade ativa, tanto os de grau académico superior como os jovens com menos habilitações. Os que possuem um grau académico mais elevado, optam por se fixar nos centros urbanos onde obtêm mais oportunidades de crescimento pessoal e económico. Os menos habilitados, acabam por optar pela emigração, pois, também não encontram resposta no mercado de trabalho local.

A concretização deste projeto poderá tornar-se num dos meios que possam contribuir para a fixação dos jovens na região, promovendo assim, a qualidade de vida das populações do Município.

## **Capítulo 3: Projeto de criação de um Centro Interpretativo**

### **3.1. Proposta de planeamento para a criação do Centro Interpretativo**

A proposta de criação de um Centro Interpretativo, tem como função abordar, divulgar, estudar e proteger o património arqueológico, optando neste trabalho por destacar à Época Clássica e Medieval, por considerarmos que são mais evidentes na história da ocupação do concelho de Trancoso. O Centro poderá posteriormente abordar os outros períodos. O seu discurso expositivo deverá ser apoiado por documentos escritos e dispositivos digitais, com o intuito de facilitar a comunicação e possibilitar o reconhecimento dos vários espaços arqueológicos.

O espaço tem como função principal acolher, preservar, salvaguardar, exhibir e comunicar com o património arqueológico. Funcionará em conciliação com diferentes áreas de disciplinas, direcionadas numa vertente educativa, centradas na recolha e partilha do conhecimento. Salientam-se aqui objetivos culturais, históricos e ambientais a interceptarem-se com as várias atividades humanas.

Outro objetivo passa por conceber procedimentos que possam contribuir para a integração do Centro Interpretativo em ações do município e da comunidade em geral, relacionadas com educação patrimonial, operadores turísticos e instituições, como o poder político. A sustentabilidade deste projeto é determinante na valorização do património, mas também, no desenvolvimento do turismo, da economia, do comércio, da gastronomia e particularmente no património cultural, identidade e memória.

Para tal, é importante desenvolver ações de sensibilização sobre o património cultural, sobre a história da região e suas gentes, costumes, recursos e atividades. Assim sendo, seria benéfico criar e desenvolver rotas no sentido da sua divulgação.

Um dos produtos de grande importância e que dá notoriedade à região é efetivamente a castanha, muito usada na gastronomia antiga. Deste modo é de todo o interesse impulsionar a criação de uma marca territorial “castanha da Beira Alta” a apresentar nos principais mercados nacionais e internacionais. Também o azeite produzido na região é considerado um produto de qualidade, porém, pouco divulgado, que aliado ao reconhecimento dos inúmeros vestígios de antigos lagares, nomeadamente de cronologia romana poderia contribuir para o desenvolvimento da economia e da preservação do património cultural.

Face ao exposto é importante o desenvolvimento de ações de *marketing* e *workshops*, direcionadas às instituições, visitantes, trabalhadores, residentes, e instituições público ou privadas, bem como o comércio e indústria.

No caso do visitante, este deve ser convidado a examinar a área em todas as suas vertentes e partilhar os seus saberes, valores e experiências. Pela mesma razão, é necessário o desenvolvimento das redes de comunicação e de hospedagem.

Durante as investigações realizadas para a concretização deste trabalho foi possível perceber, o quanto é insignificante a preservação deste património e dos locais onde se encontra inserido. A sua preservação está atualmente sob a responsabilidade dos poderes municipais, pelo que, fica claro que a execução deste projeto só será possível através de apoios e articulações entre poder público e privado, no sentido de apoio para obtenção de financiamento, mas também da interação das comunidades locais na concretização do plano.

### **3.2. Funções atribuídas ao Centro Interpretativo.**

Os espaços dedicados exclusivamente à interpretação são enquadrados em centros culturais; centros interpretativos; locais de património *in situ*. Assim, as ideias a apresentar nesta dissertação definem-se como uma proposta de criação de um Centro Interpretativo que aposte na valorização e conservação do património através de uma interação entre o património e a comunidade. Tem como principal estratégia a criação de exposições temáticas e cenográficas direcionadas a facilitar e melhorar a experiência do visitante. Pelo que, os centros interpretativos devem ser dotados de um discurso expositivo simples e conciso, tornando-se num suporte imprescindível de relação entre a ciência com o público, no sentido de que auxilia na gestão dos bens culturais e patrimoniais recuperados e encontra as estratégias para uma educação cívica para a área em questão. Um dos principais objetivos é proporcionar à comunidade o seu acesso e levá-lo a sentir consideração e respeito pelo património aí existente (FIGUEIREDO & BEREZOWKI, 2017). Um outro propósito prende-se na possibilidade de um maior conhecimento no sentido da valorização cultural e turística dos sítios arqueológicos, contribuindo assim para a sua preservação e divulgação, bem como garante de uma rigorosa gestão das infraestruturas de acolhimento público e de divulgação (TEIXEIRA, 2014: p .87). Por conseguinte, é um imóvel com serviços destinados à apresentação, sensibilização, comunicação e dinamização *in situ* do

património cultural, nomeadamente o arqueológico, permitindo ao visitante uma melhor leitura de entendimento e observação dos objetos expostos (PÉREZ, 2009: p. 237).

Para o seu bom funcionamento é essencial investir em recursos humanos, dirigentes e técnicos, para um melhor entendimento, das várias fases de exposições cenográficas, apoiadas por meios tecnológicos e audiovisuais, no sentido de incentivar e estimular o processo de autodescoberta e aplicação criativa.

A projeção do Centro assenta em várias fases a desenvolverem-se pela definição de objetivos, interpretação, comunicação, interrogação, reflexão e divulgação, tendo em conta a mensagem, o público alvo e os meios interpretativos. O processo encontra-se organizado em torno de nove questões (MELO, 2014: p. 49).

- “O que se está a interpretar? Interpretar o património?
- Quem deve estar envolvido no processo?
- Quais são os objetivos específicos a atingir?
- Para quem se está a interpretar?
- Quais são as audiências e públicos-alvo?”

De acordo com Amado Mendes, o Centro Interpretativo, além de valorizar e preservar a cultura deverá ter os seguintes propósitos e estratégias:

*“Compreender que são os artefatos que definem a cultura da maior parte da população, com os seus hábitos e tradições sendo que “os objectos em si, são possuidores e portadores de informação (MENDES, 2009: p.20). Assegurar a participação das comunidades, nomeadamente dos movimentos sociais e organizações da sociedade civil, na construção e execução das práticas propostas, em conjunto com os agentes institucionais e estabelecimentos de ensino, através de um diálogo constante, cuja finalidade seja a construção coletiva e sustentabilidade do conhecimento” (MENDES, 2009: p.22).*

Neste sentido, o plano de criação da instituição, passará pela proposta de projeto, apoio ao desenvolvimento científico, documentação e planificação. Pretende-se, neste trabalho, organizar do ponto de vista teórico, o planeamento e concepção do mesmo, tendo em conta a realidade sócio económica e arqueológica da Época Clássica e Idade Média, do concelho de Trancoso. Por

consequente, será elaborado uma planificação de um espaço para exposição dos vestígios arqueológicos que se encontram à guarda da Câmara Municipal de Trancoso e das comunidades locais, devolvendo à comunidade a sua história e possibilitando o inventário dos bens existentes ou registados até então. Um dos grandes objetivos passará por contribuir para o incentivo, conhecimento, preservação e difusão da história local, assim como da identidade das sociedades do passado dos períodos mencionados, através da consciencialização da comunidade para esses valores.

O processo de educação patrimonial é o ponto fulcral de relação com a comunidade e carece de toda a atenção, pois é ele que faz a ponte entre a componente científica dos dados e a informação que chega e deve ser adquirida pela população (FIGUEIREDO & BERENZOWKI, 2017). A aplicação das melhores metodologias na formação cívica cultural da comunidade permitirá o crescimento de atitudes de respeito pelos sítios arqueológicos e contribuirá para a preservação e valorização dos bens deixados pelos nossos antepassados, assegurando, ainda, a ligação com o presente.

Para a realização de um projeto de educação patrimonial é necessário planear toda uma linha de intervenção, após o desenvolvimento de um estudo do tipo de público a trabalhar, das mensagens a passar, dos objetivos a atingir e das formas de avaliação e controlo de resultados. Com isto, pretende-se levar o cidadão a tomar consciência e compreender o mundo que o rodeia, através do reconhecimento do passado e tudo o que lhe é inerente.

Um dos objetivos da educação patrimonial centra-se na criação de estruturas que promovam o diálogo entre os indivíduos e o património cultural (FIGUEIREDO & BEREZOWKI, 2017: p. 7). Portanto, esta abordagem, passa pela Educação Patrimonial, que recentemente tem estado em voga nas preocupações sociais e culturais de vários países. Considerando-se garante da tomada de consciência da importância da preservação do património cultural e da identidade nacional, permitindo fazer-se a ponte entre o centro e as escolas locais, inserindo alguns conteúdos nos projetos escolares. Nesse sentido, refere a Lei de Bases do Sistema Educativo, na alínea a) do artigo 3 da Lei 46/86, de 14 de outubro, que:

*“o sistema educativo organiza-se de modo a contribuir para a defesa da identidade nacional e para o reforço da fidelidade à matriz histórica de Portugal, através da consciencialização relativamente ao património cultural do povo português”* (PEREIRA, & CARDOSO sem ano, p.115).

O que vai reforçar o já antes defendido na Lei n.º 107/2001 (Lei de Bases do Património Cultural Português), nomeadamente no seu Artigo 11º.

Já no Congresso de Belgrado, em 1975, a UNESCO, definiu pela primeira vez “educação ambiental” nos termos:

*“um caminho para a formação de uma população mundial, consciente e atuante a respeito do património cultural e com todos os Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde problemas que lhe dizem respeito, [ ... ] aos conhecimentos indispensáveis para assumir as suas competências e motivações no sentido da criação de um comportamento de participação individual e coletiva, na proteção, estudo, salvaguarda, valorização e fruição dos bens culturais ao dispor da coletividade”*,

de acordo com o Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde (CUSTÓDIO, 2000: p.11)

Estas deliberações tornam-se meios mais consistente e eficazes para garantir o reconhecimento identitário por parte de vários grupos, sejam crianças, idosos, ou elementos em vida ativa.

Desta forma deverão ser criadas estratégias e ações, de modo, a garantir e promover a visibilidade do conhecimento oriundo da recolha de saberes e da investigação realizada.

Neste caminho a trilhar registam-se diferentes possibilidades de intervenção, incluindo no âmbito das indústrias criativas, distinguidas pela criatividade individual, habilidade, talento e aptidão para a criação de empregos e riqueza. A partir de 1967, são apoiadas pela Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), constituída pelas Uniões de Paris e de Berna, em articulação com a União para a Proteção das Obtenções Vegetais (ENEI 2014-2020: pp 2-3).

### **3.2.1 No âmbito das indústrias criativas**

O conceito de Indústrias Culturais e Criativas (ICC) envolve um conjunto de competências com o objetivo comum da criação de emprego, da criatividade, do conhecimento cultural e da propriedade intelectual, assim como, formas de gerar bens e serviços com significado social e cultural. São as “*artes visuais, o património cultural, o artesanato e a joalheria, o cinema, a rádio, a televisão, a música, a edição, o software educacional, de entretenimento e de serviços*

*de informática, os média, a arquitetura, o design, a moda e a publicidade*”, que constituem as indústrias culturais, formadas por micro empresas (PME) que estão na base do conceito dessas indústrias.

Com a crise dos anos 70 na Europa, houve necessidade de um estreitar de relações entre a economia, desenvolvimento urbano e cultural. Nesse sentido, evidenciam-se modelos de financiamento para apoio às artes, à cultura, e ao desenvolvimento do setor privado, com e sem fins lucrativos. É este contexto de investimento, direcionado às artes, cultura e as indústrias culturais, que vai permitir a revitalização dos meios urbanos que se encontram em decadência socioeconómico com a aprovação da “Estratégia de Lisboa 2000”, pretendeu-se “*tornar a Europa na economia do conhecimento mais competitiva e dinâmica do mundo*” (CARVALHO, 2019: pp.204-207). Foi nesta realidade, que emergiu o novo discurso europeu em torno das indústrias culturais e criativas, que determinou uma profunda mudança das políticas culturais da U.E., centradas na atividade artística e cultural. Assim, foi publicado no ano 2006, o relatório “*The Economy of Culture in Europe*” encomendado pela Comissão Europeia, no qual se registou a importância económica e o potencial desenvolvimento do setor cultural e criativo.

Neste documento ficou expresso o apoio às indústrias culturais e criativas, tornando-se o elemento-chave da política europeia para cultura e desenvolvimento regional, segundo Pedro Quintela (Revista Todas as Artes, Porto, Vol. I, nº. 1, 2018: p.91),

Porém, estas indústrias apresentam uma perspectiva de negócio pouco aceite pela banca e pelos investidores, sendo normal a sua desvalorização em detrimento das atividades “mais rentáveis”, ainda que, seja reconhecida pela Comissão Europeia, em 2012 a importância da estratégia empregue para o crescimento e criação de emprego nas regiões onde são inseridas. Trata-se de criar, produtos e serviços distintos, que permitam a sua colocação na cadeia de produção mundial, assim como atrair e reter talento e capital para um desenvolvimento económico sustentável (ENEI 2014-2020: pp. 2-4).

Em Portugal a partir de 2000, devido às orientações de novas políticas públicas de âmbito nacional e local, as indústrias culturais criativas começam a ganhar impacto, tornando-se numa alavanca de desenvolvimento territorial e socioeconómico, assumindo as cidades um papel decisivo neste processo. É neste contexto que também o património cultural passa a ser encarado como um valioso recurso, na delineação de estratégias destinadas a enaltecer o património cultural a par do desenvolvimento turístico (Ibidem, 2018: pp.91-93).

Em 2006, foi realizado em Portugal um diagnóstico efetuado por Augusto Mateus & Associados ao setor, cujos dados indicam que o Setor Cultural registou “*um valor acrescentado*

*bruto de 3,7 mil milhões de euros, que corresponde a 2.8% da riqueza criada nesse ano”*. Foi na região de Lisboa, Porto e Setúbal que se registou 50% dessa atividade. Enquanto nas regiões industriais do Ave, o Cavado, Tâmega, Entre Douro e Vouga, Baixo Vouga e Pinhal Litoral, o impacto destas indústrias criativas foi bastante débil (ENEI, 2006: p. 5). Enquanto o consumidor de cultura e participante em atividades culturais, está aquém da média dos restantes países membros da união europeia. Esta análise situa o País, nas quatro posições inferiores, com *“exceção das idas ao cinema, visitas a bibliotecas e assistência a eventos desportivos, sendo os resultados especialmente negativos no que concerne à leitura de livros”*.

Desta forma, o centro de interpretação deve também equacionar possibilidades no âmbito destas indústrias, acompanhando as evoluções de estratégias para a cultura europeia.

Assim o desafio das indústrias criativas passa por projetar e impulsionar o desenvolvimento das regiões através da ligação entre a economia e a cultura, conjugando aspetos económicos, culturais, sociais e tecnológicos (ENEI - 2006: p.5).

Assim, perante o exposto é necessário atuar segundo as componentes discriminadas:

- *“Fator estratégico de competitividade;*
- *Sector gerador de empregos e riqueza;*
- *Meio de reforço da cidadania;*
- *Alavanca de coesão social e territorial;*
- *Veículo de afirmação internacional das comunidades”*

Na União Europeia os programas realizados ao nível local e regional, mostram resultados bastante positivos, tanto na criação de emprego e crescimento económico, como na afirmação do território. A centralidade do papel do poder local e regional no desenvolvimento do SCC é reconhecida pela Comissão Europeia no documento *“Regional Policy contributing to smart growth in Europe 2020”*, sendo reveladora na sua aplicação nos centros interpretativos.

### 3.2.2 No âmbito das ações e formações ativas

Entre outras hipóteses de atividades salientam-se as estratégias ativas de interação com a comunidade, nomeadamente a criação de oficinas, com projetos direcionados à socialização e transmissão do conhecimento. Estas destacam-se por serem ferramentas de extrema importância no processo de análise e reflexão crítica desse conhecimento. É nas oficinas que, explorando, observando e manuseando os objetos (réplicas) se desenvolve melhor a memória, o pensamento lógico, o entendimento intuitivo e o operacional (BONWELL & EISON, 1991). Uma das atividades que possibilita a estimulação das crianças é o manuseamento e questionamento dos objetos expostos (fig. 3). Contudo, para melhorar a divulgação do conhecimento é importante a existência de espaços próprios preparados para essa interação.

O envolvimento e estimulação, poderá ser acrescido, pelo uso de equipamento idêntico ao do arqueólogo que consiste em coletes, chapéus duros, espátulas, escovas e pinceis associados a recriações de escavações arqueológicas, com recuperação de objetos e delimitação de estruturas.

O ensaio de atos passados, devidamente acompanhado, conduz a uma aprendizagem e a um entendimento experiencial (fig. 1 e 4), que lhes permite construir a imagem da vivência das pessoas, seus comportamentos e *habitus*.

Outras formas de interação com a comunidade, são as festas, que particularmente no concelho de Trancoso, se realizam em todas as freguesias, em convivência mútua do pagão com o catolicismo, bem como as feiras medievais, de grande interação da comunidade com o conhecimento, transmitido pela recriação de usos e costumes das culturas antigas.

Também a nível artesanal histórico se poderá criar uma colaboração entre os visitantes e os profissionais/artesãos, observando *in loco* os trabalhos e a construção, por exemplo da olaria atual, comparando com os procedimentos que se usariam no passado (fig. 3).

Uma outra demonstração de educação patrimonial é a realização de atividades que decorrem nas rodas de conversas e nas oficinas. Podem ser convites ao lúdico, como a moldagem de cerâmica; ao lazer; à diversão e acima de tudo à sensibilização para o conhecimento e reconhecimento do património cultural e mesmo natural da região.

Teria ainda todo o interesse o Centro Interpretativo ser possuidor de um espaço exterior para a realização de possíveis recriações (fig.1).



*Figura 1 - Exemplo de uma atividade prática de interação, com amostra de técnicas tradicionais e pré-históricas de construção de artefatos líticos à população local. Realização Museu de Mação-IPT*



*Figura 2 - Material ósseo recolhido no âmbito de trabalhos arqueológicos, exposto com réplicas a jovens. LABACPS-IPT*



*Figura 3 - Quinta do Rouxinol, Olaria Romana - Seixal  
Foto Disponível em <https://www.academia.edu/10488254> e  
Moldagem de cerâmica, disponível em  
<https://www.bing.com/images/search?q=ke>*



*Figura 4 - Atividade “Vem ser arqueólogo por um dia” LABACPS-IPT (alvaiázere)*

### **3.2.3. No âmbito das estratégias passivas**

Uma das atividades do Centro Interpretativo é a “exposição” permanente (fig. 5 e 6), ainda que devam existir exposições temporárias de preferência relacionadas com a primeira. É indispensável que a exposição permanente seja constituída pelo acervo arqueológico que se encontra atualmente nas instalações da Câmara Municipal de Trancoso.

Todavia, existem outras dinâmicas não menos importantes, no sentido de possibilitar ao visitante uma vista agradável e esclarecedora, como a administração do património cultural, a

apresentação, comunicação e exploração. É também essencial investir nos recursos humanos, tais como; dirigentes, técnicos e guias, técnicas de transmissão e informação, através de painéis informativos, publicações, fotografias, ilustrações, folhetos, catálogos, meios tecnológicos, dispositivos de áudio-media (fig.7), placas identificativas e sinalética.

Neste tipo de estratégias integra-se ainda os auditórios destinados a seminários, palestras ou conferências de carácter académico, que sempre que possível possam ser realizados pelos especialistas na área que intervencionam na região, dando uma perspectiva mais profunda dos dados recuperados, que podem ser desenvolvidos em momentos específicos nacionais, como o Dia Internacional do Monumentos e Sítios ou Dia Internacional dos Museus.



*Figura 5 - Painel do museu do dinheiro, a título de exemplo.*



*Figura 6 - Foto de Kerry County Museum – Observação de um osso. In [www. big.com](http://www.big.com)*



*Figura 7 - Um outro exemplo de equipamento que tem como objetivo apresentar o enquadramento geral sobre as temáticas. Disponível no museu de arqueologia de Sines.*

No caso dos adultos, além da tomarem conhecimento das realidades do passado através da exposição, também deverão ter seções de esclarecimento, no sentido de um melhor conhecimento dos seus antepassados, particularmente das comunidades locais, pois eles mesmos podem tornar-se agentes de sensibilização social (FIGUEIREDO & BEREZWKI, 2017).

### **3.3 Outras questões a considerar: Infraestruturas, dinâmicas, propósitos e estratégias**

Quanto às infraestruturas e áreas funcionais, o edifício deverá ser dividido em espaços museológicos que possam contemplar diversas salas expositivas, apoiadas com sistemas de iluminação e sistemas de reconhecimento (placardes com informações ou tablets digitais), de modo a facilitarem a visualização dos objetos, seus usos e funcionalidades. Um outro espaço a considerar deverá ser o destinado a acolher o espólio de reserva da exposição permanente, assim como uma área comercial, recepção e cafetaria.

No acesso à exposição é essencial a existência de um painel com a projeção do mapa do Concelho e respetivas freguesias e os sítios arqueológicos devidamente assinalados (a título de exemplo expõem-se o mapa criado para o roteiro arqueológico, preparado no âmbito deste trabalho (fig.1).

Já no espaço disponível à exposição deverá ser considerado o espólio recuperado na região.

Na apresentação dos conteúdos dever-se-á recorrer, sempre que possível, às alternativas digitais, de modo a facilitar e a ilustrar a interpelação dos determinados assuntos. Para que a vista se torne mais agradável é interessante que nos corredores de acesso às salas de cada época, sejam feitas projeções do quotidiano e vivências, articulando o máximo de sentidos possíveis, desde a visão, o olfato, a audição e o tato, tendo como música de fundo o som correspondente ao respetivo período, atividades a ilustrar, entre outros.

Um Centro Interpretativo, além de valorizar e preservar o património deverá ter os seguintes propósitos e estratégias (TEIXEIRA, 2014: p.83)

- Empreender a conexão de um grupo de trabalho que se dedique à atividade arqueológica e à classificação e detecção dos achados;

- Motivar as comunidades a estabelecer ligações através do estudo e da interpretação dos vestígios arqueológicos, visto que personificam *modus-vivendi* e o sentimento de identidade individual das comunidades de várias épocas.

- Assegurar a participação das comunidades, nomeadamente dos movimentos sociais e organizações da sociedade civil, na construção e execução das práticas propostas, em conjunto com os agentes institucionais e estabelecimentos de ensino, através de um diálogo constante, cuja finalidade seja a construção coletiva e sustentabilidade do conhecimento.

- Compreender que são os artefatos que definem a cultura da maior parte da população, com os seus hábitos e tradições, referindo ainda a ideia de Ângela Garcia Blanco “*os objetos em si, são possuidores e portadores de informação, tal como um testemunho escrito*”, (MENDES, 2009: pp.20 e.22).

É ainda, imprescindível criar estratégias de divulgação ao nível de publicações, bibliotecas, recorrendo às novas tecnologias, como portais virtuais para uma melhor difusão do acervo, redes sociais para a divulgação das atividades e documentários para uso na difusão de informação e conhecimento, quer no âmbito das escolas, associações ou televisão.

Um outro ponto muito importante é a procura de linhas de financiamento e incentivo à investigação científica na área da arqueologia ou meios de apoio ao organismo. As junções destes fatores, com a exploração do próprio centro, permitem contribuir para a sustentabilidade deste valioso património cultural, veículo de transmissão da identidade, constituída pelas práticas e produções das várias comunidades existentes ao longo dos tempos.

## Capítulo 4: Proposta de criação de um Roteiro Arqueológico

Um dos produtos que propusemos desenvolver integrado neste trabalho foi a construção de um roteiro arqueológico, tido para base de um atual levantamento do património dos períodos da época clássica e medieval, reconhecido na região. Os únicos levantamentos existentes possuem mais de vinte anos (RENDOL, 1985; FIGUEIREDO, 1997), tornando-se necessário uma recente observação aos locais, novas recolhas e registos das condições presentes dos sítios assinalados. Muitos dos locais registados nas obras citadas não foram reencontrados. Esta situação levou-nos a considerar somente os locais mais emblemáticos ou reconhecidos, bem como aqueles que ofereciam mais condições de acesso ou possível visita. Este levantamento centrou-se, assim, na reunião de um conjunto de documentos (obras, artigos e bibliografia), na recolha de testemunhos orais, bem como na visita aos locais arqueológicos (*vide anexos*).

Desta forma, é importante para a construção de um Roteiro a consideração de vários pontos, no sentido de tornar o património arqueológico num produto atrativo em termos turísticos, mas também levar-nos à reflexão sobre a nossa identidade.

Para além, da contextualização científica é necessário estimular a curiosidade do visitante através da formação profissional dos agentes do turismo. Nesse sentido e na sequência do levantamento realizado dos sítios arqueológicos para a elaboração da proposta do Centro Interpretativo, realizou-se em simultâneo um inventário dos locais arqueológicos a serem apresentados.

A escolha dos locais prendeu-se também pelas possibilidades que este oferecia, nomeadamente pela beleza e diversidade da paisagem a observar, ou pelas gentes a contactar, observando os seus costumes e tradições.

Algumas das preocupações a ter em conta na elaboração dos percursos são as acessibilidades, as condições do terreno, a segurança e os meios de transporte, de modo a proporcionar uma viagem confortável e aprazível. Neste caso específico, devido à área geográfica dos locais a visitar, obriga a utilização de automóvel ou autocarro, quanto ao grau de dificuldade é determinado como fácil. Na prática, quase todos os locais se encontram em espaços de fácil acesso.

Assim, partiu-se para a elaboração do roteiro, de modo a promover e divulgar os testemunhos arqueológicos, que perpetuaram ao longo dos tempos e que reproduzem a história das várias comunidades que se fixaram nesses espaços geográficos.

A razão de incluir o roteiro na dissertação estabelece-se pelo pressuposto opinativo de falta de ligação entre os espaços museológicos e as áreas de onde os vestígios normalmente são reconhecidos. Esta questão, que facilmente é observada na maior parte dos concelhos, pode facilmente ser ultrapassada com a ligação de um espaço expositivo com um roteiro dos sítios arqueológicos. Assim, o roteiro arqueológico foi pensado para ser uma ligação ou ponte entre o centro interpretativo e a região que o integra. Foi também equacionado para funcionar como guia e desenrolar-se em três circuitos, com um tempo de permanência que possibilite o convívio com as comunidades locais e exploração dos espaços e serviços presentes na região.

### **Percurso (verde)**

- Moreira de Rei, nº.13,14,15,16,17,18, 19.
- Terrenho, nº. 22.
- Sebadelhe, nº. 21

### **Percurso (Azul)**

- União das Freguesias de Trancoso, nº. 23,24,25,26,27,28,29 e 30.

### **Percurso (Vermelho)**

- Aldeia Nova, nº. 1,2 e 3.
- Cogula nº.4 e 5.
- Cótimos nº.6.
- Fiães nº. 7 e 8.
- Granja, nº 12.
- Póvoa do Concelho, nº.20.
- União das Freguesias das Freguesias de Freches e Torres, nº. 9,10 e 11.
- União das Freguesias de Vale do Seixo e Vila Garcia, nº. 31.
- Vilares nº.32,33,34 e 35.

Estabelece-se assim:

Aldeia Nova: 1 - Lagar da Quinta das Águas – Boas; 2 – Necrópole da Cova da Moura e 3 – Cabeço da Torre – Castellum de Queiriz; Cogula, 4 – Tapada do Oleiro e Castello; 5 – Ponte Romana; Cótimos, 6– Quinta das Cardogas, Fiães; 7 - Quinta da Banda D`Além, 8 - Necrópole de Quinta das Seixas; União da Freguesia de Freches e Torres: 9 - Olos – Soito Cabral, 10 – Quinta dos Corgos – Casais e 11 - São Clemente; Granja: 12 – Forno da Telha; Moreira de Rei, 13 – Castelo de Moreira de Rei, 14 – Igreja de Santa Marinha, 15 – Sepulturas do Cruzeiro de S, Vicente, 16 – Necrópole de Moreira de Rei, 17 – Calçada de Moreira de Rei, 18 – Cerca Urbana; 19 - Lagar do Castelo; Póvoa do Concelho: 20 – Quinta do Prado – Vila da Sertã; Sebadelhe, 21 – Castelo de Sebadelhe; Terrenho, 22 – Eremitério; Trancoso, 23 – Necrópole Medieval de Trancoso, 24 – Campo Militar Trancoso, 25 – Vale de Metoque; 26 - Via do Sintrão; Castelo de

Trancoso – 27, Sepultura de Tomé – 28; Sepultura da Micha Velha – 29; Igreja de Nossa Senhora da Fresta – 30; Vila Garcia, União das Freguesias de Vila Garcia e Seixo; 31 - Cabeço dos Telhões e Ponte Romana do rio de Massueime; Vilares, 32 – Lapa Chã, 33 – Eirinhas, 34 – Necrópole de Plames, 35 – Capela de Nossa Senhora da Assunção.



**Tabela 1- Percurso (verde)**

| □ N.º.13,14,15,16,17,18, 19, 21 e 22 |                |                                      |           |          |                       |               |                |
|--------------------------------------|----------------|--------------------------------------|-----------|----------|-----------------------|---------------|----------------|
| N.º                                  | Freguesias     | Sítio                                | Tipologia | Altitude | Coordenadas - ETRS89  | Carta Militar | Tempo no local |
| N.º. 13                              | Moreira de Rei | Castelo de Moreira de Rei.           | Medieval  | 780m     | 68534.276,129084.878  | 170           | 20min          |
| N.º. 14                              | Moreira de Rei | Igreja de Santa Marinha              | Medieval  | 781m     | 68595.550, 29313.100  | 170           | 15min          |
| N.º. 15                              | Moreira de Rei | Sepulturas do Cruzeiro de S. Vicente | Medieval  | 796m     | 68451.437,129394.049  | 170           | 10min          |
| N.º. 16                              | Moreira de Rei | Necrópole de Moreira de Rei          | Medieval  | 781m     | 68590.791,129307.656  | 170           | 20min          |
| N.º. 17                              | Moreira de Rei | Calçada de Moreira de Rei            | Medieval  | 792m     | 68483.922, 129350.065 | 170           | 10min          |
| N.º. 18                              | Moreira de Rei | Cerca Urbana                         | Medieval  | 787m     | 68542.718, 129321.450 | 170           | 15min          |
| N.º. 19                              | Moreira de Rei | Lagar do Castelo                     | Medieval  | 780m     | 68573.020, 129169.660 | 170           | 5min           |
| N.º. 21                              | Sebadelhe      | Castelo de Sebadelhe                 | Medieval  | 780m     | 61826.398, 133981.716 | 159           | 15min          |
| N.º. 22                              | Terrenho       | Eremitério                           | Medieval  | 762m     | 65596.460,133591.612  | 160           | 15min          |

A riqueza patrimonial mencionada no percurso, assim como o remanescente na área, justificam a demora de 125 minutos. A grande concentração de vestígios, na localidade de Moreira de Rei, justifica a designação de um museu a Céu aberto. Também a facilidade de acesso é aqui equacionada, razão pela qual, o percurso não foi traçado, o que permite ao visitante liberdade de opção. Contudo, propõe-se que o roteiro tenha o seu início em Trancoso, prosseguindo para Moreira de Rei, Terrenho e finalmente a Sebadelhe da Serra.

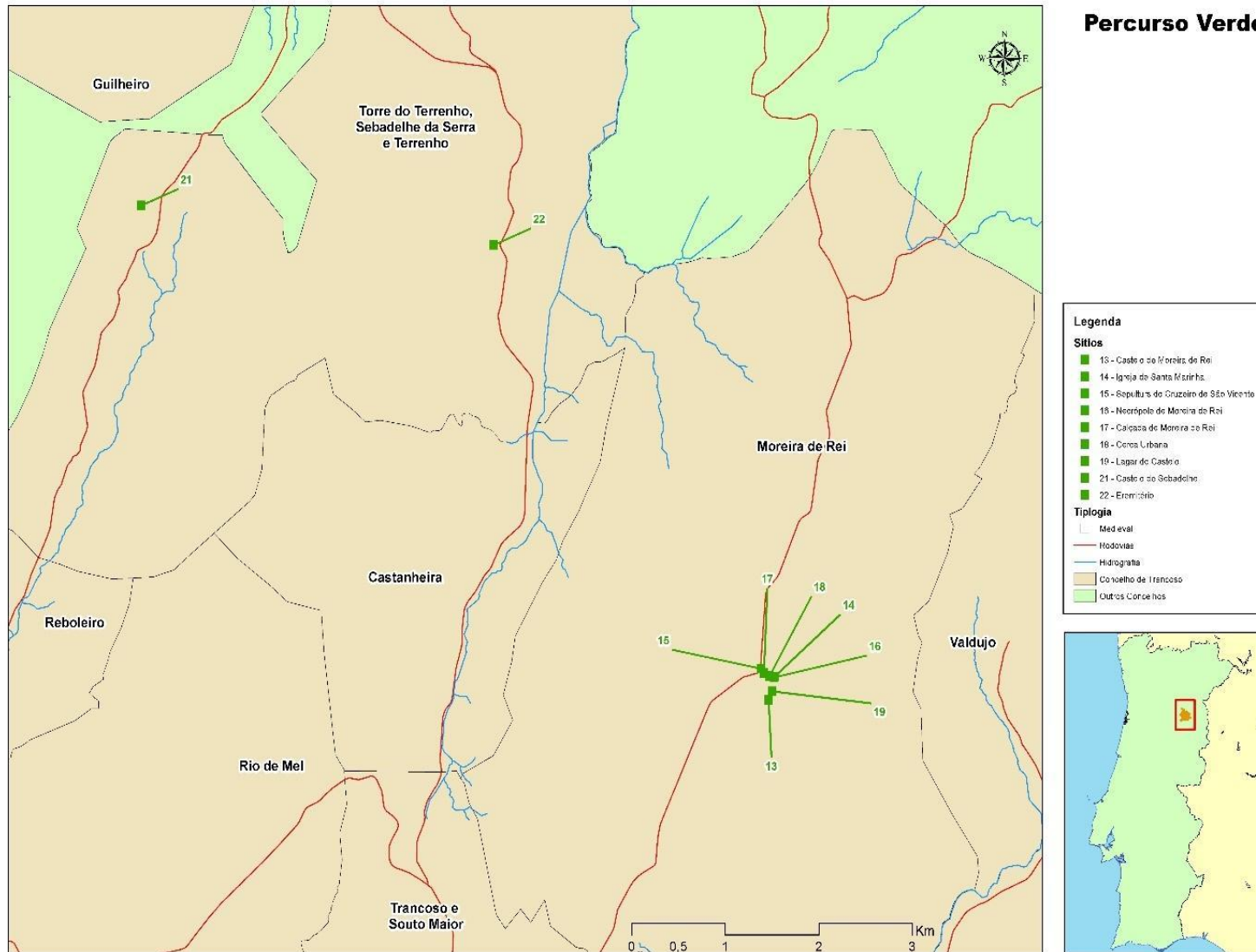


Figura 9 - Percurso Verde

**Tabela 2 - Percurso Azul**

| □ <i>Trancoso N.º. 23,24,25,26, 27,28,29 e 30.</i> |                           |                                   |                |          |                       |               |                |
|----------------------------------------------------|---------------------------|-----------------------------------|----------------|----------|-----------------------|---------------|----------------|
| N.º                                                | Freguesias                | Sítio                             | Tipologia      | Altitude | Coordenadas - ETRS89  | Carta Militar | Tempo no local |
| N.º. 23                                            | União Freguesias Trancoso | Necrópole Medieval de Trancoso    | Medieval       | 851m     | 66081.752,123760.030  | 170           | 15min          |
| N.º. 24                                            | União Freguesias Trancoso | Campo Militar Trancoso            | Medieval       | 827m     | 66153.429,121268.140  | 170           | 10min          |
| N.º. 25                                            | União Freguesias Trancoso | Vale de Metoque                   | Época Clássica | 778m     | 66759.610, 124537.430 | 170           | 5min           |
| N.º. 26                                            | União Freguesias Trancoso | Via do Sintrão                    | Medieval       | 730m     | 64003.130,125240.211  | 170           | 10min          |
| N.º. 27                                            | União Freguesias Trancoso | Castelo de Trancoso               | Medieval       | 875m     | 66319.913,123675.038  | 170           | 20min          |
| N.º. 28                                            | União Freguesias Trancoso | Sepultura de Tomé                 | Medieval       | 836m     | 66358.249,123846.600  | 170           | 5min           |
| N.º. 29                                            | União Freguesias Trancoso | Sepultura da Micha Velha          | Medieval       | 825m     | 66472.698,123780.999  | 170           | 5min           |
| N.º. 30                                            | União Freguesias Trancoso | Igreja de Nossa Senhora da Fresta | Medieval       | 830m     | 664989.004,123547.066 | 170           | 15min          |

O percurso azul, considerado de grande facilidade de acesso, tem a duração de 80min. À semelhança dos restantes percursos, a concentração e saída, realiza-se junto da capela do casamento de D. Dinis com D. Beatriz. Neste Percurso, após a saída, ruma-se com destino ao local do campo da batalha de Trancoso, seguindo-se para a Via do Sintrão, Necrópole Medieval junto ao tribunal, Vale de Metoque, Sepultura de Tomé, Sepultura de Micha Velha, Igreja Nossa Senhora da Fresta e finalmente o Castelo.

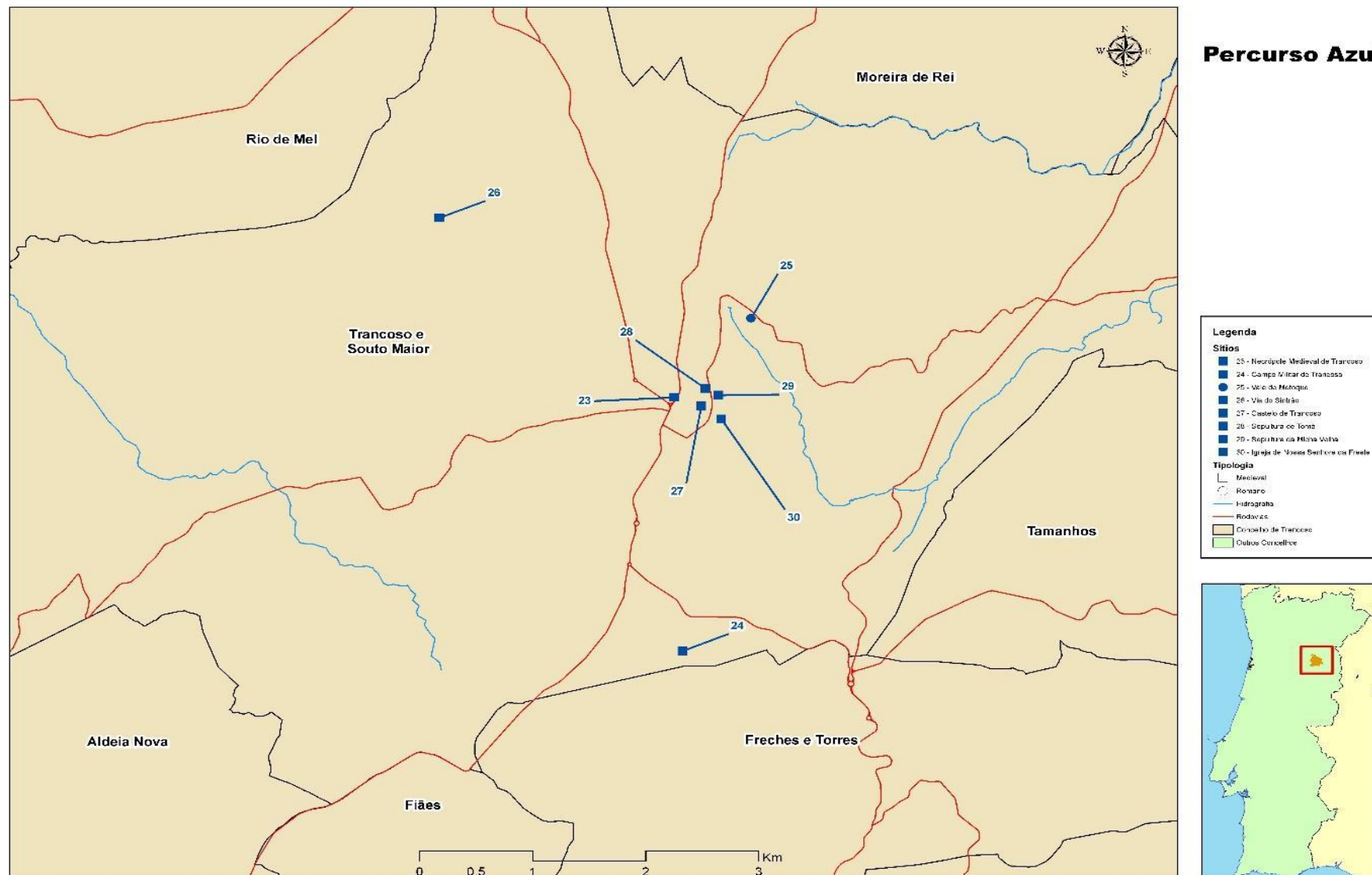


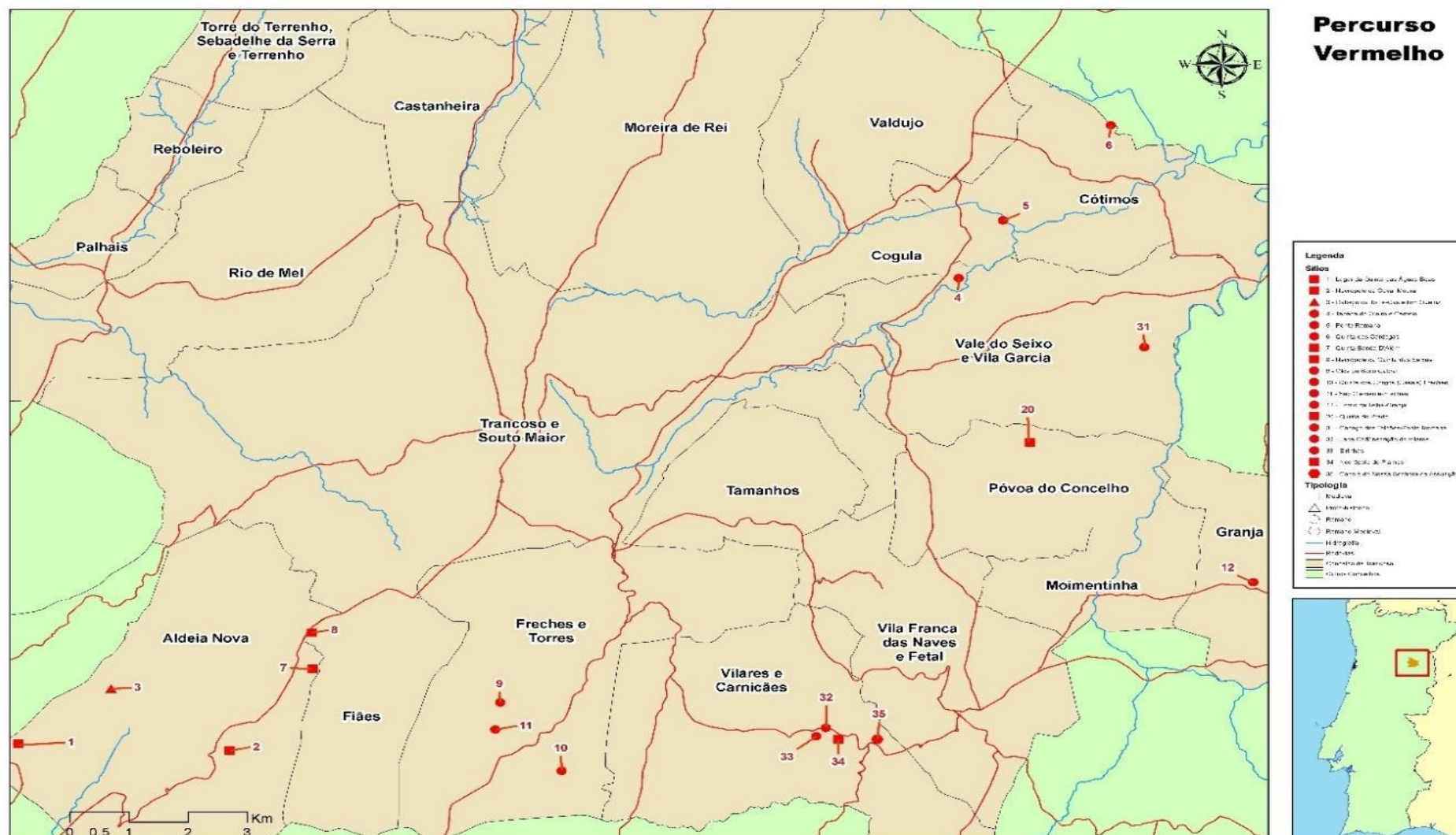
Figura 10 - Percurso Azul

**Tabela 3 - Percurso (Vermelho)**

| Nº. 1,2,3,4,5,7,8,9,10,11,12,20,31,32,33,34 e 35. |                   |                                                       |                            |          |                       |               |                |
|---------------------------------------------------|-------------------|-------------------------------------------------------|----------------------------|----------|-----------------------|---------------|----------------|
| Nº                                                | Freguesias        | Sítio                                                 | Tipologia                  | Altitude | Coordenadas - ETRS89  | Carta Militar | Tempo no local |
| Nº. 1                                             | Aldeia Nova       | Lagar da Quinta das Águas-Boas                        | Medieval                   | 506m     | 68573.020, 29169.660  | 180           | 5min           |
| Nº. 2                                             | Aldeia Nova       | Necrópole da Cova da Moura;                           | Medieval                   | 756m     | 61143.516, 116894.193 | 180           | 10min          |
| Nº. 3                                             | Aldeia Nova       | Cabeço da Torre - Castellum Queiriz                   | Época Clássica             | 725m     | 59135.239, 118186.592 | 180           | 10min          |
| Nº. 4                                             | Cogula            | Tapada do Oleiro e Castelo                            | Época Clássica             | 539m     | 73480.618, 126764.747 | 170           | 10min          |
| Nº. 5                                             | Cogula            | Ponte Romana                                          | Época Clássica             | 502m     | 74231.500, 127972.250 | 170           | 8min           |
| Nº. 6                                             | Cótimos           | Quinta das Cardogas                                   | Época Clássica             | 508m     | 76081.388, 130148.113 | 160           | 10min          |
| Nº. 7                                             | Fiães             | Quinta Banda D`Além                                   | Medieval                   | 799m     | 62547.824, 118601.370 | 180           | 8min           |
| Nº. 8                                             | Fiães             | Necrópole da Quinta das Seixas                        | Medieval                   | 845m     | 62531.301, 119355.157 | 180           | 8min           |
| Nº. 9                                             | Freches           | Olos ou Soito Cabral                                  | Época Clássica             | 560m     | 65722.187, 117896.593 | 170           | 8min           |
| Nº. 10                                            | Freches           | Quinta dos Corgos (Casais) Freches                    | Época Clássica             | 500 m    | 66761.688, 116469.078 | 170           | 8min           |
| Nº. 11                                            | Freches           | São Clemente - Freches                                | Época Clássica             | 507m     | 65639.254, 117332.253 | 170           | 8min           |
| Nº. 12                                            | Granja            | Forno do Telha – Granja                               | Época Clássica             | 610m     | 78465.329, 120409.443 | 170           | 10min          |
| Nº. 20                                            | Póvoa do Concelho | Quinta do Prado                                       | Época Clássica             | 570m     | 74683.649, 123331.664 | 170           | 10min          |
| Nº. 31                                            | Vila Garcia       | Cabeço dos Telhões e Ponte Romana do Rio de Massueime | Época Clássica             | 520m     | 76624.372, 125321.400 | 170           | 10min.         |
| Nº. 32                                            | Vilares           | Lapa Chã / Inscrição de Vilares                       | Época Clássica             | 567m     | 71233.914, 117368.565 | 181           | 15min          |
| Nº. 33                                            | Vilares           | Eirinhas                                              | Época Clássica             | 548m     | 71073.284, 117192.878 | 181           | 15min          |
| Nº. 34                                            | Vilares           | Necrópole de Plames                                   | Medieval                   | 546m     | 71444.604, 117127.540 | 181           | 10min          |
| Nº. 35                                            | Vilares           | Capela de Nossa Senhora da Graça                      | Época Clássica<br>Medieval | 492m     | 72102.764, 115768.853 | 181           | 10min          |

O percurso vermelho poderá ser considerado de grau de dificuldade média, justificado pelo elevado número, cuja duração obriga ao total de 168 min. Neste caso específico, recomenda-se uma pausa para almoço, que deverá acontecer em Cogula.

Após a saída de Trancoso, segue-se para Aldeia Nova, Fiães, Freches e Cogula com a respectiva pausa para almoço. Daí, toma-se a direção a Cótimos, Granja, Póvoa do Concelho, Vila Garcia e Vilares, terminando sempre no local de partida.



## Considerações finais

O Centro Interpretativo é um dos mais importantes suportes para a interpretação e gestão do património cultural, nomeadamente património arqueológico. Em termos de infraestruturas é um mecanismo reservado à apresentação, comunicação e exploração do património já interpretado, tornando-se deste modo, a ferramenta fundamental para uma boa observação e compreensão dos objetos e rituais. Todavia, o centro necessita de atrair, seduzir e sensibilizar quem o visita. Deve ser um espaço dinâmico através da organização de exposições e visitas guiadas com o apoio de inovações tecnológicas, em benefício do rigor científico. Para que a visita se transforme numa experiência única e memorável na aquisição do conhecimento é necessário refletir na forma de gestão e organização formativa do Centro Interpretativo.

O objetivo da proposta deste projeto, como garante da salvaguarda do Património Arqueológico da região, terá que estar adaptado ao desenvolvimento de ações de educação patrimonial dirigidas a toda a comunidade, de modo, a que esta tome consciência cívica, no sentido de proteger a cultura do seu passado (FIGUEIREDO & BEREZOWSKI, 2017: p.65).

Fica a expectativa de que a implantação do Centro Interpretativo, seja ponto de partida para futuros estudos ao nível arqueológico a fim de, reforçar o rigor científico e aumentar as parcas fontes científicas.

No trabalho apresentado constitui-se a realização de uma proposta de criação de um Centro Interpretativo e de um Roteiro da Época Clássica e da Idade Média dos vários sítios arqueológicos, como ponto de partida, para a preservação, valorização do património cultural.

Para esse fim, foi realizado o levantamento dos sítios arqueológicos mencionados, que optamos por colocar em anexo, seguido de um estudo assente na pesquisa, na visita aos locais e do seu enquadramento no tempo e espaço, de forma a poderem ser considerados os *modus vivendi* das populações.

A existência do riquíssimo património cultural no concelho de Trancoso reclama a necessidade urgente em criar meios que proporcionem a sua salvaguarda, pelo que, se procura com este projeto motivar e contribuir para o conhecimento dos vários órgãos políticos e sociais do valor cultural existente na região e, ainda permitir num futuro próximo a criação de meios de apoio à investigação.

Numa perspectiva interna são mencionados os meios expositivos utilizados para uma melhor percepção do conhecimento do património, além de procurar um projeto educativo envolvendo a comunidade local. Foi também focado a importância dos recursos humanos.

No que se refere à ação externa, alertou-se para a grandeza do património arqueológico e do seu impacto no desenvolvimento do turismo na região. A divisão do roteiro em três percursos, deveu-se ao intuito da aquisição de um melhor conhecimento do património arqueológico, de possibilitar ao visitante a reconstrução da memória das populações que habitaram a região e que perpetuaram no tempo, bem como, a descoberta do património cultural remanescente. É de todo o interesse contribuir para a promoção e criação de incentivos à produção, valorização e comercialização de produtos da região.

### **Percurso (verde)**

Direciona-se essencialmente para a visita ao abundante e valioso património arqueológico medieval e ao conhecimento da sua história. Na localidade do Terrenho, além da visita ao Eremitério, poder-se-á visitar a barragem da Teja, interagir com a população e adquirir produtos da região.

### **Percurso (Azul)**

Pretende-se dar a conhecer o património arqueológico maioritariamente medieval.

Destaca-se o património localizado dentro e na envoltura da muralha da cidade de Trancoso, em especial a visita ao Castelo, cujos trabalhos de prospecção revelam a sua ocupação e incursões militares ao longo dos tempos. O Castelo, é ainda, o local ideal para alcançar vistas maravilhosas e tirar belíssimas fotos.

A cidade Trancoso está integrada no mercado do turismo e do excursionismo, pelo que, este percurso será o recurso ideal para dar a conhecer o seu valioso património cultural. O guia que acompanha o roteiro, além de transmitir os conhecimentos técnicos e históricos tem a responsabilidade de transmitir uma boa imagem do concelho. Sendo que, as ruas medievais desta cidade, tornam-se particularmente encantadoras no período de verão, por se encontrarem ladeadas por belíssimas hortenses em flor. Convida-se ainda o visitante a saborear as deliciosas sardinhas de Trancoso e a conhecer algumas atividades tradicionais, como o seu artesanato, assim como o importante legado Judaico que levou Trancoso a tornar-se membro da Rede de Judiarias de Portugal. Não constou deste percurso, devido à existência do seu próprio roteiro.

## **Percurso (Vermelho)**

É o percurso onde a grande variedade de património arqueológico se divide entre o período medieval e clássico.

Pretende-se, que para além da visita *in loco*, o visitante possa ter a oportunidade de observar algumas técnicas de manufacturação no processo da sua reabilitação. Podem também, usufruir de alguns produtos que chegaram até à atualidade, como por exemplo de vinho, de produção de vinho, castanha e azeite.

## Bibliografia

ALARCÃO, Jorge - *Evolução da Cultura Castreja*, in Conimbriga, Universidade de Coimbra, Volume XXXI, 1992, p.44.

ALARCÃO, Adília Moutinho - *A Terra Sigillata em Portugal*, in Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, 1971, vol. 2, Coimbra, pp. 421- 432.

ALARCÃO, Jorge - *Portugal Romano* - 33º Volume da coleção “História Mundi” Editorial Verbo, 1973, pp.17-18, 44-45, 95-99, 185.

ALARCÃO, Jorge - *O Domínio Romano em Portugal*, 4ª. Edição, Publicações Europa América, 2002, pp.13 e 129.

ALARCÃO, Jorge - *A organização social dos povos do Noroeste e Norte da Península Ibérica nas épocas pré-romanas e romana*, Conimbriga XLII, 2003, pp. 5-116.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Castelos e Cercas Medievais: séculos X a XIII* - in História das Fortificações Portuguesas no Mundo, Lisboa, Alfa, 1989.

SANT'ANNA, Ricardo Luis Martin - *Guia de Inventário - Fortificações Medievais e Modernas*, 2016, p. 8. Consultado em 07 de junho de 2018 [disponível em file:///G:/319121873-Guia-de-Inventario-Fortificacoes-Medievais-e-Modernas.pdf].

ALMEIDA, Maria José - *Coleções de Arqueologia em Autarquias* - Reflexões a partir de um inquérito promovido pela APA Associação Profissional de Arqueólogos - Proxis Archaeologica I, 2006, p. 47.

AUGUSTO MATEUS & ASSOCIADOS - *O Setor Cultural e Criativo em Portugal*, Relatório Final, julho de 2009.

AZEVEDO, Fábio Palácio - *O Conceito de Cultura em Raymond Williams* - Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS) São Luís - Vol. 3 - Número Especial jul./dez. 2017, p 210.

BARROCA, Mário Jorge – *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico Séc. IX a XII* – Comissão Portuguesa de História Militar, 1994, pp.19, 89 – 135.

BARROCA, Mário Jorge - *Aspectos da Evolução da Arquitectura Militar da Beira Interior*, In Beira Interior: História e Património. Guarda: ARA / C. M. da Guarda, in Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior, Guarda, 1998, 2000b pp. 215-238.

BARROCA, Mário Jorge – *Sepulturas escavadas na rocha de Entre Douro e Minho*, in Portvgalia, Nova Série, vol. 31-32, Porto, DCTP-FLUP, 2010-2011, pp. 123-124, 137-138.

consultado em 07 de agosto 2017 [Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9313.pdf>].

BARROCA, Mário Jorge - *Medidas-Padrão Medievais Portuguesas*, 1992, pp. 54-55, consultado em 31. julho.2018 [disponível em [www.academia.edu/.../MJB\\_1992\\_-\\_Medidas-Padrão\\_Medievais\\_P.Letras.História.Porto:FLUP](http://www.academia.edu/.../MJB_1992_-_Medidas-Padrão_Medievais_P.Letras.História.Porto:FLUP)].

BAUMAN, Zygmunt - *Culture as Praxis*, Londres, Sage Publications, 1999.

BRIGOLA, João - *Uma rede local intertutelas – Rede de Museus e equipamentos Culturais de Évora. Ensaio e práticas em Museologia*. Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP, vol.6. 2017, p.31.

.  
BUGALHÃO Jacinta; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana – Lisboa: Uma cidade do Mediterrâneo islâmico. Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro, séculos VIII a XIII. Porto, 2005, p. 237-262. Consultado em 18 de abril de 2018 [Disponível em [www.academia.edu/7362204/Lisboa\\_uma\\_cidade\\_do...](http://www.academia.edu/7362204/Lisboa_uma_cidade_do...)]

CAFÉ, Daniel Calado - *Património, Identidade e Memória: Proposta para a Criação do Museu do Território de Alcanena* - Dissertação de Grau de Mestre em Museologia no Curso de Mestrado em Socio museologia - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Departamento de Arquitectura, Urbanismo, Geografia e Artes Plásticas, 2007.

CAMPOS, Norberto de - *Monografia de Trancoso, in Almanaque e Anuário de Trancoso*, em Castelo e Muralhas de Trancoso / Castelo e cerca ... - Monumentos, 1915 a 1917 , consultado em 22 de abril de 2018 [disponível em [www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4056](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4056)]

CAMPOS, Roberta Bivar - Resenha da obra de ADAM; KUPER, *Cultura, a visão dos antropólogos*, 2002. In revista Mana, 2004, Print version ISSN 0104-9313 On-line version ISSN 1678-4944, vol.10 no.2 Rio de Janeiro [disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132004000200011>].

CARDOSO, Ciro Flamarion - *Sociedade e Cultura comparação e confronto*, estudos Ibero-Americanos, PUCRS, XXIX, nº. 2. 2003, pp.23-49.

CARPENTIER & LEBRUN - *História da Europa* – 3ª. Edição, editorial estampa, 2002.

CARVALHO, António Vítor Nunes - *Desafios da União Europeia para a educação e formação* – Dissertação - do grau de Doutor em Educação – Especialização em História e Teoria da Educação Universidade de Aveiro, consultado em 20 de março de 2019 [disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/25722/1/Documento.pdf>].

CARVALHO, C. Pedro – *O Interior Norte da Lusitânia Romana. Resistências, Mudanças e Rupturas nos Primeiros tempos do Império*- in *El Bronce de El Picón* (Pino del Oro). *Procesos de cambio en el occidente de Hispania*, (Inés Sastre y Alejandro Beltrán, editores), Ed. Junta de Castilla y León, 2010, pp. 81, 133-134, consultado em 22 de maio de 2018 [Disponível em [coimbra.academia.edu/PedroCCarvalho](http://coimbra.academia.edu/PedroCCarvalho)].

CARVALHO, C. Pedro– *Há 2000 Anos em Celorico da Beira, Entre as Encostas da Estrela e o Vale do Mondego ao Tempo dos romanos*, Celorico da Beira através da História, Celorico da Beira, Câmara Municipal de Celorico da Beira/ Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009, pp.32-73.

CARVALHO, Pedro C. - *Identificação e representação espacial das capitais de civitates da Beira Interior*, Actas das 2as Jornadas de Património da Beira Interior: Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia, CEI / ARA, Guarda, 2005, pp. 155-169.

CARVALHO; Pedro C. – *Continuidade e Mudança no Norte da Lusitânia* *Revista de História Antigua*, Disponível em *Gérion* –ISSN: 0213-0181, Vol. 35, Nº. Esp. 417-441, 2017, pp. 419, 431. Consultado em 12 de maio de 2018 [Disponível em [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/44613/1/PCCARVALHO.Redentor%26Carvalho\\_%20Gerion.%20Continuidade%20e%20mudan%C3%A7a.2017.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/44613/1/PCCARVALHO.Redentor%26Carvalho_%20Gerion.%20Continuidade%20e%20mudan%C3%A7a.2017.pdf)]

CASTELO BRANCO, Manuel - *Notas e Documentos para a História dos Judeus e Cristãos ovos de. Castelo*, 1ª edição, Lisboa, 2005, pp.145-46.

CHANCELARIA DE D. MANUEL I, liv. 28, fl. 121 - CHR Chancelaria Régia 1211/1826, Section K Chancelaria de D. Manuel I 1496/1521, Instalation unit28 Chancelaria de D. Manuel I, liv. 28, Item121-547 - *À vila de Trancoso, confirmação de vários privilégios* - 1497-06-12/1497-06-12.

COIXÃO, António N. Sá, - *Povoações Romanas da Beira Transmontana e Douro*, HYPERLINK - Museu Do Côa- Revista Côavisão--Cultura E Ciência. N2 7, Actas do I Congresso de Arqueologia Trás os Montes, Alto Douro e Beira Interior, 2004, p.9, consultado 08 de fevereiro de 2018 [disponível em <http://www.artecoia.pt/Ficheiros/Bibliografia/1573/1573.pt.pdf>]

COLMENERO, Rodriguez - *Culto a las águas y divindades orientales en el Lugo romano: los monumentos de Bóveda y San Roque, espacio, tiempo y forma*. Serie II, História antigua, Nº 5, ISSN 1130-1082,1992,

CUSTÓDIO, J. - *Educação patrimonial* - Revista da Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico, 2000, PP. 10-11.

DALGALARRONDO, Paulo - *Natureza e Cultura na Definição e Delimitação do Humano: Debates e disputas entre antropologia e biologia* - Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas, 2013, p. 53.

DOWLEY, Tim, - *História do Cristianismo, Tradução de Artur Guerra e Cristina Rodriguez*, Guia Ilustrado, Bertrand Editora, Venda Nova, ISBN: 972-25-0901-2, 1995.

ECO, Umberto - *Idade Média – Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos*, 2011, p. 346.

EDWARD B. Tylor, D.C.L., LL.D., F.R.S - *Primitive Culture Researches Into The Development Of Mythology, Philosophy, Religion Language, Art, And Custom* - Professor Of Anthropology In The University, Vol. I, London - John Murray, Albemarle Street, W. cap. I, 1920, p.1.

ENEI- Estratégia Nacional De Investigação E Inovação Para Uma Especialização Inteligente 2014 – 2020, Documento de Trabalho N.2 - *Diagnóstico de Apoio às Jornadas de Reflexão Estratégica* - Eixo Temático 5 – Saúde, Bem-Estar e Território, ICC-Indústrias Culturais e Criativas, 2006, p. 8.

FABIÃO, Carlos - *O Vinho na Lusitânia - Reflexões em torno de um Problema Arqueológico*”, Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 1, nº 1, Lisboa, 1998<sup>a</sup>, p.170.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira - *Arqueologia no Castelo de Trancoso: Novos Dados Para o Estudo da Fortificação*, de Maria do Céu Ferreira; João Carlos Lobão, Município De Trancoso, In Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magrebe, Séculos VI A XVI, Lisboa, Edições Colibri & Campo Arqueológico de Mértola, 2013, p. 761-771.

FERREIRA, Ana Paula Ramos– *Património e Cidadania: Dos Vestígios Arqueológicos à Ação Pedagógica* – Tese de Doutoramento em Arqueologia, orientada pelo Professor Doutor José D’Encarnação apresentada ao Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013, p.16.

FERREIRA, Maria do Céu – *Levantamento Arqueológico do Concelho de Trancoso*. In Plano Diretor Municipal de Trancoso. Elementos Anexos: Estudos de Caracterização, 4. Rede Urbana (anexo). Trancoso: C. M. de Trancoso / Plural, 1992.

FERREIRA, Maria do Céu – *Inscrição Rupestre nos Vilares*, O Bandarra. Almanaque Anuário de Trancoso. Trancoso: Santos Costa / C. M. de Trancoso, 1993, pp.13-14.

FERREIRA, Maria do Céu – *Contributos Para a Carta Arqueológica do Concelho de Trancoso*, In Beira Interior: História e Património. Guarda: ARA / C. M. da Guarda - Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior, Guarda, 1998, 2000<sup>a</sup>, pp. 361, 362 -373.

FERREIRA, Maria do Céu - *Moreira de Rei, Trancoso: a ancestral Moraria*, In 25 Sítios Arqueológicos da Beira Interior (Catálogo da Exposição). Trancoso: ARA / C. M. de Trancoso, 2005<sup>a</sup>, pp. 16-17

FERREIRA, Maria do Céu – *Vilares, Trancoso: uma aldeia com passado*, In 25 Sítios Arqueológicos da Beira Interior (Catálogo da Exposição). Trancoso: ARA / C. M. de Trancoso, 2005b, pp. 18-19.

FERREIRA, Maria do Céu Crespo - *Subsídios para o Estudo do Habitat Fortificado em Portugal*, in I Simpósio Peninsular sobre Fortificações Medievais, 1990.

FERREIRA, Maria do Céu Crespo - *Contributos para a Carta Arqueológica do Concelho de Trancoso*. In Beira Interior História e Património. Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior. Guarda: Câmara Municipal da Guarda, 2000, p. 5196. BA: CONG/0232.

FERREIRA, Maria do Céu e LOBÃO, João Carlos – *Vilares, Trancoso. In Aspetos da Romanização das Terras Beiras de Entre Tejo e Douro*, Catálogo da Exposição. Celorico da Beira: C. M. de Celorico da Beira / ARA. DGEMN- Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2013.

FERREIRA, Maria do Céu e LOBÃO, João Carlos – *Arqueologia no Castelo de Trancoso: novos dados para o estudo da fortificação*. In FERNANDES, Isabel Cristina (coord.). Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (Séculos VI a XVI). Lisboa: Ed. Colibri / / CAM, 2013, pp. 761-771.

FERREIRA, Maria Do Céu E Lobão, João Carlos): *ponto no mapa, notícia preliminar sobre a carta arqueológica de Trancoso*, in revista *Al-Madan* arqueologia, património, história local, online II<sup>a</sup>. série 21(tomo 1) jul. 2016.

FERREIRA, Maria do Céu; LOBÃO, João Carlos e CATARINO, Helena – *Cerâmicas Altomedievais do Castelo de Trancoso: uma primeira abordagem Arqueologia Medieval*. Porto: Ed. Afrontamento 2012, pp.15-31.

FIGUEIREDO, A.; BEREZOWKI, W – *Comunidade Arqueologicamente Mais Consciente*, in Revista Tempos, V. 17, Nº.2, jan./jun /2017 ISSN 2317-5516 P.65-8, p.71,

FIGUEIREDO, Alexandra - Faculdade de Letras Universidade de Coimbra – *Contribuição para uma Carta Arqueológica do Concelho de Trancoso*, Vol.I, 1997, p.19.

FIGUEIREDO, Alexandra – *A Quinta da Atalaia*, Trancoso, CEPBA, 1999, consultado em 25 de julho de 2019. [disponível em [arkaf.blogspot.com/2004/06/estacao-calolitica-da...](http://arkaf.blogspot.com/2004/06/estacao-calolitica-da...)].

FIGUEIREDO, J. Moreira - *Subsídios para o estudo da viação romana das Beiras*, Beira Alta, nº4, ano XI, Viseu, 1952, pp.299-330.

GEERTZ, Clifford – *A Interpretação das Culturas*, Capítulo I, 1973, p.4. [disponível em [https://monoskop.org/images/3/39/Geertz\\_Clifford\\_A\\_interpretacao\\_das\\_culturas.pdf](https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretacao_das_culturas.pdf)].

GONÇALVES, Luís Jorge Rodrigues - *Os castelos da Beira interior na defesa de Portugal séc. XII - XVI*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras de Lisboa, 1995.

GONÇALVES, Maria Alexandra Patrocínio Rodrigues – *A cultura material, a musealização e o turismo: a valorização da experiência turística nos museus nacionais*. Tese de Doutoramento, Évora, Universidade de Évora, 2012, p. 42.

GORGÃO, Sérgio– *Cogula- Apontamentos para a monografia de uma freguesia de Trancoso*, 2009, p.14.

GUERRA, Amílcar - *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. In Recensão a Juan L. GARCÍA ALONSO - Conimbriga: Revista de Arqueologia. Vol. 43, 2004.

GUERRA, Amílcar– Recensão Bibliográfica: Grupo Mérida - *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos; Bordeaux: Ausonius, 2003”. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa: IPA. 8, 2005, pp. 636-640.

GUERRA, Amílcar - *Sobre o território e a sede dos Lancienses Oppidani e Transcudani e outras questões conexas*. Conimbriga: Revista de Arqueologia. Vol. 46, 2007.

HORTA, Maria Lurdes Parreiras - Educação Patrimonial Boletim - *Salto para o Futuro*, março/abril, 2003, p. 11, consultado em 26 de janeiro de 2019. [Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15883.pdf>].

IPHAN Educação Patrimonial: *histórico, conceitos e processos*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014, pp.27,46.

KEESING, Roger M.-*Theories of culture revisited*. Canberra Anthropology 13(2): 1990, pp, 46-60. ISSN0314-9099, consultado em 11 de março de 2019. [Disponível em [http://blogs.ubc.ca/last201spring2017/files/2017/01/keesing\\_theories-of-culture.pdf](http://blogs.ubc.ca/last201spring2017/files/2017/01/keesing_theories-of-culture.pdf)].

KUPER A. *Cultura: A visão dos antropólogos*. EDUSC, Baurú, SP, 2002.Consultado em 11 de março de 2019. [Disponível em <https://www.scribd.com/document/170662757/ADAM-KUPER-Cultura-a-visao-dos-antropologos>].

LARAIA, Roque de Barros - *Cultura um conceito antropológico*, 14<sup>a</sup>. Edição, Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro, 2001.

LEACH, Edmund - *Cultura/Culturas*. In Ruggiero Romano, Enciclopédia Einaudi, volume 5, Anthopos-Homem. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 1985.

LOBÃO; FERREIRA; FIGUEIREDO - *Lagares Rupestres do Concelho de Trancoso* - revista *Almadan* - online II.ª série 21, 2017, p. 11.

MANTAS, Vasco Gil – *A Rede Viária Romana em Portugal. Estado da Questão e Perspectivas Futuras*, in *Anas* – 21-22, 2008/2009, pp. 239-XX, p. 252.

MARQUES, António de Oliveira – *História de Portugal*- Vol. I, Das Origens às Revoluções Liberais, Edições Ágora, Lisboa, 1972, p-19.

MARQUES, António Carlos – *A Ocupação Romana na Bacia de Celorico*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiada), anexos I. nº. 3; 4; 5, 2011, pp.21, 25, 39, 43.

MARTINS, Alberto Sampaio Manuela – *As vilas do norte de Portugal*, de Revista de Guimarães, n.º 102, pp. 389-409, in Manuela Martins - Sociedade Martins Sarmento | Casa de Sarmento, 1992, p.4

MATTOSO, José; BRITO, Raquel; FABIÃO, Carlos; MACÍAS, Santiago; TORRES, Cláudio - *História de Portugal* - In Direção de MATOSO, José, Primeiro Volume - Antes de Portugal - Lisboa, Círculo de Leitores, ISBN 972-42-0589-8, 1992, pp. 191, 196 e 351,

MELO, Patrícia Helena Lopes Pinto de Sousa - *Proposta de Criação e Programação do Centro de Interpretação Luís de Camões em Macau* - Trabalho de Projeto de Mestrado em Museologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, (policopiada) 2014, p. 49.

MENDES, António Rosa – *O que é Património Cultural*, Olhão: Gente Singular, editora, 1ª edição: dezembro de 2012, pp. 19 e 22, consultado em 14 de maio de 2019, [disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/61506613.pdf>].

MENDES, J. Amado - *Estudos Do Património - Museus E Educação, Estudos: Humanidades*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2.ª e d i ç ã o, ISBN 978-989-8074-81-2009, p. 59.

MOITA, Irisalva – *Características predominantes do grupo dolménico da Beira alta*, *Ethnos*, vol. IV, 1966, p. 273.

MOREIRA, David Bruno Soares - *As marcas de pedreiro nas fortificações de Trancoso*, *O Archeologo Português*, Lisboa, 25 (1ª série), 1921-1922, p. 191-196.

NETO, Nuno Miguel; REBELO, Paulo Miguel – *Levantamento Arqueológico da Freguesia de Vilares*, Concelho de Trancoso. Lisboa (trabalho académico, policopiado. *O Archeologo Português* – Segundo Supplmento à Gazeta de Lisboa, nº. 21, de 26 de dezembro de 1789, 2000, p. 216.

OSÓRIO, Marcos Daniel – *O Povoamento Romano do Alto Côa* - Dissertação de Mestrado em Arqueologia Romana Vol. I, Faculdade de Letras de Coimbra – Coimbra 2000, pp.109,

PEDRO, C. Carvalho - *Continuidade e mudança no Norte da Lusitânia*, In Gerión Revista de História Antigua - La Hispania de Augusto, Vol.35, Ediciones Complutense ISSN 0213-0181, 2017 p. 432. 407- 435,

PEREIRA, Inês Gonçalves – *Presença Templária em Tomar- Proposta para a Criação de um Centro Interpretativo*, 2017, p. 16.

PEREIRA, Inês Leite Pereira – *Turismo e Revitalização Urbana, Valorização do Património Arqueológico da Cidade do Porto* – Dissertação – Faculdade de Letras do Porto, 2014.

PEREIRA, Maria Da Piedade Rolo; CARDOSO. Ana Paula Pereira Oliveira Cardoso. - *A Escola E A Educação Patrimonial: Perspectivas De Intervenção* - Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde. Lamego, 2003, consultado 16 de maio de 2019, [disponível em <https://docplayer.com.br/15685253-107-centro-de-estudos-em-educacao-tecnologias-e-saude.html>]

PEREIRA, Carlos Samuel Pires Pereira - *As Lucernas Romanas de Scallabis* - Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. I. 2008,

PERESTRELO, Manuel Sabino – *O Castelo dos Mouros de Cidadelhe e a Idade do Ferro no Médio Côa*, in *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia*- Actas das 2as Jornadas de Património da Beira Interior 2005 – Guarda, 2003<sup>a</sup>, p.87.

PERESTRELO, M. Sabino, FERREIRA, Maria do Céu - *Povoamento Romano na Bacia da Ribeira de Massueime (Guarda)*. Alguns Subsídios, 2000 - *Actas das Ias Jornadas do Património da Beira Interior*, pp. 84, 97-120.

PERESTRELO, Manuel Sabino - *A Romanização na bacia do rio Côa*. Vila Nova de Foz Côa, Instituto Português de Arqueologia. Parque Arqueológico do Vale do Côa, 2003, p 8, Nº. 81; 81 – 94; 97; 120; 146; 206 BA: PI/Per.

PERESTRELO, Manuel Sabino G. e FERREIRA, Maria do Céu Crespo, *Fortificações e caminhos medievais no Médio Côa*, in *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magrebe (500 – 1500)*, 2001 - *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*, Lisboa, pp. 885-893.

PERESTRELO, Manuel Sabino Gomes - *O Povoamento do Caldeirão* – Subsídio para estudo do Bronze Final na Região da Guarda, Beira Interior, História e Património. Mestrando da Universidade de Coimbra, Guarda, 2000, p. 53

PÉREZ, Xerardo Pereiro - *Apontamentos De Antropologia Sociocultural* - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Departamento de Economia, Sociologia e Gestão, Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, p.96, disponível em <https://docplayer.com.br/8753011-Apontamentos-de-antropologia-sociocultural.html>, consultado 22 março. 2019.

PÉREZ, Xerardo Pereiro *Turismo Cultural – Uma visão antropológica*, Colección PASOS edita, nº. 2, 2009. p. 22

PROENÇA, Francisco Tavares– *Ensaio de inventário dos castros portugueses*, Typografia Leiriense, Leiria, 1908.

REDOL, João Carlos - *Contributo para a Carta Arqueológica da região de Trancoso*. Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra, Coimbra, 1985, p.62, (policopiado).

REPAS, Fernanda - *Religião na Beira Interior ao Tempo dos Romanos* - Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2001 (Policopiado).

QUINTELA, Pedro; FERREIRA, Claudino – *Indústrias Culturais e Criativas em Portugal: Um Balanço Crítico de uma nova 'Agenda para as Políticas Públicas no Início do Milénio*, In REVISTA Todas as Artes Porto, Vol. I, nº. 2018, [88-110], p.90.

RUIVO, Ana Lúcia Farinha - *Corpo e Cultura: O Indígena Brasileiro nos Relatos Portugueses da Segunda Metade do Século XVI*, Dissertação de Mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas-Universidade Nova de Lisboa, 2010 p.5. (Policopiada)

SALVADOR RODRÍGUEZ BECERRA - *Patrimonio Cultural Y Patrimonio Antropológico*, *Revista De Dialectología Y Tradiciones Populares*, Vol. LIV, Nº 2, Dpto. de Antropología Social Universidad de Sevilla, ISSN: 0034-7981, 1999, p. 110, [Disponível em <Http://Dra.Revistas.Csic.Es/Index.Php/Dra/Article/Viewfile/417/421>].

SILVA, Armando Coelho Ferreira da - *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*, Museu Monográfico da Citânia de Sanfins. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Edição: 2ª, ISBN: 978-972-9408-28-1, 2007.

SILVA, José Candeias - *O problema das sepulturas abertas na rocha – subsídio para o seu estudo, com base numa amostragem colhida na Orca (Fundão)*. In Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu, Viseu, 1989, pp. 133; 509-521.

SOUSA, Lúcio - *Antropologia Cultural* - Caderno de Apoio, Universidade Aberta, ISBN: 978-972-674-551-8, 2008, p.27.

SOUSA, M. *Notas sobre a Geologia e a Mineralização das Minas do Massueime*. In Massueime, Cótimos, Trancoso, Guarda, Portugal, 1944, pp. 743-755, consultado em 11 de novembro de 2018, [disponível em [www.mindat.org/loc-46293.html](http://www.mindat.org/loc-46293.html)]

TAVARES, Hugo Moura - *Raymond Williams: Pensador da Cultura*, Revista *Ágora*, Vitória, n.8, 2008, p. 12., consultado em 16 de junho de 2019 [Disponível em <http://www.periodicos.ufes.br/agora/article/viewFile/1927/1439>]

TEIXEIRA, Irene Avilez - *Trancoso, Terra de Sonho e Maravilha*, Trancoso, 1982, pp. 12-13-31-313-314- 319-342 -320-396-398-409-414.

TEIXEIRA, Jorge Fernando Silva - *Projeto de Centro Interpretativo da Cultura Kwanyama. (Cuanhama)*, - 2º Ciclo de Estudos em História e Património, Ramo de Mediação Patrimonial. Universidade do Porto, 2014, consultado em 15 março 2018, [disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77295/2/33423.pdf>].

TENTE, Catarina - *Lagares, Lagaretas ou Lagariças Rupestres da Vertente Noroeste da Serra da Estrela* - Revista portuguesa de arqueologia, 2007, p. 346, consultado em 06 de agosto de 2018. [Disponível em [https://www.academia.edu/443252/lagares\\_lagaretas\\_ou\\_lagari%C3%A7as\\_rupestres\\_da\\_vertente\\_noroeste\\_da\\_serra\\_da\\_estrela](https://www.academia.edu/443252/lagares_lagaretas_ou_lagari%C3%A7as_rupestres_da_vertente_noroeste_da_serra_da_estrela)]

TENTE, Catarina - *Paisagens humanas altomedievais na vertente noroeste da Serra da Estrela* – Portugal, in Território, Sociedade e Poder. revista de estudos medievais, ISSN 1886-1121, ISSN-e 2341-1163, Nº. 2, [pp.87-108], 2007, pp. 90 e 95.

TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra - *Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia*. Revista Portuguesa de arqueologia, 1998, p.208.

VALERA, António Carlos– *Património Arqueológico do Concelho de Fornos de Algodres*. 1.ª Fase da Carta e Roteiro. Lisboa: Associação de Promoção Social, Cultural e Desportiva de Fornos de Algodres, 1993, pp. 35-36.

VASCONCELOS, Bernardo; SOUSA - «*O Monaquismo Ibérico pré-benedictino*. In Ordens religiosas em Portugal. Das origens a Trento, Guia Histórico, Lisboa, Livros Horizonte, 2005, pp. 27-33.

VASCONCELOS, José Leite– *Religiões da Lusitânia: na parte que se principalmente se refere a Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. 3, 1913, pp. 408-409.

VIEIRA, Inês Espada; MENDONÇA, Marta - *O Românico – Arquitetura. Escultura. Pintura* - Edição de Rolf Toman- Fotografias de Achim BednorzKonemann - p. 20. ISBN 3-8290—4429-1, 1996 p. 20.

VILAÇA, Raquel – *Produção, Consumo e Circulação de Bens na Beira Interior na transição do II para o milénio I a.C.* In Actas do Colóquio «A Pré-História na Beira Interior» - Tondela, nov. 1997, Viseu, 1998, [pp. 347-374], p. 348.

VILAÇA, Raquel; SERRA, M. (2016) - *Revista de Arqueologia, Publicação anual*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ISSN: 0084-9189, consultado em 15 de fevereiro de 2018. [disponível em [http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub\\_online/pdfs\\_online/2016\\_comensa](http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub_online/pdfs_online/2016_comensa),

WERNECK, Vera Rudge, - *Sobre o processo de construção do conhecimento* - O papel do ensaio e da pesquisa - Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.51, abr./jun. 2006, p.173-196.

## Webgrafia

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2596419>, consultado em 13. julho de 2019.

[http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/7\\_2/20.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/7_2/20.pdf), consultado em 20 de abril de 2018.

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=58465>.

<http://www.periodicos.ufes.br/agora/article/viewFile/1927/1439>, consultado em 20 de abril de 2018.

<https://digitalq.arquivos.pt/details?id=3871242>, consultado em 20 de abril de 2018

[https://www.fct.pt/esp\\_inteligente/docs/IndustriasCriativas\\_ENEI\\_Coimbra.pdf](https://www.fct.pt/esp_inteligente/docs/IndustriasCriativas_ENEI_Coimbra.pdf), 20 de maio de 2019.

[http://adriojaalta.org/wp-content/uploads/2017/11/Lagares-Rupestres.-Aportaciones-para-su-investigaci%C3%B3n\\_2](http://adriojaalta.org/wp-content/uploads/2017/11/Lagares-Rupestres.-Aportaciones-para-su-investigaci%C3%B3n_2), consultado em 03 de março de 2019.

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios>, consultado em 6. agosto.2017.

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sítios>, consultado em 22. outubro de 2016.

<http://avenidadasaliquia34.blogspot.pt/2012/10/arqueologia-medieval-n-12.html>, consultado em 12. outubro 2017.

<http://dev.igeo.pt/atlas/index1.html> (Instituto Geográfico Português), consultado em 18 de fevereiro de 2018.

<http://earthgoogle.com>, consultado em 18 de fevereiro de 2019.

<http://maps.google.com/>, consultado em 18 de fevereiro de 2019.

<http://pedrasehistoria.blogspot.pt/2014/09/imagens-da-lusitania-distrito-da-guarda.html> ,  
consultado em 04 de junho de 2017.

[http://www.cei.pt/pfdocs/edicoes/iberografias\\_6.pdf](http://www.cei.pt/pfdocs/edicoes/iberografias_6.pdf), consultado em 12 de maio de 2018.

<http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG102.18.pdf>, consultado em 12 de maio de 2018.

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=20093](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20093), consultado em 17 de fevereiro de 2018.

[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2995](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2995), consultado em 12 de maio de 2018.

[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4056](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4056), consultado em 10 de agosto de 2017. Estratégia Nacional de Investigação e Inovação para uma Especialização Inteligente. O Valor das Indústrias Culturais e Criativas, 2014 -2020.

[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2), consultado em 12 de maio de 2018

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/search/?q=TRANCOSO>. (consultado 22 de setembro de 2017).

[http://www.uc.pt/fluc/iarq/pdfs/Pdfs\\_FE/FE\\_87\\_2009](http://www.uc.pt/fluc/iarq/pdfs/Pdfs_FE/FE_87_2009)., consultado em 18 de fevereiro de 2018

<http://www.viasromanas.pt/>, consultado em 26 de agosto de 2017.

[https://issuu.com/terraeantiquae/docs/revista\\_portugalromano-n2-vers\\_1\\_1\\_](https://issuu.com/terraeantiquae/docs/revista_portugalromano-n2-vers_1_1_), consultado em 26 de agosto de 2017.

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/78898/2/34951.1.pdf>, consultado em 26 de agosto de 2017.

<https://revistas.ucm.es/index.php/GERI/article/download/.../50818>, consultado em 27 de maio de 2018.

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127160>, consultado em 26 de março de 2019.

[https://www.academia.edu/1917115/Roteiro\\_Arqueol%C3%B3gico\\_de\\_Vila\\_Nova\\_de\\_Paiva](https://www.academia.edu/1917115/Roteiro_Arqueol%C3%B3gico_de_Vila_Nova_de_Paiva) (consultado em 29 de agosto de 2017).

[https://www.academia.edu/19498904/Cogula\\_-Apontamentos para uma monografia de uma freguesia de Trancoso, da fixação humana à Reconquista](https://www.academia.edu/19498904/Cogula_-Apontamentos_para_uma_monografia_de_uma_freguesia_de_Trancoso_da_fixa%C3%A7%C3%A3o_humana_%C3%A0_Reconquista); Sérgio Gorjão, pp, 13, consultado em 06 de janeiro de 2017

[Www.Arte-Coa.Pt/Ficheiros/Bibliografia/1573/1573.Pt.Pdf](http://www.Arte-Coa.Pt/Ficheiros/Bibliografia/1573/1573.Pt.Pdf), consultado em 11 de junho de 2018.

<https://docplayer.com.br/8753011-Apontamentos-de-antropologia-sociocultural.html>,  
consultado em 6 de junho de 2019.

[www.caa.org.pt/7.edicoes.html](http://www.caa.org.pt/7.edicoes.html). Revista digital. Última edição: N.º 21, Tomo 1.(consultado Site da Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais:

## **ANEXO I – Levantamento dos sítios arqueológicos**

### **Introdução**

Optamos por organizar este levantamento tendo em conta o período cronológico dos vestígios. Por questões de ordem de proximidade de entendimento e visibilidade na região consideramos somente os vestígios que se integravam na Época Clássica e Idade Média.

Assim, apresentamos com base do mapa da figura nº.9. (p.46) os vários sítios arqueológicos numerados. A legenda apresenta três cores, de acordo com os percursos.

Para cada período realizamos ainda uma pequena abordagem do estado do conhecimento existente até ao momento. Os sítios, na parte textual, são apresentados por ordem alfabética de Freguesias. Por sua vez, a identificação e caracterização dos sítios arqueológicos é feita de acordo com

**LOCALIZAÇÃO:** Tendo por base a informação na folha da *Carta Militar de Portugal* (CMP) à escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89;

**ALTITUDE:** Em referência ao nível médio das águas do mar.

**CRONOLOGIA:** Dividida em Época Clássica ou Idade Média

**DESCRIÇÃO:** Informação referente ao sítio conforme as características observadas ou mencionadas em trabalhos histórico-arqueológicos.

Somente consideramos os sítios que estavam em condições de poder integrar o roteiro arqueológico, isto é, os locais mais significativos, optando, sempre que possível, por uma abrangência de todo o concelho, que é mais visível no roteiro a vermelho.

## I- Época Clássica

### Introdução

Estabelece-se, entre os anos 197-133 a.C. a chegada dos romanos à Península Ibérica, sob o governo do Imperador Octávio Augusto, tendo sido dividida em três províncias: Bética, Tarraconense e Lusitânia (MARQUES, 2011: p.18). A Lusitânia compreendia a área territorial entre os rios Douro e Guadiana, onde se insere a região de Trancoso.

Esta região encontra-se abrangida a norte pela bacia hidrográfica do rio Douro e a Sul pelo rio Mondego; A norte fica enquadrada nos afluentes do rio Douro, nomeadamente a Ribeira de Massueime, Ribeira da Teja, Rio Távora com leitos e encostas de declives devido à ondulação do relevo de Trancoso.

Na bacia hidrográfica do rio Mondego, temos a poente, as ribeiras da Muxagata, a Quinta das Seixas e a da Barroca com leitos estreitos delimitados por abruptas encostas e, a nascente, as ribeiras de Tamanhos e de Vilares cujos vales são abertos, com os leitos das linhas de água mais largos e amplos (FERREIRA, 2000<sup>a</sup>: p.362). Ribeira de Massueime, é um afluente do rio Côa, com nascente na Serra das Mesas, em Foios, Sabugal, próximo da Serra da Malcata, a uma altitude 1.175m. Segue no sentido Sul/Norte com algumas linha de água que percorre cerca de 135km até desaguar na margem esquerda do rio Douro, nas proximidades de Vila Nova de Foz Côa, a 130 m de altitude. O seu percurso atravessa os concelhos de Pinhel, Trancoso e Meda. É neste enquadramento geográfico que fomos recolher elementos para a realização deste trabalho o que nos vai permitir conhecer o povoamento romano da região.

Com os romanos além da nova administração, vieram novos costumes, novas crenças, nova política, novas técnicas, novas formas de estar, acabando por transformar o modo de vida das populações autóctones.

O povoamento romano da região, a avaliar pelos vestígios encontrados, remetem-nos para o tipo de habitat, “*casal, granja, villa, aldeia, vicus e castellum*. Sendo que o padrão de *habitat* era definido pela área e qualidade do espaço habitacional. Assim temos o termo *casal* identificado por uma pequena exploração agrícola de área entre os 100 a 1.000m<sup>2</sup> embora mais corrente entre os 400 e os 600m<sup>2</sup>, cujos vestígios encontrados nestas estações reduzem-se a *tegulae, imbrices* e cerâmica comum, indicadores de habitação rudimentar (ALARCÃO, 1998: 95-96). No caso da granja, estamos perante uma propriedade de média dimensão, cuja área compreendia entre os 1.000 a 5.000m<sup>2</sup> podendo mesmo ser identificada como *villa* rústica, de acordo com a qualidade da casa habitacional, onde já é possível encontrar vestígios de *sigillata*, tijolo de coluna, fustes de pedra local e capiteis simples toscanos. Já a *villa* apresenta dimensões que podem variar entre

os 5.000 e 10.000m<sup>2</sup> construção isolada e unifamiliar anexada à exploração da terra, cuja casa do proprietário é designada segundo Catão por *villa* urbana e por Columela por *pars* urbana da *villa*. Este tipo de habitat era ainda possuidor de *pars* rústica destinada ao alojamento dos criados, trabalhadores agrícolas, arrumos de “*ferramentas, celeiro, adega, estábulos, eira, abrigos de lenha e palha*” (ALARCÃO, 1998: p.92).

O edifício habitacional do proprietário era ornamentado com pavimentos de mosaico, revestimentos de estuque pintado nas paredes, termas e jardins. Porém, são os achados como a *tessellae* de mosaicos e escultura identificam de imediato uma *villae*. A aldeia romana era formada pelo conjunto de pequenas propriedades dispersas com habitações modestas e propriedades médias com habitações mais sólidas e amplas, com pavimentos de mosaico, revestimentos de estuque nas paredes e termas.

Nos séculos IV e V certos tipos habitacionais apresentam algumas variações consoante as suas dimensões. Alguns casais evoluem para granjas e granjas para *villae* que vão ter continuidade na Alta Idade Média (ALARCÃO, 1998: p.93-94). Porém no âmbito de trocas comerciais e interação social do ocidente atlântico-mediterrânico já se realizavam na região da Beira Interior na transição do milénio II para o I a.C. (RAQUEL, 1997: p. 348). Também já no séc. I a.C., já as guarnições militares acantonavam em pontos estratégicos, com o intuito de vigiar e controlar a extração de minérios na região, estanho, ouro, cobre, prata e chumbo (PERESTRELO, 2003<sup>a</sup>: p.87).

No que se refere especificamente à região de Trancoso existiam minas de estanho, lítio, cassiterite e urânio (FERREIRA, 2000: p. 362). Refere-se ainda que o escoamento do minério da região, nomeadamente de Massueime, era realizado por corredores naturais da paisagem, vias terrestres e fluviais, que o transportavam para outros locais, de onde traziam mercadorias e pessoas (VILAÇA, 1998: p.348). Para Raquel Vilaça, este procedimento reunia todas as condições necessárias para o seu funcionamento por plataforma de permutas no panorama do centro ocidental da Península. No que respeita a vias de comunicação na região são visíveis os troços da Via de Sintrão e de Freches.

Em Trancoso reconhecem-se alguns troços de via romana (figuras 12,13,14).



*Figura 12 - Ponte da Via de Freches (foto da autora)*



*Figura 13 - Calçada romana de Freches (Foto da autora)*

Segundo Alexandra Figueiredo, a atual calçada localizada em Freches bifurcava em três caminhos, um que seguia à Quinta dos Corgos, outro para Penedo de Moura e um terceiro para o lagar da ponte, na Ribeira das Canadas.



*Figura 14 - Via do Sintrão (foto da autora)*

O itinerário principal desta calçada servia os povoados romanos pertencentes a Freches, passando por Fiães rumo a Trancoso (FIGUEIREDO, 1997: p. 142). Atualmente ainda se encontra visível um pequeno troço da calçada e da ponte, na antiga ligação de Freches a Fiães, sendo que, o estado de conservação da ponte exige obras de manutenção, sob pena de queda. No centro da localidade, existe sinalização da localização da ponte romana. Porém, manifestação da sua preservação não existe, incluindo a remoção de entulho que permanece na sua envolvência e ribeira.

As redes viárias na região Trancoso, tal como em todo o império romano, contribuíram para ligar e aproximar os centros populacionais *civitates* e facilitar as exportações dos recursos extraídos (CARVALHO, 2017: p.419). Foi o Imperador Trajano que melhor serviço prestou, quanto à qualidade, comodidade e rapidez, tanto nas vias públicas como militares. Trancoso seria servido por uma estrada militar, vinda da Guarda que bifurcava em Aguiar da Beira com destino a Lamego e, uma outra secundária de Trancoso a Marialva.

Em consonância com o registo da comunidade científica, durante o séc. I, na Lusitânia, o tipo de povoamento era composto por *villae* (ALARCÃO, 1973: p. 104), *vici* (MARQUES, 2011: p. 23), granjas e casais. Proliferaram as granjas que se localizavam essencialmente nos solos mais férteis, sobranceiros aos cursos de água, onde os vales são propícios para a agricultura e pastorícia (MARQUES, 2011: p. 25).

As técnicas agrícolas introduzidas pelos romanos associadas à riqueza dos vales, eram sinónimo de prosperidade e fertilidade dos solos, o que fomentava o aumento e desenvolvimento de locais habitacionais, como a construção de casas, pontes, estradas e a implementação e desenvolvimento da língua latina e dos seus costumes (CARVALHO, 2017: p.81). Este processo de fixação, além de permitir a valorização e desenvolvimento da região, contribuiu para a unificação do império, tendo-se desenvolvido na segunda metade do séc. I a.C. e início do séc. I, em simultâneo com as campanhas militares realizadas na região (MARQUES, 2011: p. 21). Foi deste processo de romanização que obtivemos tão importante legado. Após a identificação das várias estações arqueológicas, alguns investigadores, nomeadamente os arqueólogos do gabinete de arqueologia da Câmara Municipal de Trancoso, realizaram estudos e trabalhos de prospecção. O espólio recolhido, encontra-se atualmente sobre a alçada dessa Instituição.

A maior parte das estações do concelho de Trancoso encontram-se ao longo da ribeira de Massueime, afluente do rio Côa, destacando-se os sítios “Castelo Tapado do Oleiro, Quinta das Cardosas/Quinta do Campo, Soito Cabral; Quinta do Prado, Eirinha”(FERREIRA, 2000: p. 363)

ou nas proximidades dos seus afluentes com vales abertos e encostas relativamente suaves, férteis para a agricultura e favoráveis à criação de gado.

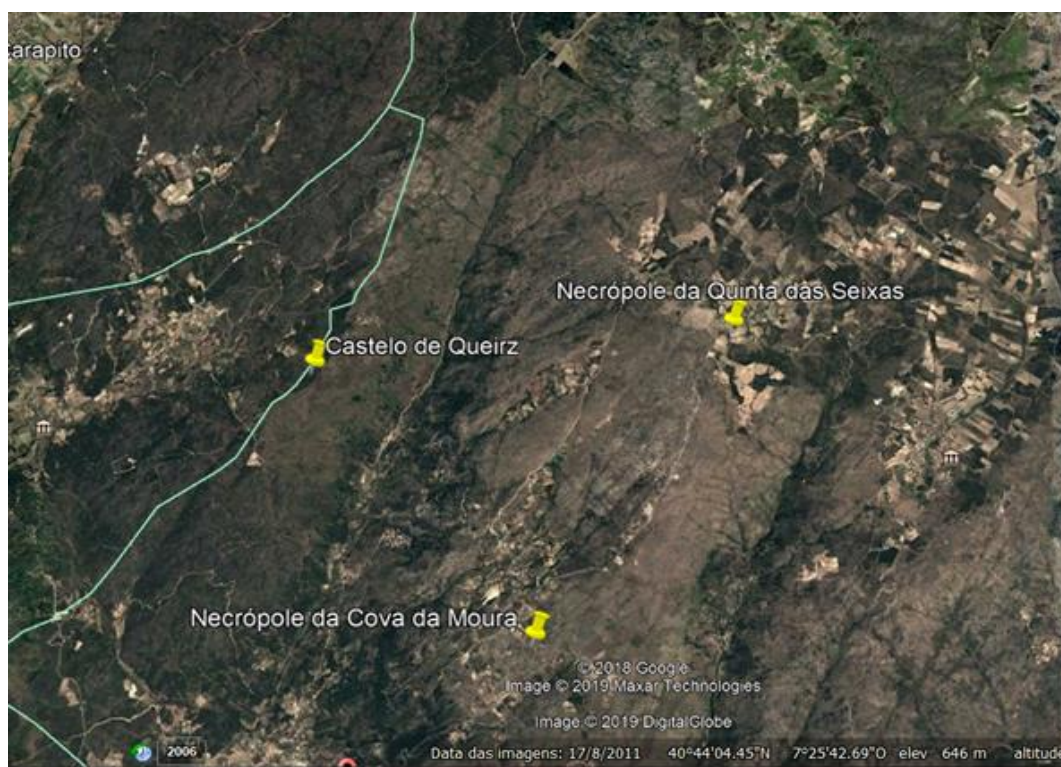
**Tabela 4- Sítios Arqueológicos mais relevantes identificados do período do romano**

| Nº    | Freguesias                   | Sítio                             | Tipologia      | Altitude   | Coordenadas ETRS89    | Nº. Carta Militar 25.000 |
|-------|------------------------------|-----------------------------------|----------------|------------|-----------------------|--------------------------|
| Nº.3  | Queiriz                      | Castelo de Queiriz                | Época Clássica | 710-745m   | 59135.239,118186.592  | CMP.180                  |
| Nº 4  | Cogula                       | Tapada do Oleiro e Castelo-Cogula | Época Clássica | 539 m      | 73224.531,126870.674  | CMP: 170                 |
| Nº.6  | Cótimos                      | Quinta das Cardogas               | Época Clássica | 508m       | 76081.388,30148.113   | CMP.160                  |
| Nº.7  | Aldeia Nova                  | Quinta Banda D'Além               | Época Clássica | 799m       | 62547.824, 118601.370 | CMP 180                  |
| Nº.9  | Freches                      | Olos ou Soito Cabral              | Época Clássica | 557 e 564m | 65722.187,117896.593  | CMP.181                  |
| Nº.10 | Freches                      | Quinta dos Corgos ou Casais       | Época Clássica | 500 m      | 66761.688,116469.078  | CMP: 181                 |
| Nº.11 | Freches                      | São Clemente                      | Época Clássica | 530 m      | 65639,117332.253      | CMP: 181                 |
| Nº.12 | Granja                       | Forno da Telha                    | Época Clássica | 610 m      | 78443.248,120060.599  | CMP: 170                 |
| Nº.20 | Póvoa do Concelho            | Quinta do Prado                   | Época Clássica | 533 m      | 74683.649, 123331.664 | CMP: 170                 |
| Nº.25 | União Freguesias de Trancoso | Mina de Vale Metoque              | Época Clássica | 778m       | 66759.610, 124537.430 | CMP: 170                 |
| Nº.26 | Sintrão                      | Via do Sintrão                    | Época Clássica | 730 m      | 64003.130, 125124.211 | CMP: 170                 |

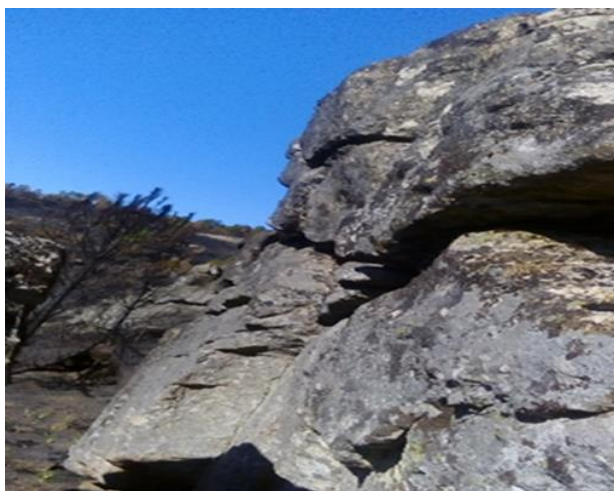
|        |             |                                                |                                      |       |                      |           |
|--------|-------------|------------------------------------------------|--------------------------------------|-------|----------------------|-----------|
| Nº. 31 | Vila Garcia | Cabeço dos<br>Telhões e Pontes<br>de Massueime | Época<br>Clássica                    | 506m  | 76624.372, 25321.400 | CMP:170   |
| Nº32   | Vilares     | Lapa<br>Chã/Inscrição-                         | Época<br>Clássica                    | 567 m | 71233.914,117368.565 | CMP: 181) |
| Nº.33  | Vilares     | Eirinhas                                       | Época<br>Clássica                    | 548m  | 71233.914,117368.565 | CMP.181   |
| Nº.34  | Vilares     | Igreja Nossa<br>Senhora da<br>Graça            | Época<br>Clássica/<br>Idade<br>Média | 492 m | 72102.764,115768.853 | CMP: 181  |

Segue a descrição de cada um dos sítios:

**Castelo de Queiriz (Também designado de Cabeço da Torre – Aldeia Nova) (Nº 3 do mapa da fig. 9)**



*Figura 15 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização do Castelo de Queiriz*



*Figura 16 - Parte da muralha com rocha aparelhada do lado Este onde o declive é muito acentuado (foto da autora)*



*Figura 17 - Recinto do Castro e Queiriz (foto da autora)*

**Localização:** Tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 180) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 59135.239,118186.592

**Altitude:** 710-745m em referência ao Nível Médio das Águas Do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica

**Descrição:** Trata-se de um povoado da Idade do Ferro com indícios de romanização, é conhecido pelo topônimo “Queiriz”. Situa-se num esporão com 740 metros de altitude, sobranceiro à ribeira da Muxagata.

O seu acesso parte da estrada municipal que liga Queiriz a Trancoso. Após sensivelmente 2km da saída da povoação, vira-se à direita conforme sinalização, daí ao Castelo (ou Castellum), são aproximadamente 3 km de caminho de terra batida, sem qualquer indicação do local.

No espaço especificado como o *habitat*, foram encontrados vestígios de cerâmica grosseira, cerâmica alisada, que comprova o processo de romanização do local e, um fragmento de bordo de paredes retas, corroborando o tipo de casa em forma quadrangular.

Segundo informação no local, o espaço foi utilizado até relativamente pouco tempo, no cultivo de cereais, o que justifica o amontoado das pedras, conforme fig. 43.

A cultura castreja chega ao Noroeste do atual espaço nacional entre o século V e a segunda metade do século VII (MATTOSO, 1992: p. 191-192), fixando-se entre o Douro e Minho em locais elevados, uma melhor defesa. De acordo com (MATTOSO, 1992: p. 195), as primeiras incursões foram exercidas pelos Túrdulos e Célticos, povos indo-europeus da meseta meridional. Com o propósito de se protegerem, formavam povoados amuralhados reforçados por um fosso cavado em torno da base da muralha. A fortaleza era construída por pedras pequenas e médias e as fendas preenchidas com cascalho e argamassa, reforçadas casualmente com duas ou mais cinturas (MATTOSO, 1992: p. 192). Quanto à tipologia da casa castreja, apresentava-se em dois tipos de forma: circular e quadrangular, evidenciando-se a casa circular com cerca de 5 m de diâmetro (MATTOSO, 1992: p. 193). Já no interior destes castros, era fixado um poste no centro, que servia de suporte à estrutura da cobertura, formada por materiais perecíveis em formato cómico. Quanto à sua origem alguns autores declinam para a zona do meridional sul, enquanto outros para origem céltica.

Apesar da ausência de fragmentos no local, é conveniente incluí-lo no Roteiro arqueológico, devido à sua riqueza histórica, mas também pela extensa e belíssima paisagem que se visualiza do local. É nosso dever dar a conhecer a sua história às gerações atuais e futuras de forma oral, mas também pelos vestígios a ser expostos no Centro Interpretativo.

## Tapada do Oleiro e Castelo-Cogula do (Nº 4 do mapa da fig. 9)



*Figura 18 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização da Tapada do Oleiro – Cogula.*



*Figura 19 - Parte da muralha do Castello (foto de Sérgio Gorjão)*



Figura 20 - Zona do Castelo da Tapada do Oleiro  
(foto da autora)



Figura 21- Zona da Villa da Tapada (foto da autora)

**Localização:** Cogula, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 73224.531,126870.674,

**Altitude:** 539 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica

**Descrição:** O sítio romano Tapada do Oleiro, datado dos séculos I a.C. a IV., emergiu de um *castro* (FIGUEIREDO, 1997; GORJÃO, 2009: p.14) situado num cume de pequenas dimensões. Passou pelo processo de transformação e de continuidade, tanto ao nível habitacional como económico e social (PERESTRELO, 2004: p. 69). O sítio encontra-se situado num pequeno esporão, entre a ribeira de Freixo e a ribeira de Cótimos, localizadas na bacia hidrográfica de Massueime a Sul da povoação de Cogula e a Este do Castelo.

Atualmente o espaço encontra-se separado pela estrada municipal (PERESTRELO & FERREIRA, 2000: p. 97).

Nos destroços da edificação defensiva do Castro (PERESTRELO, 2004: p. 102.) com dois metros de largura (GORJÃO, 2009: 14.), ainda é possível encontrar alguns vestígios. Na construção da muralha, os afloramentos graníticos foram cortados e alinhados com o pano exterior que rodeava toda a zona do castro. A sua funcionalidade não era apenas defensiva, mas também a de agrupar uma sociedade hierarquizada e delimitar o seu espaço, face ao território envolvente (PERESTRELO, 2004: p. 86).

Os vestígios encontrados numa área de dispersão de 20 000m<sup>2</sup>, são constituídos por pedras lavradas, colunas, pesos de tear, cerâmica doméstica, fragmentos de *sigillata*, e um de *sigillata* Hispânica do tipo Drag, característica dos séculos I e II, mós circulares, cerâmica de construção como, tijolos, *tégulae*, *imbrices* e uma inscrição funerária a comprovar a ocupação desde os primeiros séculos. A sua transcrição refere “*D. M. S. APANAE REBURRI F. AN. XVIII ALBINVS. VX ANTONIUS. M CANELA F.F.C.*” *sec. I – II d.C.* Consagrada aos Deuses Manes a. *Apana*, filha de *Reburro*, de 19 anos. *Albinus Apanonius* (?), MV/CNELA-F.F.C.- *Nucnela*, mandou fazer a *Apana* filha de *Reburro*, de 19 anos de idade, que se encontra atualmente no Museu de Arqueologia (n.º inv: E 6166) (VASCONCELOS, 1913: p. 408-409) e o remanescente à guarda da Câmara Municipal de Trancoso.

São os vestígios de cerâmica cinzenta grosseira, que nos indicam a existência de um castro do período da Idade do Ferro, que posteriormente deu origem à ocupação romana e, permitiu a evolução do castro a *villa*. A extensa área onde se encontravam os vestígios são indicadores de estarmos perante uma *villa* constituída por *pars* rústica e *pars* urbana, situada na base do castelo (PERESTRELO, 2000: p. 363).

Tal como, em estações arqueológicas que se seguem, também aqui a existência de mós circulares, indicam a existência da atividade da moagem do cereal, elemento que pode ter existido em todas as habitações rurais da época (PERESTRELO, 2003: p. 156), já pesos de tear remetem-nos para as práticas ligadas aos lanifícios; linho, bragal e lã, que assumem um papel relevante tanto na economia doméstica no período dos Castros, como na comercialização ao nível local e regional (ALARCÃO, 1992: pp. 44-45). Também a criação de gado e pastoreio pode ter assumido um papel fulcral nestes núcleos familiares, através do fornecimento da lã, mas também, de leite e de carne. Já as cerâmicas *sigillata* remetem-nos para a existência de rotas comerciais, nomeadamente da *itálica*, da *gálica*, *hispânica* africana e oriental (ALARCÃO, 1971: p. 13). Estas populações praticavam um sistema económico de subsistência, assente na diversificação e exploração dos recursos naturais disponíveis (MARQUES, 2011: p. 68),

**Quinta do Campo, também designada por Quinta das Cardosas – Cótimos (Nº 6 do mapa da fig.9).**



*Figura 22 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização da Quinta das Cardogas - Cótimos*

**Localização:** Cótimos, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 160) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 76081.388, 30148.113

**Altitude:** 522.m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica

**Descrição:** A *villa* romana Quinta das Cardosas, data do século I. ao século III, encontra-se situada a Norte da povoação de Cótimos na bacia hidrográfica de Massueime (DGPC, 2017). À semelhança da Tapada do Oleiro, também a estação arqueológica da Quinta das Cardosas beneficiava de condições essenciais, para a fixação de uma *villa* romana com toda a sua dinâmica social e económica. A sua localização em vale aberto e fértil, torna-se crucial para a atividade agrícola e pecuária.

Os vestígios encontrados numa área aproximada de 40 000 m<sup>2</sup>, são constituídos por três capitéis, vários fustes de colunas, um colunelo, cerâmica comum, tal como; *tegulae*, *imbrices*, *dolia*, cerâmica cinzenta fina (século I), terra *sigillata* hispânica tardia, clara A e clara D, pesos

de tear, mós circulares e um sarcófago, que nos remetem para a existência do tipo de habitat designado por “*villa*”. Já a presença de terra *sigillata* hispânica clara A e D e a cerâmica cinzenta fina, reporta-nos às relações comerciais que existiam com alguma regularidade, no então, território romano e o norte de África e a Península Ibérica. Os capiteis, colunelos, fustes de colunas e peças em *sigillata*. A e clara A, evidenciam alguma opulência no tipo de habitat no local (ALARCÃO, 1973: p.150). Este tipo de *sigillata* surge no reinado do Imperador Tito Flávio Domiciano. A *sigillata* D, surge no séc. III e desenvolve-se no século IV, até ao primeiro quartel do séc. VII (ALARCÃO, 1973: p.151).

Todos estes elementos foram decisivos no desempenho e dinamismo da economia local e regional.

## Quinta da Banda D'Além I – Fiães (Nº 7 do mapa da fig. 9)



Figura 23 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização da Quinta da Banda D'Além - Fiães



Figura 24 - Zona de sopé da serra: Foto de Maria do Céu Ferreira Figura



Figura 25 - Zona de encosta: Foto de Maria do Céu Ferreira

**Localização:** Aldeia Nova, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 180) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 62547.824, 118601.370

**Altitude:** 799m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica

**Descrição:** O tipo de vestígios, constituídos por um peso de lagar; mó de vaivém; cerâmica comum (FERREIRA, 2016: p. 16), cerâmica manual e de construção, nomeadamente cerâmica a torno e dobradiças de bronze, encontrados na estação arqueológica com uma área de 3.500 m<sup>2</sup>, indicam estarmos na presença de um “Vicus”, do período Romano – provavelmente do Alto Império. A sua localização na encosta sobranceira à Quinta das Seixas, está adjacente a um pequeno curso de água afluente da ribeira de Massueime, enquadrada na bacia de Celorico da Beira e drenada pelo rio Mondego (CARVALHO, 2010: 79-91). Trata-se de um local, inserido na região territorial *Civitas Aravorum*, servido pela via que ligava Celorico da Beira a Póvoa do Mileu, passando por Portela, Vale de Azares e Aldeia Nova (CARVALHO 2009: P. 441) e, outra via secundária que entroncava com a via principal que ligava Chaves (AQUAE FLAVIAE) a Celorico da Beira, passando por Trancoso. Daí faria ligação com uma outra que passava pela Quinta das Seixas, Quinta Banda D`Além, Aldeia Velha, S. Gens, exatamente no Forno do Telheiro, em direção à travessia do rio Mondego na Ponte da Lavandeira até ao Bairro de St<sup>a</sup>. Luzia, Celorico da Beira.

**Olos (Também designado por Soito Cabral – Freches) (Nº 9 do mapa fig. 9)**



*Figura 26 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização de Olos, também designado por Soito Cabral.*



*Figura 27 - SEQ Figura \\* ARABIC 25 – Sítio Olos ou Soito Cabral*

**Localização:** Freches, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 181) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 65722.187,117896.593

**Altitude:** 557 e 564m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica

**Descrição:** A granja romana, designada por Olos ou Soito Cabral de 7000m<sup>2</sup> (FIGUEIREDO 1997; FERREIRA, 2000<sup>a</sup>: p. 366) localiza-se junto à estrada Municipal em direção a Carnicães, nas proximidades de uma ribeira, situada a uma distância de 500m. A ribeira é atravessada por uma ponte romana, onde o tapete foi coberto ou substituído por cimento. O estado de conservação do vão, foi difícil de avaliar devido à vegetação que se encontra no local.

No que se refere ao sítio da granja foram identificados grande número de vestígios, tais como; cerâmica de construção, cerâmica doméstica incluindo um fragmento decorado de *sigillata* Hispânica Tardia, cerâmica cinzenta, lucerna, *dolia*, malha de jogo, pesos de tear, pesos de lagar, duas mós rotativas e escória (FIGUEIREDO, 1997). Segundo informações orais, existiriam ainda no local bases de colunas e moedas (PERESTRELO, 2000: p. 104). Um elemento a destacar é a presença de uma lucerna, que durante o século I e II a.C. estavam associadas ao acantonamento de contingentes militares. São os acantonamentos que estão da base do surgimento de núcleos habitacionais (PEREIRA, 2008, pp. 78-79).

## Quinta dos Corgos (Casais) Freches (Nº. 10 do mapa da fig. 9)



Figura 28 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – localização da Quinta dos Corgos.

**Localização:** Freches tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 181) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 66761.688,116469.078

**Altitude:** 500 m: em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica

**Descrição:** Estamos perante uma estação arqueológica que abrange uma área aproximada de 20.000m<sup>2</sup>, situada numa encosta nas proximidades de uma linha de água. Presentemente destina-se à produção de vinha e olival (PERESTRELO, 2001: Anexo 1 (nº.12).

O acesso é realizado pela E.N. 102, virando em direção ao cemitério que fica mais ou menos a 1 Km de distância da E.N.102 (FERREIRA, 2000<sup>a</sup>: p.366). No local foi encontrado um enorme espólio constituído por *imbrices*, peso de tear, cerâmica comum e pedra aparelhada, *tegulae*, tijolo, um fragmento de cerâmica fina cinzenta do século I (PORTAL ARQUEÓLOGO), *dolia*, terra sigillata sudgália, hispânica tardia e clara D, mó rotativa e escória em nível 4 (FERREIRA, LOBÃO, 2016, p.24). A proximidade existente entre as habitações, podem ser indicadores de o local ter sido um povoamento.

## São Clemente - Freches (Nº. 11 do mapa da fig.9)

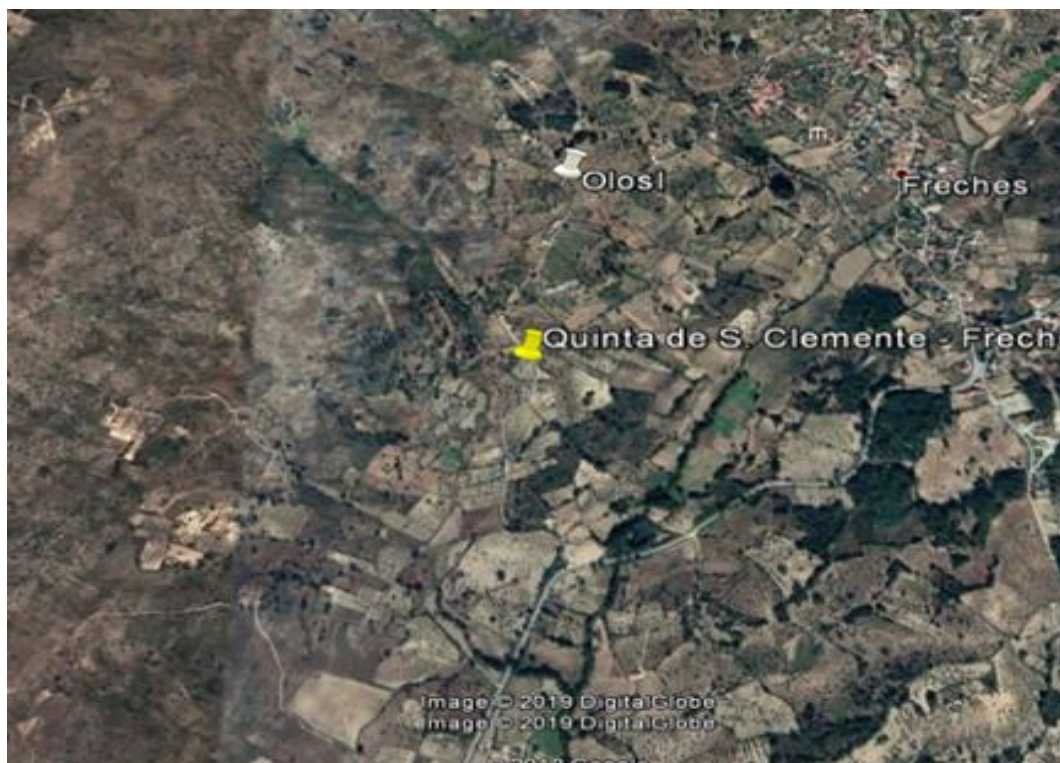


Figura 29 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – localização da Quinta de S. Clemente Freches

**Localização:** Freches tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 181) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 65639,117332.253

**Altitude:** 530 m: em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica

**Descrição:** O local caracterizado por casal de cronologia romano, situa-se numa encosta, junto ao ribeiro de Frechão, na aldeia de São Clemente (PERESTRELO, 2001: anexo I (nº.11).

Os vestígios encontrados numa área de 1300m<sup>2</sup> são constituídos por *tegulae*, *dólia*, *imbrices*, cerâmica comum, *sigillata*, lagar escavado na rocha, um peso de lagar retangular, uma mó rotativa, fuste de colunas e duas pedras almofadada (FIGUEIREDO, 2016: p.23).

A semelhança dos vestígios existentes nos vários locais, sugerem que as suas populações praticavam o mesmo tipo de economia assente na atividade agrícola, nomeadamente, na produção e fabrico do azeite. Já a presença da *sigillata*, cerâmica fina, fustes e colunas, remetem-nos para um tipo de *habitat* com alguma distensão de índole senhor e seus servidores.

## Forno do Telha – Granja (Nº. 12 do mapa da fig.9)



Figura 30 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) SEQ Imagem\_satélite\_Google\_Earth (15.01.19) \\*, Localização do Forno da Telha - Granja

**Localização:** Granja tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 78443.248,120060.599

**Altitude:** 610 m: em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica

**Descrição:** Este espaço arqueológico de tipologia casal rústico e datação do século I – romano, encontra-se a Este da povoação (FERREIRA; LOBÃO, 2016: p. 11).

No local com uma área de 200m<sup>2</sup>, foram encontrados vestígios compostos por um capitel e base de colunas, *tegulae*, cerâmica comum, *dolia*, cerâmica cinzenta fina identificada como sendo do século I, terra *sigillata*, uma ânfora, pesos de tear escória e duas sepulturas (FERREIRA; LOBÃO: 2016, p.16). Além dos artefatos da época romana, foram ainda encontradas, na parte Sul da aldeia numa colina duas sepulturas medievais escavadas na rocha de tipologia antropomórficas e de orientação E/W. A tipologia dos vestígios é indicadora um povoamento romano com continuidade até ao período do Alto-medieval (PERESTRELO, 2001 p. 206).

**Quinta do Prado - Vila da Sertã - Póvoa do Concelho (Nº.20 do mapa da fig. 9)**

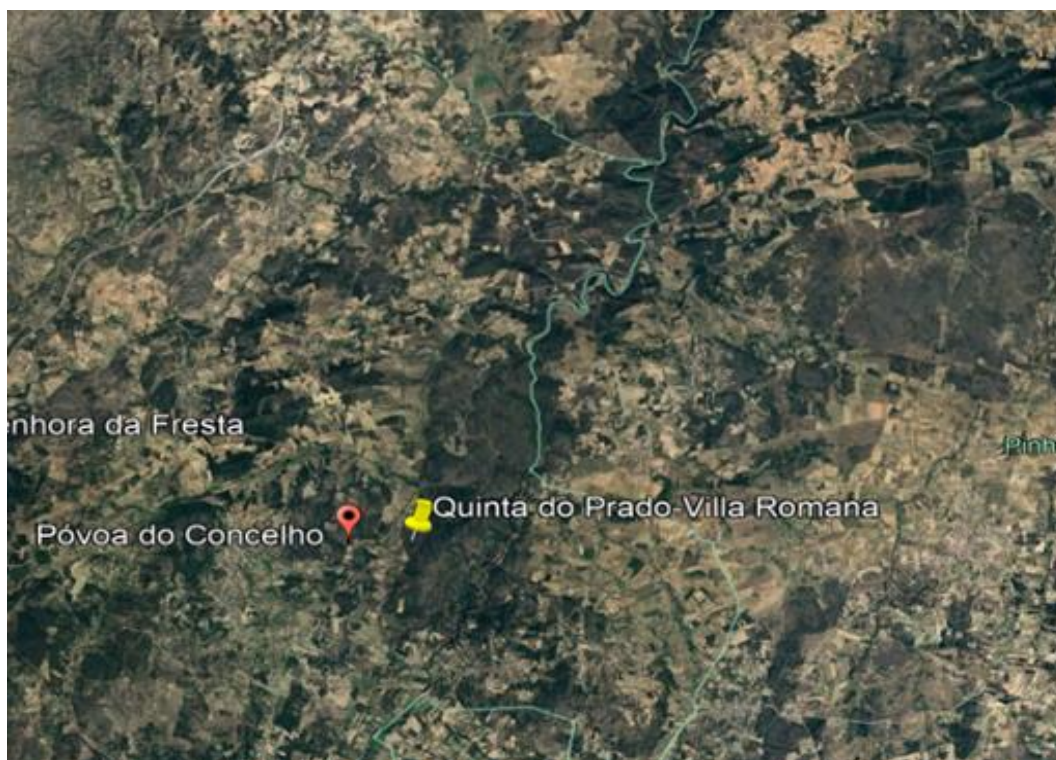


Figura 31 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19), (mapa nº. 2) – localização da Quinta do Prado

**Localização:** Póvoa do Concelho tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170 à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE);

**Coordenadas:** ETRS89; 74683.649, 123331.664

**Altitude:** 533 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica

**Descrição:** A *villa* romana de- *pars rustica* e *pars urbana*, era datada do séc. I a IV d.C. numa encosta virada a nascente e a Nordeste da aldeia da Póvoa do Concelho, nas proximidades da ribeira de Vale de Mouro. O seu acesso realiza-se a partir da aldeia da Póvoa, em direção a Nordeste (Portal do Arqueólogo).

Os vestígios arqueológicos localizados numa área com cerca de 12.000 m<sup>2</sup> indicam corresponder à *villa* romana de *pars rustica* e *pars urbana* separadas por uma ribeira. À uma altitude de 563m em afloramentos e blocos graníticos foram encontrados os vestígios de tégula. A 573 m foi encontrado uma base de coluna e um silhar almofadado epigrafado com a inscrição: ...ERRVS / (...) NIENSE que poderá corresponder à identificação do proprietário da *villa*. O

espólio é composto por cerâmica comum, *dolia*, ânfora, pesos de tear, mós rotativas e *imbrices*. *Estes vestígios* foram encontrados em ambas as margens da ribeira. que atravessa a villa romana de *pars* rústica e a par urbana. Presentemente, existem topónimos que estão ligados a explorações mineiras (*PERESTRELO, 2003:84*)

## Mina de Vale de Metoque – Trancoso (Nº.25 do mapa da Fig.9)



Figura 32 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19- (mapa nº. 2) – Localização do Vale Metoque

**Localização:** União da Freguesias de Trancoso, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170 à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 66759.610, 124537.430

**Altitude:** 778m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica

**Descrição:** No dia 26 de dezembro de 1789, foi publicada a notícia na Gazeta de Lisboa nº. 21, de que, no dia 13 de novembro de 1789, no local designado por Vale do Metoque, a quinhentos metros do Castelo, entre às Portas do Carvalho e a Quinta da Micha Velha foi encontrada por um lavrador uma estátua em pedra branca que indicava ser de Júpiter. Possuía na mão direita dois raios e o braço esquerdo encontrava-se quebrado à altura do cotovelo. A estátua foi levada para a praça de Trancoso onde foi reconstruído o braço, desconhecendo-se atualmente o seu paradeiro (TEIXEIRA, 1982: p.13).

Neste contexto podemos deduzir que no subsolo enquadrado nesta área deverão existir muitos mais vestígios dos vários povos que habitaram na região.

Além da estátua de Júpiter considerado um dos Deuses maiores romanos do Panteão Latino (ALARCÃO, 1973: p.159), adorado com maior frequência em áreas militarizadas. Foram ainda encontrados no local soterrado sob uma capa de chumbo, lanças, espadas e capacetes de ferro, numa casa de 20 palmos de altura e com 24 palmos quadrados com paredes de cantaria. O espaço interior era formado por várias divisões com assentos em pedra e cada canto da casa tinha formato de púlpito. Na primeira divisão foi encontrada a estátua que indica ser de Júpiter, no segundo compartimento com 15 palmos quadrados e 20 de alto, de paredes em cantaria, conforme a primeira. Segue-se uma outra onde no seu interior foram localizadas duas arcas de 10 palmos de comprimento, por quarto de altura e quarto de largo, possuindo no seu interior ferraduras e seis capacetes em ferro, quatro armaduras em aço, uma saia de malha, um par de botas de latão. O seu estado de conservação era extremamente mau, pois desfazia-se ao manuseamento.

Na segunda mala foram encontradas oito esporas de ferro, quatro freios, três saias de malha, dois ferros de lança, uma espada de punho em forma de cruz com sete palmos e meio de comprimento, tudo em estado de decomposição. Seguiram-se outras divisões com dimensões variadas, numa delas encontrou-se uma pia de ornamentação formada por caracteres ilegíveis, de oito palmos de comprimento e quatro de altura, numa outra uma mesa no centro da sala firmada por quatro colunas, noutra existia um nicho com oito palmos de altura, onde existia uma figura partira *O Archeologo Português – Segundo Supllemento à Gazeta de Lisboa*, nº. 21, p. 216.

Na parede existia um arco que ligava o caminho subterrâneo a uma escada de dezoito graus de acesso à superfície (AZEVEDO, 1897: pp. 214-217).

Quanto ao chumbo que guardava o tesouro, parte dele foi distribuído pelas pessoas envolvidas no achado, o restante não se tem conhecimento do seu paradeiro (TEIXEIRA, 1982: p.13).

Também, não muito longe deste local, foi encontrado no ano de 1946 vestígios de um Castro Romano, aquando da abertura das fundações para a construção de casas destinadas a Magistrados. Em 1976 foram descobertas, junto ao Tribunal Velho três sepulturas unidas e com ossadas, que a mando da Câmara Municipal de Trancoso, acabaram soterradas (TEIXEIRA, 1982: p.14).

## Via do Sintrão (Nº.26 do mapa da Fig.9)



Figura 33 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19- (mapa nº. 2) – Localização da Via do Sintrão.

**Localização:** Sintrão, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170 à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 64003.130, 125124.211

**Altitude:** 730 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica

**Descrição:** A via romana do Sintrão com aproximadamente 3 Km. Está classificada como imóvel de interesse público. Inicia-se na localidade de Sintrão, junto ao cemitério, nas proximidades da Ribeira do Vale Azedo. Passa pela Fraga do Ladrão em direção a Trancoso, num entroncamento das vias procedentes da Guarda, Meda, Vesúvio e Celorico da Beira.

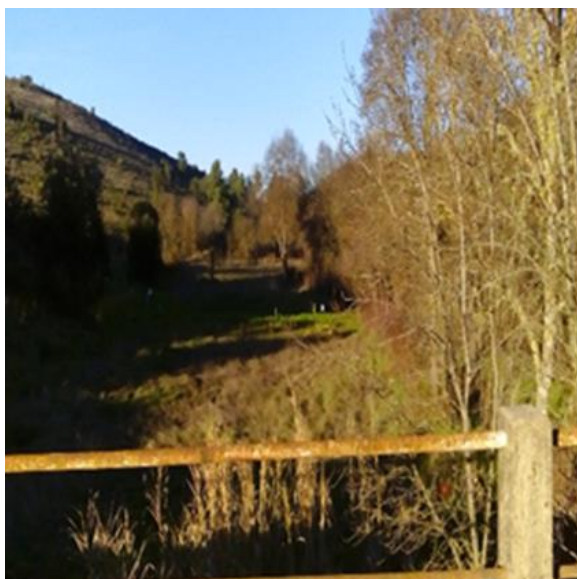
Com uma extensão considerável são visíveis troços descontínuos de calçada de percurso declivoso, com curvas relativamente suaves. O seu pavimento é formado por lajes colocadas sobre camada de terra nos locais onde não existe rocha e pelo reaproveitamento dos afloramentos graníticos. O conjunto dos blocos graníticos que constituem a calçada encontram-se alinhados em quatro fiadas paralelas, ainda que a sua configuração seja bastante irregular. De salientar

ainda a forma organizada do alinhamento lateral da calçada (PORTAL DO ARQUEÓLOGO).  
Via classificado como IIP - Imóvel de Interesse. Público (FERREIRA, 2000<sup>a</sup>: p. 367)

**Cabeço dos Telhões e Ponte do Massueime – Vila Garcia (Nº. 31 do mapa da fig.9)**



*Figura 34 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização do Cabeço dos Telhões e Ponte do Massueime – Vila Garcia*



*Figura 35 - Local da villa Cabeço dos Telhões (foto da autora)*



*Figura 36 - Ponte Romana da Ribeira de Massueime (foto da autora)*

**Localização:** Vila Garcia, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 76624.372, 125321.400

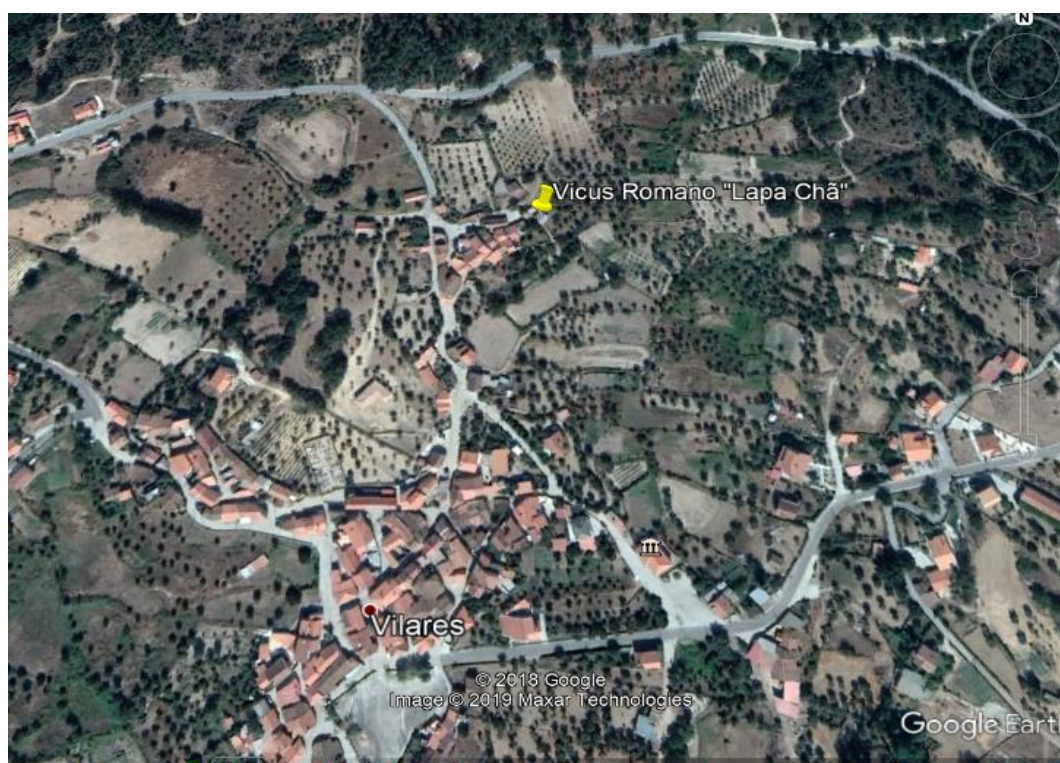
**Altitude:** 506m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica

**Descrição:** A villa romana assinalada por Cabeço dos Telhões, datada do século IV d.C., encontra-se numa zona aplanada na margem esquerda da ribeira de Massueime (PERESTRELO, 2003: p.83). No local com cerca de 10.000m<sup>2</sup>, foi encontrada uma grande variedade de vestígios como; pedras de canalização, uma mó rotativa, escória, colunas e fustes, um fragmento de *Sigillata* Hispânica Tardia do tipo *Dragendorff 36*, do séc. III ou IV d.C., minério de estanho, assim como moedas que se encontram desaparecidas ((PERESTRELO, 2003: p.83). A presença das jazidas de minério e urânio nas proximidades, terá sido o principal fator para a fixação da villa no local, denominado por Cabeço de Telhões (PORTAL DO ARQUEÓLOGO). Assim sendo, o género destes vestígios, reportam-nos para a presença de uma *villa*, habitat unifamiliar de grandes dimensões já com alguma qualidade de construção. Consistia na residência de campo dos senhores mais ricos, e era formada por *pars urbana* e *pars rustica*, destinada ao alojamento dos criados (MARQUES, 2011: p. 25). No caso do Cabeço dos telhões a atividade de exploração do mineiro pode ter desempenhado um papel crucial. Um outro vestígio importante é a presença de escória, que nos remete para a presença de guarnições militares, provavelmente com funções de vigia e fiscalização da extração mineira.

O seu acesso efetua-se da aldeia do Freixial, em direção à ribeira de Massueime, através de um caminho de terra batida. A ponte do rio de Massueime, que separava a villa romana, liga atualmente Freixial a Santa Eufémia e possui de quatro vãos. De acordo com as imagens, é visível o estado de degradação em que se encontra, pelo que, a Câmara Municipal, deveria ser chamada à responsabilidade. Em todo o concelho não existe outra ponte com tamanha beleza. De referir também o Castelo da Idade do Ferro e Romano, que a Sudeste ainda se notam lanços de muralha. Os vestígios surgiram numa área de 15.000m<sup>2</sup> envolvendo o topo do cabeço. O seu acesso realiza-se pela estrada, a sul da povoação Cogula, da qual, se toma um caminho de terra batida com acesso ao cabeço onde se encontra o povoado. Na envolvência do Castelo foi encontrada cerâmica grosseira manual, indicadora da operação pré-romana (PORTAL DO ARQUEÓLOGO)

**Lapa Chã/Inscrição- Vilares, Vilares (Nº 32 do mapa da fig. 9)**



*Figura 37 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização da inscrição de Vilares*



*Figura 38 - Inscrição de Vilares (foto da autora)*

**Localização:** Vilares, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 181) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 71233.914,117368.565

**Altitude:** 567 m: em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica

**Descrição:** Em Vilares, no sítio arqueológico de topónimo Lapa Chã, de acordo com as investigações existia um *vicus* urbano secundário (FERREIRA, 2005<sup>a</sup>: p.19), com ocupação romana do século I. Situava-se nos limites territoriais de uma *civitas* fora do quadro jurisdicional da *civitas* dos Aravi (MARQUES, 2011: p. 39). Estamos perante um povoado institucional criado pela administração Imperial, com o objetivo de colonizar e controlar administrativamente o território. Contudo, ao nível da autoridade económica e militar, dependia diretamente da capital, nomeadamente da *civitas* de Aravi (MARQUES, 2011: Ibidem. p. 39). A criação deste tipo de povoamento acabou por assimilar as populações dos Castros vizinhos (CARVALHO, 2017: p. 432).

Ainda que, no atual território português nunca se tenham fixado grandes esquadrões militares, este tipo de povoamento exigia a presença de colonos militares e civis com as respetivas famílias oriundos de outros lugares do Império.

A estação arqueológica possuía uma área de 30 000 m<sup>2</sup>., era banhada por abundantes recursos de linhas de água, componentes cruciais na fixação do povoamento na área que perdurou até aos dias de hoje. O legado resultante deste povoamento é imenso e variado. É constituído por *tegulae*, bases de fuste de colunas, pesos de lagar, *dolia*, cerâmica doméstica, terra *sigillata* hispânica e dois fragmentos de aras. Um dos fragmentos era formado por uma pasta avermelhada de superfície alisada, que nos remete para a produção de cerâmica feita a partir meados do séc. III até ao séc. V.

No local foi ainda encontrada uma inscrição rupestre atribuível ao séc. V, reveladora da presença de um templo paleo-cristão e de uma comunidade que praticava o culto religioso. A sua leitura e interpretação, segundo o mesmo autor, é a seguinte: (AEDI. IESUS (bajo cristograma) / Domini / Catu-ro / Areini (filius) ocupavit/ Locum. 1(atum) / p(edes). XXV. Act (um) / pr(idie) k(alendas) Iun(i)a(s) co(n)s(ulibus) Anastasio? (bajoanagrama) O(rientis). Via(tore) O(ccidentis)»; cuja tradução é “Caturão, filho de Areino, tomou posse para o templo de Jesus, o Senhor, de um solar de 25 pés de largura (MARQUES, 2011; p. 37). O contrato fez-se no dia anterior às calendas de junho (31 maio) do ano em que o imperador Anastásio era cônsul para Oriente e *Viator* para Ocidente (495)” (PERESTRELO, 2000: p. 107). Inscrição com ideal

honorífico, em homenagem ao meçano da construção do templo cristão. Atualmente encontra-se em lugar de destaque junto à estrada principal de Vilares.

A grande quantidade de pesos de lagar e de lagares escavados na rocha encontrados na envolvência desta estação arqueológica, testemunham a franca produção de azeite e justificam os fragmentos de *dolia*. A presença deste tipo de cerâmica revela a necessidade que as populações tinham em preservarem os alimentos, sólidos ou líquidos e a obrigação de possuírem instalações próprias destinadas ao seu armazenamento. Presentemente ainda é possível encontrar artefactos por toda a povoação e a região contínua a ser produtora de azeite.

## Eirinhas – Vilares (Nº 33 do mapa da fig. 9)



Figura 39 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – localização da Taoada das Eirinhas



Figura 40 - Cerâmica colhida do sítio de Eirinhas (foto da autora)

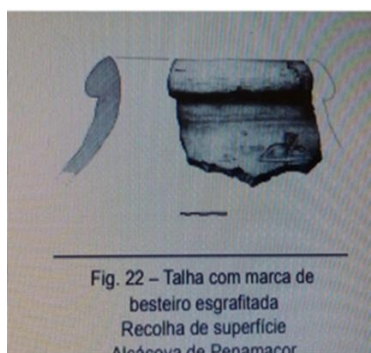


Figura 41 - Ilustração que exemplifica a semelhança do fragmento, fig. 33

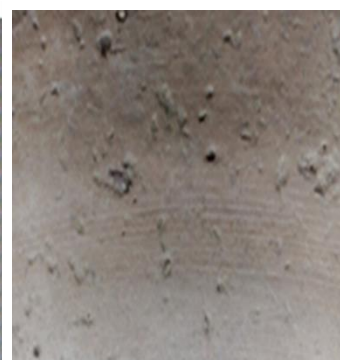


Figura 42 - Pormenor da cerâmica do sítio de Eirinhas, onde é possível verificar as estrias de fabrico a torno (foto da autora)

**Localização:** Vilares, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 181) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 71073.284,117192.878

**Altitude:** 548 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica

**Descrição:** Ainda na localidade de Vilares, contígua ao sítio de Lapa Chã, no sopé da serra da Broca, numa área de dispersão aproximada em 15.000m<sup>2</sup> (PORTAL DO ARQUEÓLOGO), encontra-se um outro espaço arqueológico que indica ter sido, continuidade do grande *Vicus* de Lapa Chã (FERREIRA, 2005<sup>a</sup>: 19). O seu espólio baseia-se essencialmente em *imbrices*, cerâmica doméstica, pedras de canalização romana, um peso de lagar, um pilar, fragmentos de *sigillata* pedras almofadadas, dois fragmentos de aras, quatro bases de fuste de colunas, um fragmento de pasta avermelhada de superfície alisada, cujas características os localizam a partir de meados do séc. III d.C. até ao séc. V. d. C (FERREIRA, 2000: p. 5196).

O fragmento da ilustração nº. 41 de cerâmica comum, apresenta forma fechada semelhante com a figura nº.42, que exhibe ser um fragmento de talha de cerâmica romana do final do século III – IV com a forma do lábio subcircular. Esta cerâmica é contemporânea da *sigillata* hispânica tardia e *sigillata* clara D. Torna-se estandardizada no século IV, ultrapassando no século VI as importações da *sigillata* clara (DGPC-REVISTA ARQUEOLOGIA 2018: p. 464). É a aquisição de novas formas, que nos permite situá-las no seu tempo.

As peças que terminam em bordo de triângulo perfeito, localizam-se nos tempos mais tardios da romanidade, enquanto os bordos horizontais se situam essencialmente no Alto Império.

Ainda, é comum encontrar-se material arqueológico retirado dos terrenos agrícolas e utilizados para fins decorativos. A aldeia de Vilares é palco de grande quantidade de vestígios espalhados pela povoação, o que poderia ser uma mais valia na atração de visitantes e, em simultâneo proporcionar a divulgação da região e seus produtos.

## Igreja Nossa Senhora da Graça - Vilares (Nº. 35 do Mapa da Fig.9)

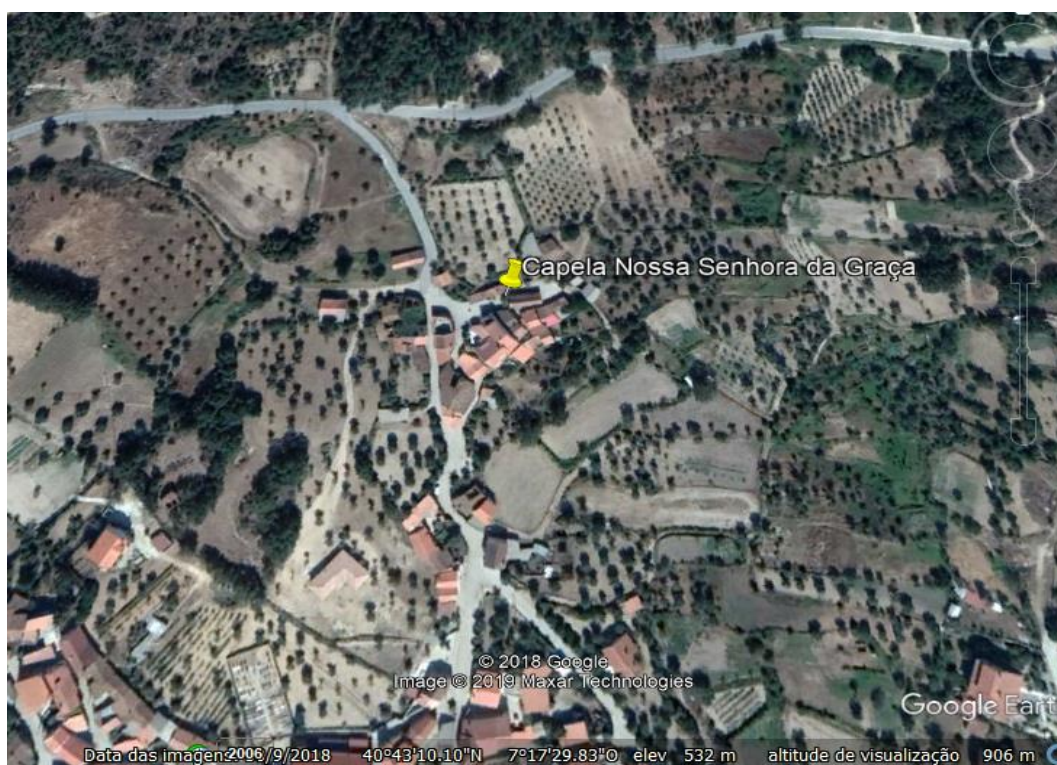


Figura 43 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) 26 - Capela de Nossa Senhora da Graça

**Localização:** Vilares, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 181) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 72102.764,115768.853

**Altitude:** 492 m: em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Época Clássica/Idade Média

**Descrição:** A Igreja medieval Nossa Senhora da Graça e não Nossa Senhora da Assunção, conforme Revista Almadan online<sup>21-1ª</sup>, pag. 32, situada nas proximidades da necrópole de Plames possui no seu interior, uma estela funerária com um cruciforme, que se encontrava embutido num muro próximo do Cemitério (FERREIRA (2016); 32).

## II - Idade Média

O período medieval assenta essencialmente em três fatores: a Igreja com autonomia dos poderes sagrados, o poder político e a agricultura como economia dominante. MATTOSO, 1992: p. 339).

Foi um período, cuja informação é ínfima tanto ao nível da documentação escrita, como em testemunhos arqueológicos. Grande parte dos registos que comprovam a continuidade de alguns espaços de origem romana, encontram-se na *Taraucae Monumenta Histórica*, principal fonte de estudo do *modus vivendi* do povoamento medieval.

Ao nível da economia na região, tal como, em toda a zona norte do país, a exploração da pecuária, da pastorícia e da agricultura mantiveram uma continuidade bastante evidenciada.

Nas referências documentais dos séculos X a XII o gado bovino é sinónimo de prosperidade tal como; a cevada, o centeio, a vinha, o azeite e o linho. Produtos tão abundantes na região de Trancoso e que estiveram na base de algumas atividades, cujos vestígios chegaram até nós. Quanto ao povoamento, muitas das *villas* romanas continuaram a ser ocupadas, embora algumas tenham dado lugar a centros religiosos, como as dioceses que em grande parte dos casos coincide com os *municipia* dos romanos (MARQUES, 1973: Vol I, p.29).

O surgimento do ensino eclesiástico é particularmente da exclusividade do clérigo, motivo que levou ao desaparecimento das escolas de retórica frequentadas pelos funcionários ao serviço do poder imperial. Também o *conventus* desaparece com a expansão do cristianismo, passando a Igreja a desempenhar um papel de extrema importância na sociedade civil, independentemente do poder político e militar.

À semelhança do período romano, também no período medieval, são os vestígios arqueológicos, o património edificado e registos escritos a principal fonte de informação. É através da sua cultura que nos permite conhecer a sociedade medieval, sem que exista a necessidade de recorrer a trabalhos de prospecção.

No espaço geográfico, sobre o qual vai incidir este estudo, são inúmeros os núcleos e sepulturas escavadas na rocha. É também comum, encontrar-se em seu redor ou nas imediações fragmentos de cerâmicas de fabrico manual com decorações diversas (MATTOSO, 1985: p.244). Estes vestígios, são indicadores do tipo *habitat* da época. Porém, ao longo da Idade Média, as estruturas e modos de vida das populações vão sofrendo alterações, em sintonia com os povos que habitam esses espaços. O período compreendido entre os séculos VIII e X é marcado por nova invasão muçulmana, que dá origem a um novo modelo de organização do território.

Devido às invasões dos novos povos e por questão de defesa as populações são obrigadas a deslocarem-se para os altos planaltos e vertentes das serras, culminando na construção dos primeiros Castelos roqueiros (BARROCA, 1994: p.9). Foi entre os séculos X e XII, que se verificam as novas reorganizações territoriais, consequência dos constantes confrontos entre cristãos e muçulmanos. No século XII com a nova reorganização territorial surge a província da Estremadura, que vai unir com o território da beira transmontana, onde se enquadrava a região de Trancoso.

A atual cidade de Trancoso é considerada um dos principais centros medievais portugueses, conquistados definitivamente por D. Afonso Henriques aos mouros no ano de 1160. Recebe o primeiro foral por D. Afonso Henriques e confirmado no ano de 1217 por D. Afonso II.

No século XIII torna-se num local de grande atividade comercial, com a criação da feira franca por decisão de D. Afonso III.

Em 1282, realiza-se em Trancoso o casamento de D. Dinis com D. Isabel de Aragão. No dia 29 de maio de 1385 trava-se a batalha de Trancoso, entre as tropas de D. João de Castela e alguns nobres da região, de onde resulta a vitória destes últimos e o incêndio da capela de S. Marcos a mando de D. João de Castela.

De todos estes acontecimentos resultou o valioso espólio arqueológico, testemunho imprescindível na formação da história de Trancoso.

Dos diferentes locais existentes no concelho destacamos 5 para integrar no roteiro arqueológico.

**Tabela 5 - Sítios Arqueológicos mais relevantes identificados do período Medieval**

| Nº     | Freguesias     | Sítio                                 | Tipologia              | Coordenadas ETR89     | Altitude  | Nº. Carta Militar |
|--------|----------------|---------------------------------------|------------------------|-----------------------|-----------|-------------------|
| Nº.1   | Aldeia Nova,   | Lagar da Quinta das Águas-Boas        | Medieval               | 57561.539,117036.068  | 506 m     | CMP: 180          |
| Nº.2   | Aldeia Nova    | Necrópole da Cova da Moura            | Medieval               | 61143.516,116894.193  | 756 m     | CMP: 180          |
| Nº.8   | Fiães          | Necrópole Nossa Senhora das Seixas    | Medieval               | 71073.284,117192.878  | 548 m     | CMP: 181          |
| Nº.13  | Moreira de Rei | Castelo de Moreira de Rei             | Medieval<br>(Românico) | 68534.276,129084.878  | 770-797m  | CMP:170           |
| Nº.14  | Moreira de Rei | Igreja de Santa Marinha               | Medieval<br>(Românico) | 68590.791,129307.656  | 781m      | CMP:170           |
| Nº.15  | Moreira de Rei | Sepulturas do Cruzeiro de São Vicente | Medieval               | 68451.437,129394.049  | 796 m:    | CMP: 170          |
| Nº. 16 | Moreira de Rei | Necrópole de Moreira de Rei           | Medieval               | 68590.791,129307.656  | 781m      | CMP:170           |
| Nº.17  | Moreira de Rei | Calçada de Moreira de Rei             | Medieval               | 68483.922, 129350.065 | 788-796 m | CMP:170           |
| Nº.18  | Moreira de Rei | Cerca Urbana de Moreira de Rei        | Medieval               | 68542.718, 129321.450 | 783-790m  | CMP:170           |
| Nº.19  | Moreira de Rei | Lagar do Castelo                      | Medieval               | 68573.020, 129169.660 | 780m      | CMP:170           |

|       |                                  |                                    |          |                       |          |          |
|-------|----------------------------------|------------------------------------|----------|-----------------------|----------|----------|
| Nº.21 | Sebadelhe                        | Castelo de Sebadelhe               | Medieval | 61826.398, 133981.716 | 880 m    | CMP: 159 |
| Nº.22 | Terrenho                         | Eremitério                         | Medieval | 65596.460,133591.612  | 762 m    | CMP: 160 |
| Nº.23 | Trancoso                         | Necrópole de Trancoso              | Medieval | 66081.752,123760.030  | 851m     | CMP:170  |
| Nº.24 | Trancoso                         | Campo Militar                      | Medieval | 66153.429,121268.140  | 810-844m | CMP:170  |
| Nº.27 | União das Freguesias de Trancoso | Castelo de Trancoso                | Medieval | 66319.913,123675.038  | 875m     | CMP: 170 |
| Nº.28 | União das Freguesias de Trancoso | Sepultura Rupestre de Chão de Tomé | Medieval | 66358.249, 123846.600 | 836 m    | CMP: 170 |
| Nº.29 | União das Freguesias de Trancoso | Necrópole da Micha                 | Medieval | 66472.698, 123780.999 | 825 m    | CMP: 170 |
| Nº.30 | União das Freguesias de Trancoso | Igreja de Nossa Senhora da Fresta  | Medieval | 664989.004,123547.066 | 170      | CMP:170  |
| Nº.34 | Vilares                          | Necrópole de Plames                | Medieval | 71444.604, 117127.540 | 546 m    | CMP: 181 |

## Lagar da Quinta das Águas-Boas- Aldeia Nova (Nº. 1 do mapa da fig. 9).



Figura 44 – Lagar de tanque de pisa, prato e pio, foto retirada da revista *Al-madam,online*, IIª série nº.21.

Localização: Aldeia Nova, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 180) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 57561.539,117036.068

Altitude: 506 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

Cronologia: Medieval

Descrição: Lagar rupestre formado por um tanque de pisa, bica de escoamento e um prato para recolher o líquido.

Na Beira Interior, particularmente na região de Trancoso, existe uma grande quantidade de lagares de modelos diferenciados, destinados para guardar o vinho e o azeite na época. Atualmente estão inventariados 123 lagares escavados na rocha, assentes em três componentes básicos: O tanque (*calcatorium*) com um ou dois orifícios de esvaziamento, pio (*lacus*) para onde escorria o líquido e terceiro elemento é constituído por cavidades de formas variadas, que serviam para a fixação das prensas e das estruturas de proteção, aquando das alterações do clima.

## Necrópole da Cova da Moura- Aldeia Nova (Nº. 2 do mapa da figº.9)



Figura 45 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – localização da Necrópole da Cova da Moura.



Figura 46 - Sepultura da Necrópole da Cova da Moura – Aldeia Nova (foto da autora)

Localização: Aldeia Nova, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 180) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 61143.516,116894.193

Altitude: 756 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

## **Cronologia: Medieval**

Descrição: O local encontra-se, 180m a partir da estrada municipal Fiães a Aldeia Nova em frente à capela do Senhor dos Aflitos, no lugar de Aldeia Velha. O seu espólio é constituído por sete sepulturas escavadas na rocha (FERREIRA., 2016: p. 13). Cinco das quais são antropomórficas e possuidoras de orifício de escoamento e duas não antropomórficas, sendo que, uma delas acomoda dois túmulos. Este tipo de sepulturas são os primeiros vestígios arqueológicos da época medieval, situando-se as não antropomórficas nos séculos VI e VII, as antropomórficas situam no século VII (BARROCA, 1987: p. 137).

Quanto à orientação, quatro estão viradas a Oriente, uma a NW e a outra a SW com as arestas a apresentar várias formas, prevalecendo as sub-retangulares. Habitualmente as sepulturas eram fechadas com lajes de granito ou apenas com fragmentos de terra e pedra. As suas dimensões não deviam ir além dos 10 a 20 centímetros da estatura do corpo (BARROCA, 1987: p.137).

A facilidade de acesso em que se encontra a necrópole, poderia ser uma mais valia, no sentido da sua divulgação e simultaneamente na preservação. Seria capaz de se tornar num dos elementos de suporte para sua valorização e sustentabilidade e para o desenvolvimento da região através dos seus produtos agrícolas, nomeadamente a produção de azeite. No contacto com alguma da população da região, verificamos que aquele património é praticamente desconhecido. De acordo com as imagens, todas as sepulturas se encontram em estado de abandono, agravando-se a sua deterioração com a elevada acidez do granito que destrói o seu elemento orgânico e torna mais difícil a sua exata identificação cronológica.

Quando aparecem vestígios de cerâmica junto às sepulturas escavadas na rocha ou nas suas imediações, normalmente são identificadoras de locais de habitat (TENTE, 2007: p.90), mas surgem em maior frequência no povoamento disperso.

## Necrópole Nossa Senhora das Seixas - Fiães (Nº. 8 do mapa da fig. 9)



Figura 47- Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização da Necrópole das Seixas

**Localização:** Fiães, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 181) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 71073.284,117192.878

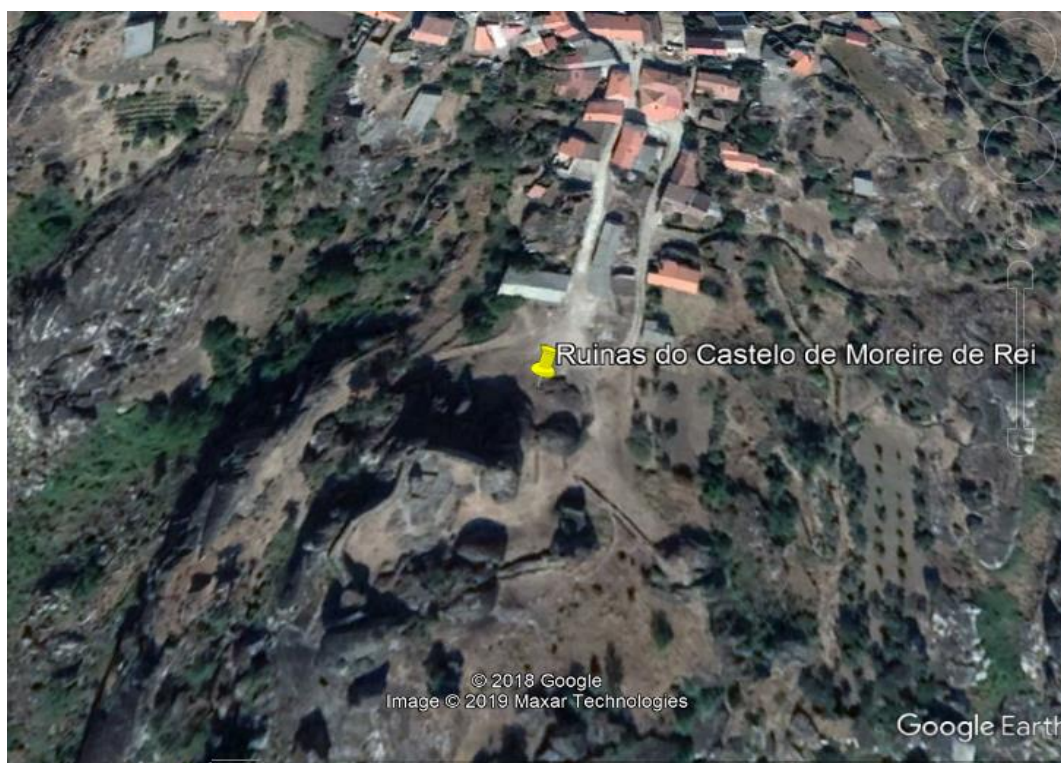
**Altitude:** 548 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Medieval

**Descrição:** No sítio arqueológico encontram-se duas sepulturas antropomórficas escavadas na rocha, de tipologia medieval cristão e dispostas lado a lado. Situam-se Este-nordeste da capela a uma distância de 100m e ambas são possuidoras de orifício de escoamento (FERREIRA, 2000: p.366).

Este tipo de sepultura, destinavam-se à inumação dos corpos, que em alguns casos se faziam acompanhar por objetos pessoais. Estes monumentos surgem construídos em afloramentos de granítico, destacados na paisagem, nas proximidades de caminhos e em cemitérios paroquias afastamentos do seu habitat do espaço urbano, tendo por função homenagear os seus entes queridos.

## Castelo de Moreira de Rei - (Nº 13 do mapa da fig. 9)



*Figura 48 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização do Castelo de Moreira de Rei*



*Figura 49 - Exterior norte do Castelo de Moreira de Rei (foto da autora)*



*Figura 50 - Base da Torre de Menagem (foto da autora)*



*Figura 51 – Depósito situado no recinto do Castelo (foto da autora)*

**Localização:** Trancoso tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 68534276, 129084.878

**Altitude:** 770-797 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Idade Média

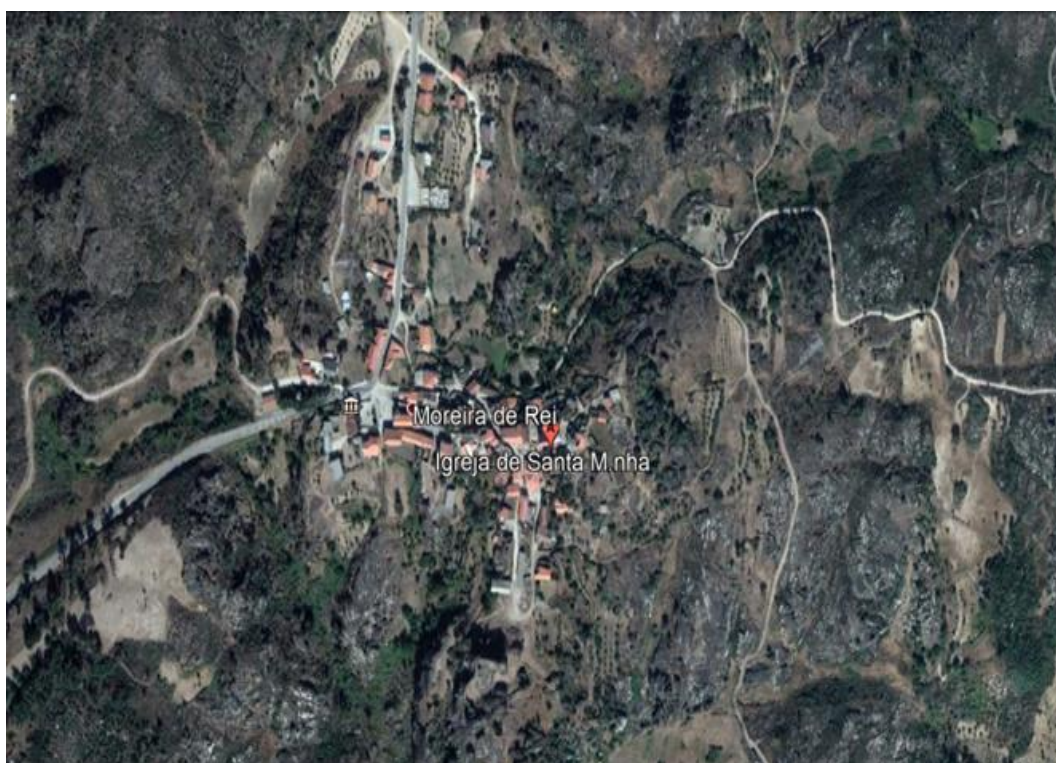
**Descrição:** Estamos perante um Castelo Medieval de estrutura defensiva, a Sul da povoação e doado por D. Flamula ao Mosteiro de Guimarães. BARROCA, 1994: p.16).

Já no ano 960 no local existia um castelo que poderia ter sido destruído, aquando da incursão de Almansor.

No século XI o Castelo de Moreira de Rei é tomado D. Fernando, o Magno inserido numa zona paisagem rural e urbana, encontra-se sobranceiro à vila de Moreira de Rei. Da sua Torre de Menagem de planta quadrada, símbolo do Poder e o último reduto de defesa, resta apenas a primeira fila de silhares. O acesso ao Castelo fazia-se por uma porta que se encontrava no primeiro andar, da qual não existem vestígios, com passagem entre duas cavidades quadrangulares, rasgadas numa rocha anexa aos alicerces da Torre de Menagem. No seu acesso e envolvência, foram encontrados vestígios compostos por fragmentos de cerâmica medieval e escória. É a existência da escória que aponta para a existência de uma fundição no interior dos muros do castelo (BARROCA, 1994: p.17). Atualmente ainda existe na fachada Este, num contraforte do Castelo uma cisterna protegida com uma grade.

No séc. X o Castelo entra em ruína, subsistindo apenas parte do pano da muralha talhada na vertical em grandes afloramentos graníticos (BARROCA, 1994: p.17). No século XII, foram realizadas obras e adopta características do românico. O circuito da muralha era desprovido de merlões e ameias e formado por dupla cintura de troços de diferentes espessuras DGCP - Direção Geral Património Cultural: *Portal do Arqueólogo* (consultado a 20 de dezembro de 2017). No centro da praça de armas é ainda visível um depósito quadrado escavado na rocha. Nos anos de 1942 e 1943 realizaram-se obras de restauro que incluíam a consolidação de muralhas em cantaria e zona de apeamento. E em 1944, restaura-se a muralha com argamassa, fazem escavações e remoção de terras. Contudo nos dias de hoje a estrutura do castelo encontra-se praticamente em ruínas.

## **Igreja de Santa Marinha - (Nº 14 do mapa da fig. 9)**



*Figura 52 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização da Igreja de Santa Marinha – Moreira de Rei.*



*Figura 53 - Igreja de Santa Marinha (foto da autora)*



*Figura 54 - Medidas Padrão do período medieval (foto da autora)*

**Localização:** Trancoso tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 68595.550, 129313.100

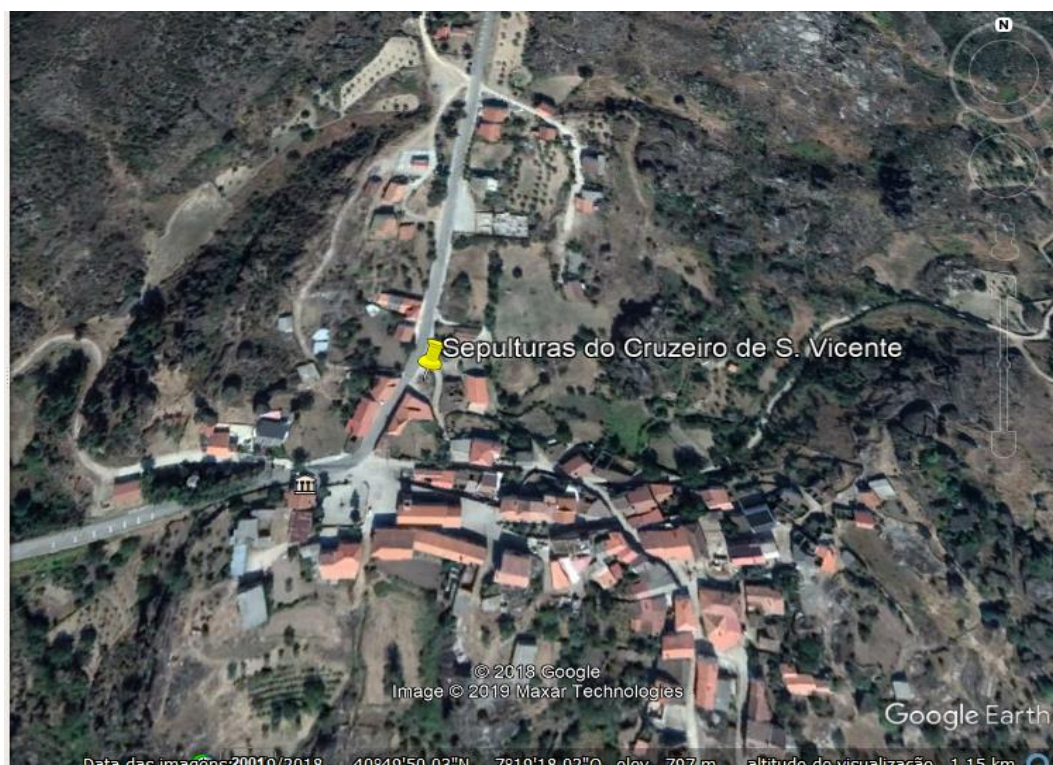
**Altitude:** 781 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Idade Média

**Descrição:** Monumento religioso românico e gótico, situado no largo da Praça, no interior da povoação de Moreira de Rei, rodeada de sepulturas Medievais. Está classificado como monumento nacional desde 1932, sob o Orago de Santa Marinha. A arquitetura é de planta longitudinal formada por dois retângulos unidos, encimados pelo arco triunfal quebrado composto por três arquivoltas de decoração formada por caneluras e meias esferas. Encontra-se assenta em duas colunas com capitéis campaniformes decorado com por motivos vegetalistas estilizados. A capela-mor é possuidora de três frestas, que possibilita a entrada de luz, pavimento lajeado e armação do telhado em madeira. A fachada principal apresenta um portal em arco de volta perfeita, três arquivoltas assentes em colunas encimadas por capiteis de decoração vegetalista, colunelos laterais e tímpano liso, com orientação a Oeste (BARROCA, 1992, pp.54 – 55). Num dos colunelos são visíveis as medidas-padrão, côvado, palmo, vara e alqueiz em vigor no período medieval. Contudo, e segundo fonte oral no local, uma das colunas que continha medidas foi retirada do local para uma residência particular localizada em Trancoso. Ato que indignou os moradores, levando-os a manifestarem-se junto da Câmara Municipal para que esta, fosse localizada e restituída ao seu local de origem, dado que se trata de um elemento preponderante da porta.

Nas laterais exteriores, são visíveis quatro mísulas situadas na parede a meia-altura, devidamente alinhada, duas frestas, um portal e cachorradas, cornijas e na sua envoltória a grande Necrópole.

**Sepulturas do Cruzeiro de S. Vicente - Moreira de Rei (Nº.15 do mapa da fig. 9)**



*Figura 55 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) SEQ Imagem\_satélite\_Google\_Earth (15.01.19) \\* ARABIC 13 - (mapa nº. 2) localização das sepulturas do cruzeiro de S. Vicente.*



*Figura 56 - Sepulturas do Cruzeiro de S. Vicente (foto da autora)*

**Localização:** Moreira de Rei, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170 à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 68451.437,129394.049

**Altitude:** 796 m: em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

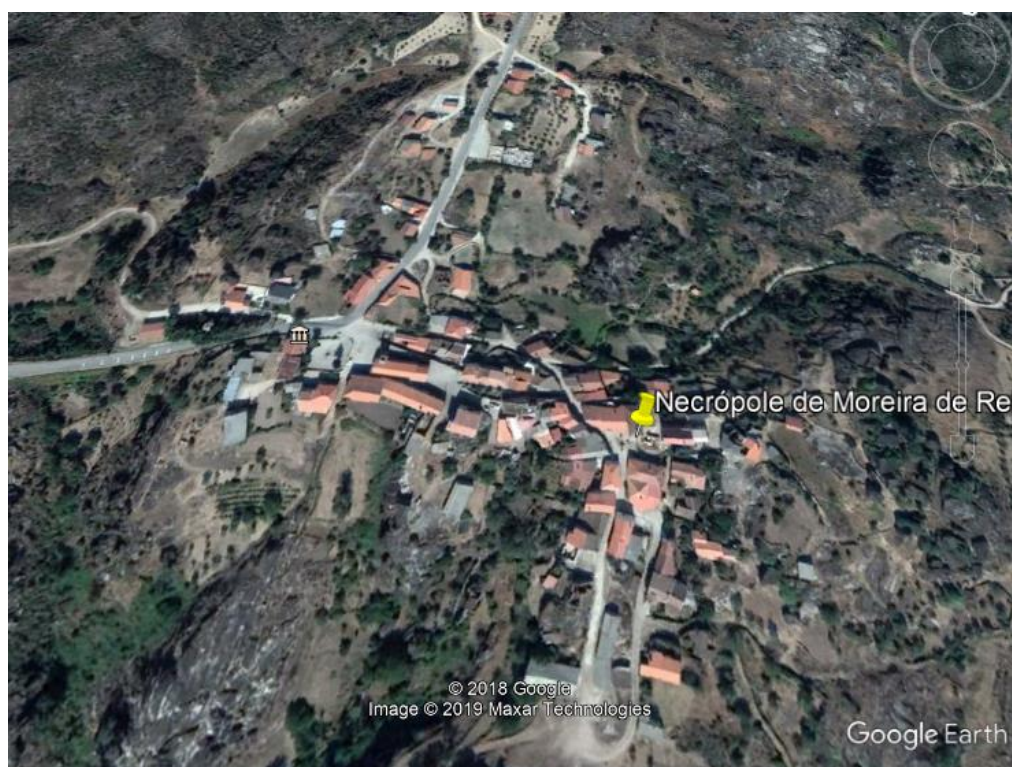
**Cronologia:** Medieval

**Descrição:** O monumento Medieval Cristão é constituído por duas sepulturas antropomórficas escavadas num afloramento granítico, com orientação virada a E, situado junto ao cruzeiro, à saída da povoação de Moreira de Rei (PORTAL DO ARQUEÓLOGO, consultado a 22 de novembro de 2017).

Uma possui um orifício em género de cova no ombro direito. No local das sepulturas, segundo a população existiu a capela de S. Vicente, da qual não restam vestígios. Também no acesso à igreja de Santa Maria existiam mais sepulturas, cuja destruição aconteceu quando se realizaram as obras na estrada de acesso ao centro da Vila.

Foi no início da Idade Média (VIEIRA, 1996: p.20), que emergiram as concentrações de sepulturas em torno de templos, batistérios e de cemitérios, ou seja, nos locais cristãos, onde recebiam os sacramentos, ato característico da religião cristã.

## Necrópole de Moreira de Rei-Moreira de Rei (Nº. 16 do mapa fig.2)



*Figura 57 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização do Castelo de Moreira de Rei.*



*Figura 58 - Trabalho de conservação das sepulturas (foto da autora)*



*Figura 59 - Necrópole depois dos trabalhos de recuperação (foto da autora)*

**Localização:** Moreira de Rei, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; ETRS89: 68590.791,129307.656

**Altitude:** 781 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Idade Média

**Descrição:** A necrópole medieval é datada do período compreendido entre os séculos X e XIII, situada no centro da povoação e em torno da Igreja de Santa Marinha e construções adjacentes.

Com a atual remodelação do espaço, verificou-se que o número de sepulturas entre adultos e crianças, ultrapassam em muito as 150. Além das sepulturas, existe um sarcófago proveniente da Igreja de Santa Maria (FIGUEIREDO, 2016: p. 18). O conjunto das sepulturas antropomórficas evidenciam diferentes orientações e dimensões, ainda que, a norma de orientação canónica seja, com a cabeceira a Este, posição de Oeste-Este. Atualmente as sepulturas encontram-se cobertas de terra e a necrópole corresponde à época da igreja anterior. Este conjunto de sepulturas rupestres medievais, é considerado um dos mais importantes a nível nacional e a maior necrópole Proto-cristã do início do cristianismo na Península Ibérica (BARROCA, 1990: p. 95).

Uma das características destas necrópoles e das sepulturas visigóticas é o seu anonimato, cuja preservação da memória do morto não é valorizada. Devido à grande riqueza deste património o trabalho de conservação é de extrema importância para que a comunidade, possa tomar consciência da sua grandiosidade e de tudo quanto representam. Atualmente a necrópole está classificada como Monumento Nacional.

O Pelourinho de arquitetura manuelina datado do século XVI com função judicial encontra-se também no largo da Igreja Santa Marinha no centro da povoação rodeado de sepulturas que se encontram soterradas e cobertas com cascalho devido a remodelações camarárias. Estas sepulturas, são o prolongamento da necrópole que envolve a Igreja de Santa Marinha.

De acordo com informação obtida no local, foi retirada uma ossada com mós de dentes que se encontrava encrustada na raiz de um choupo, junto ao pelourinho de estrutura granítica. Este monumento é formado por um fuste octogonal assente num conjunto de seis degraus em forma octogonal e com dois dos degraus semienterrados. O capitel octogonal é formado por quatro anéis de diâmetro, uma gaiola com esfera armilar e oito colunelos de fuste cilíndrico exteriores e um central (FERREIRA, 2000: p. 367).

## **Calçada de Moreira de Rei (Nº 17 do mapa da fig. 9)**

**Localização:** Moreira de Rei, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170 à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE): Coordenadas ETRS89; 68483.922, 129350.065

**Altitude** 788-796 m: em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Romano/Medieval

**Descrição:** Nos trabalhos arqueológicos, realizados sob a direção de José Paulo Francisco, identificaram-se dois troços de calçada, formados por lajes retangulares e de média dimensão, dispostas com o comprimento no sentido transversal da rua (DGPC).

## Cerca Urbana de Moreira de Rei (Nº 18 do mapa da fig. 9)



Figura 60 – Parte da cerca urbana de Moreira de Rei (foto da autora)

**Localização:** Moreira de Rei, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170 à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 68542.718, 129321.450

**Altitude** 783-790m.: em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Romano/Medieval

**Descrição:** A cerca amuralhada envolvia a antiga vila Medieval de Moreira, preservando-se ainda um troço da encosta Norte, com cerca de 67 m de comprimento, onde se localiza uma das portas (DGPC).

## Lagar do Castelo (Nº 19 do mapa da fig.9)

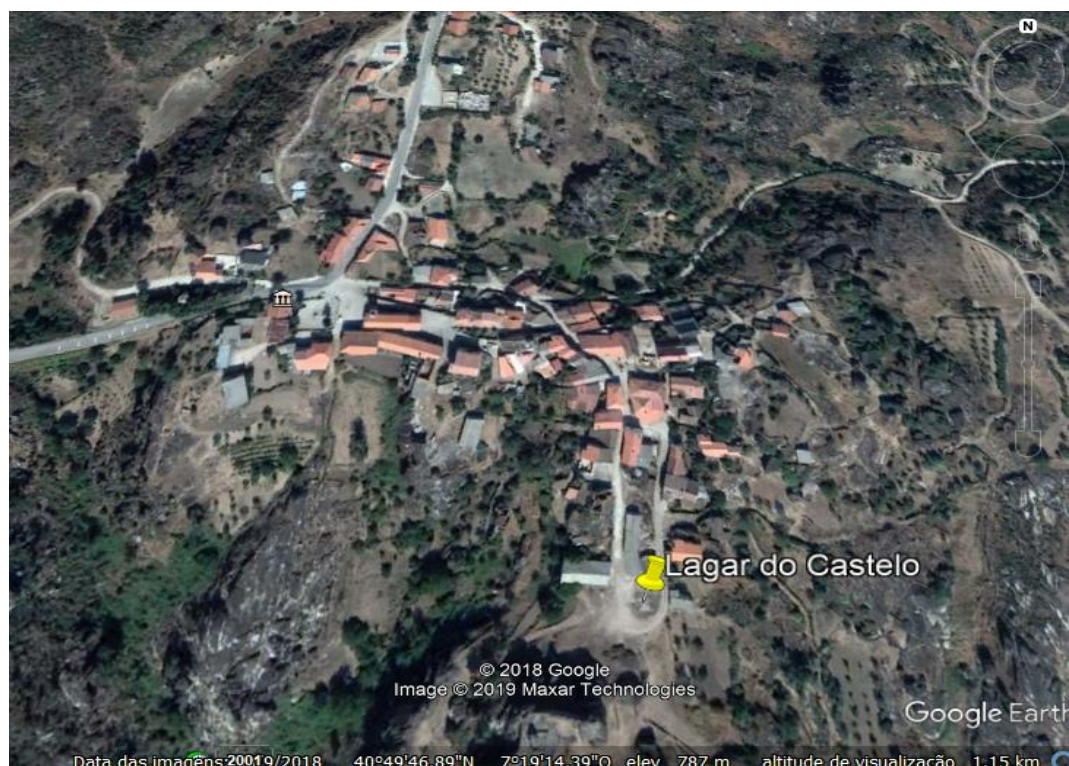


Figura 61 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização do Lagar do Castelos

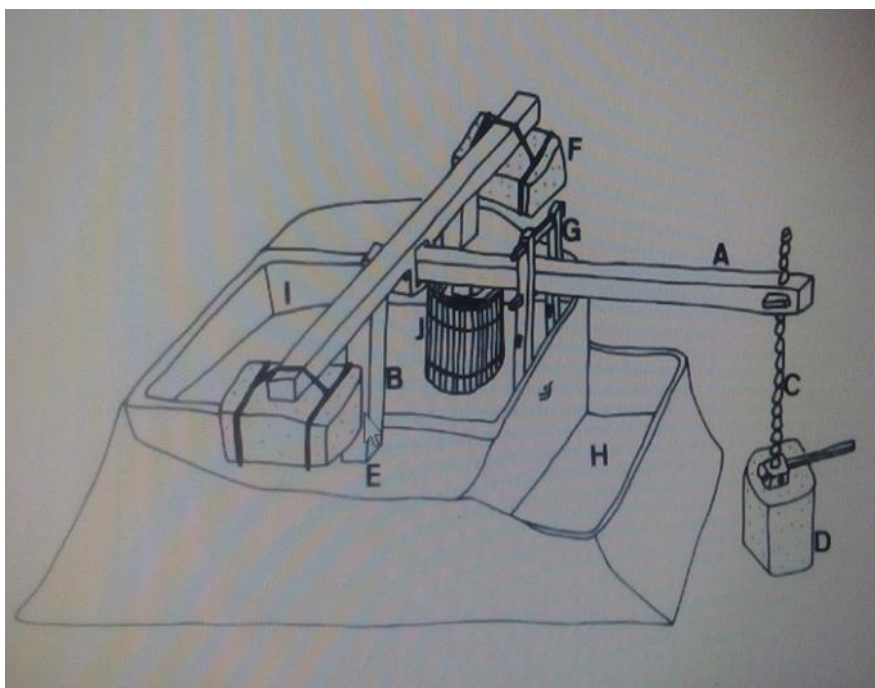


Figura 62 - Uma velha prensa de vara romana, disponível em, <https://www.clubevinhosportugueses.pt/turismo/antigos-lagares-romanos-sao-uma-preciosidade-na-zona-de-pinhel/>



Figura 63 - Lagar de prensa, disponível em, [http://www.parimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/10\\_1/3/18-p.345-366.pdf](http://www.parimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/10_1/3/18-p.345-366.pdf), consultado 05 julho 2018



*Figura 64 - Local do Lagar (foto da autora)*



*Figura 65 - Outra parte do lagar (foto da autora)*

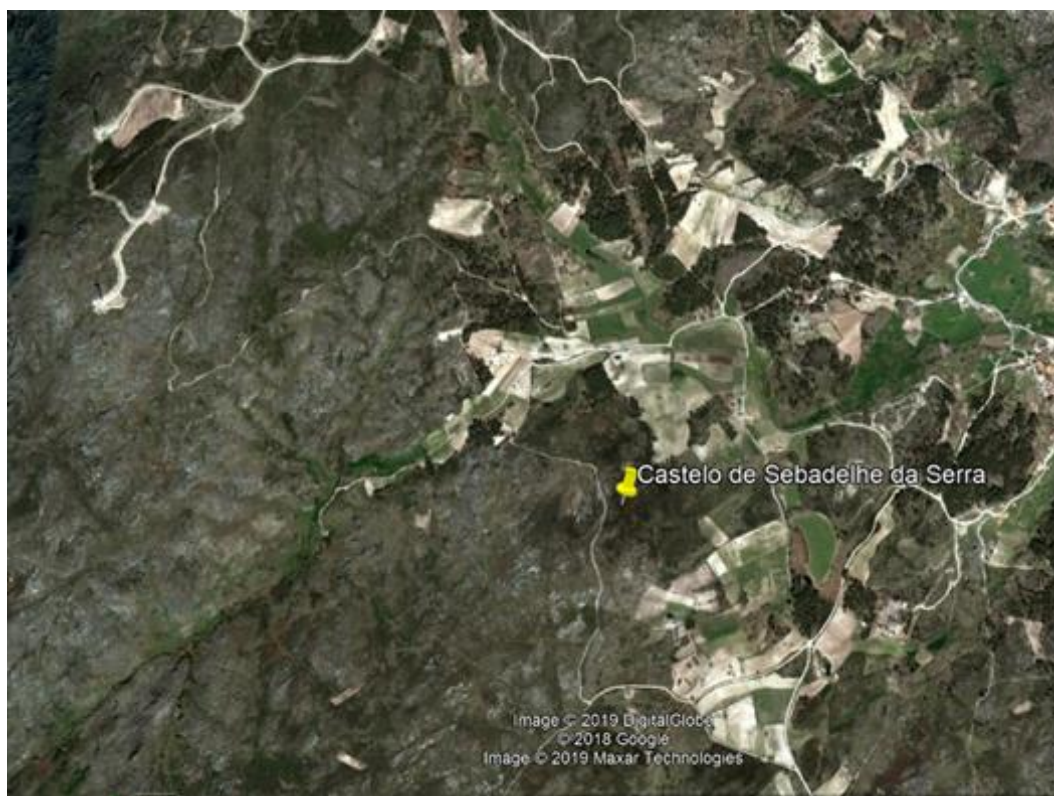
**Localização:** Moreira de Rei, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170 à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 68573.020, 129169.660

**Altitude:** 780m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Romano/Medieval

**Descrição:** O lagar rupestre encontrava-se situado em frente ao Castelo de Moreira de Rei, dentro da área amuralhada. Escavado numa rocha, que passava despercebido aos menos atentos, motivo que levou à necessidade de colocação de uma placa explicativa, cuja descrição demonstra a sua forma inacabada. Pelo seu delineamento, leva a crer ter sido um tanque de pisa/prensagem, ligeiramente rebaixado e dois orifícios laterais, que serviam para a fixação da prensa (FERREIRA, 1993: pp. 16 e 17).

## Castello de Sebadelhe (Nº 21 do mapa da fig. 9)



+++

Figura 66 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19- (mapa nº. 2) - Localização do Castello de Sebadelhe da Serra.

**Localização:** Sebadelhe, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 159 à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE);

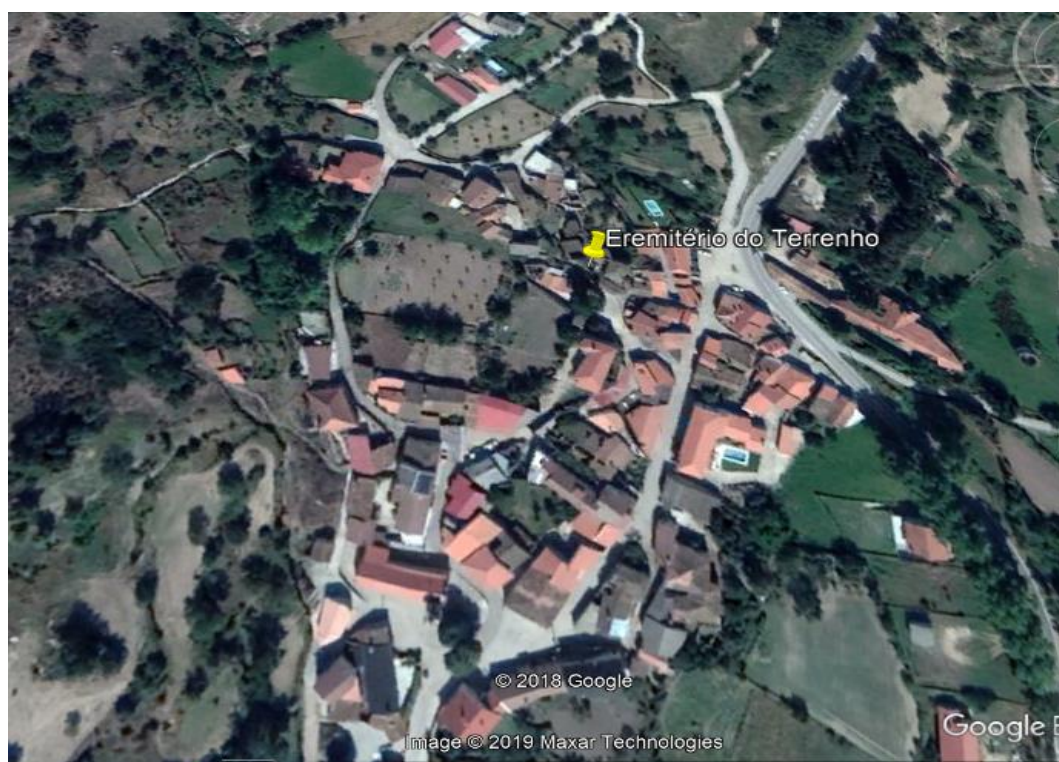
**Coordenadas:** ETRS89; 61826.398, 133981.716

**Altitude:** 880 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Medieval

**Descrição:** Num local situado no cume de uma colina, cujo sopé se encontra sobranceiro a uma ribeira, é ainda, possível visualizar uma muralha formada por pedras de granito de configuração ovalada que delimitava a fortificação. Foi o interior da fortaleza com uma área aproximada de 200m<sup>2</sup>, que se localizaram alguns vestígios de superfície, como cerâmica e um prego. Algumas das suas pedras foram utilizadas na construção de um pequeno monumento para a colocação de uma imagem de Nossa Senhora (DGPC). Também no centro da povoação na capela de Santa Maria Madalena, estão localizadas três estelas reaproveitadas nos muros da capela, sendo que, uma apresenta a Cruz de Cristo e as restantes motivos geométricos (Portal do Arqueólogo).

## Eremitério do Terrenho (Nº. 22 do mapa da fig. 9)



*Figura 67 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19- (mapa nº. 2) – Localização do Eremitério*



*Figura 68 - Parte do Eremitério do Terrenho (foto da autora)*

**Localização:** Terrenho, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 160 à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 65596.460,133591.612

**Altitude:** 762 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Medieval

**Descrição:** O espaço de destinado a retiros espirituais, encontra - se nas laterais de uma rua pública que apresenta forma de cotovelo, local onde se encontra um troço de muralha com quatro eremitérios. Apresentam forma assimétrica de silhares retangulares, sendo que, um deles expõe duas entradas encimada por uma cruz gravada na rocha. Exibem também diversos entalhes, degraus e buracos de poste escavados na rocha (FERREIRA; LOBÃO, 2016: p.25).

São monumentos que se encontram em total abandono e suscetíveis de todo o tipo de vandalismo, conforme é demonstrado pelas fotos, ainda que, seja contíguo com as traseiras da Casa de Turismo Rural do Terrenho.

Este eremitério que se encontra ao abandono, foi retiro dos eremitas que buscavam a experiência de viver uma vida radicalmente pobre e comunitária através da oração.

No ano 1223, três anos antes da morte de São Francisco o papa Honório III, criou a Regra 1223, destinadas aos Eremitério (DOWLEY, 1995: pp. 273-275). Nos escritos de São Francisco, é pedido aos eremitas que realizem votos de pobreza, castidade e obediência e que cada um tenha uma pequena cela para orar e dormir e não permitam que pessoa alguma lá entre. (ASSIS, Francisco, sem ano p. 154).

Na documentação do Convento de São Francisco de Lisboa refere que no ano de 2002 passou para o fundo Província de Portugal da Ordem dos Frades Menores e receberam cota específica onde o Convento de Santa Clara de Trancoso e Nossa Senhora de Subserra da Castanheira recebeu alguns documentos (DIGITARQ). Atualmente estas instituições já não existem desconhecendo-se o destino deste espólio.

## Necrópole de Trancoso - (Nº. 23 do mapa da fig. 9)

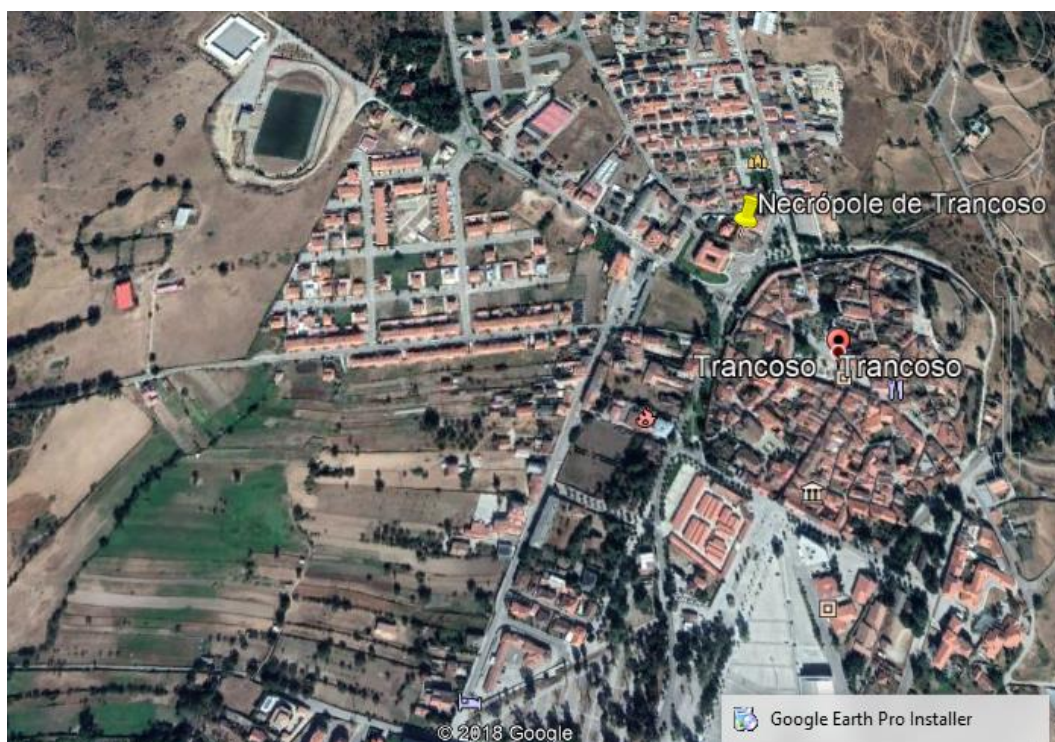


Figura 69 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização da Necrópole de Trancoso

**Localização:** Trancoso tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 66081.752,123760.030

**Altitude:** 851m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Idade Média

**Descrição:** Medieval Cristão do Tribunal, encontra-se situada ao ar livre no perímetro-urbano da cidade numa lateral do Palácio da Justiça, frente às Portas do Prado. É composta por vinte e três sepulturas escavadas na rocha, catorze de configuração antropomórfica e as restantes não-antropomórficas (FERREIRA; LOBÃO, 2016: p 87).

Sete apresentam cabeceira em arco de volta perfeita a que Castillo denominou de “Ocidental” (BARROCA, 2010-2011: pp. 123-124), três em arco de ferradura ou ultrapassado, sendo uma delas de criança. Esta tipologia emergiu na Catalunha, Aragão, Castela e Navarra (BARROCA, 2010-2011: Ibidem. p.123).

No que se refere ao tamanho o sepulcro, obrigava a exceder entre 10 a 20 cm da estatura do morto. Em termos de orientação, apresentam-se na posição E/O e encontram-se agrupadas em de forma paralela. Este valioso património arqueológico foi identificado no ano de 1946, aquando da abertura dos alicerces do Palácio da Justiça.

A sua disposição indica corresponder ao período da Reconquista, entre os séculos VI e XI, época em que prolifera no território nacional a construção de Castelos (BARROCA, 1994: pp. 89 – 135).

Este tipo de enterramento inicia-se no final do século VIII e início do século IX e atingem o seu auge entre os séculos IX e XI. Entram em decadência no final no século XI. Porém, nos locais mais isolados, nomeadamente nos casais vão até finais do séc. XIV. O fator que mais contribuiu para o seu declínio foi o triunfo da reforma litúrgica gregoriana e a influência de Cluny, altura em que os enterramentos passam a ser realizados nos batistérios, templos ou cemitérios e onde recebem os últimos sacramentos. Essa é uma das razões por que podemos encontrar vários núcleos de sepulturas escavadas na rocha, dentro e na envolvência dos espaços paroquiais.

Já a presença de sepulcros isolados em núcleos de dois ou três, indicam pela presença de vias de comunicação e da própria organização da propriedade individual, ou ainda, pelo desejo de ter a sepultura bem destacada na paisagem. Estas sepulturas eram executadas por profissionais, a troco de um pagamento (MÁRIO, 1987: pp. 129 e 202).

Dos períodos compreendidos entre os séculos. VI e IX, a informação é extremamente exígua. São estas sepulturas que nos fornecem informação sobre o seu tipo de povoamento. Estes vestígios são os monumentos mais importantes do período medieval. No que se refere à sua tipologia, são definidas como não antropomórficas e antropomórficas. Nas não antropomórficas destacam-se as ovaladas, as sub retangulares, MÁRIO, 1987:123) retangulares trapezoidais, com cabeceiras de contorno trapezoidal que Castillo definiu como “oriental” com grande predominância na zona da Catalunha (BARROCA, 1994: p.19. Quanto à orientação, seguem a regra prescrita pela Igreja, que obriga a colocação da cabeça do defunto voltada para Leste, determinada pela observação solar, de acordo com a ordem canónica. Em honra dos mortos e numa lógica de culto do familiar e daqueles que habitavam por perto, as sepulturas eram executadas nos penedos evidenciados na paisagem do quotidiano.

## **Campo Militar de Trancoso - (Nº.24 do mapa da fig. 9)**



*Figura 70 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) - Localização do Campo Militar de Trancoso.*



*Figura 71 - Marco Comemorativo da Batalha de Trancoso (foto da autora)*



*Figura 72 - Destroços da capela de São Marcos, mandada queimar pelo Rei de Castela (foto da autora)*

**Localização:** Trancoso tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 66153.429, 121268.140

**Altitude:** 810-844 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Idade Média

**Descrição:** Encontra-se a cerca de 2,2 km de Trancoso a Sul da atual cidade Trancoso. O campo de batalha está alinhado pelas confrontações das posições dos exércitos; castelhano e português e pela Capela de São Marcos, construída no ano de 1385 e incendiada a mando de João de Castela como ato de vingança, pela perda da batalha. A sua construção, realizou-se entre os séculos XVIII-XIX. No local foram encontrados materiais arqueológicos constituídos por artefatos de construção, cerâmica de uso comum, escória, fragmentos de metal e vidros FIGUEIREDO, 1997: vol. p.87) e um fragmento de prato de porcelana chinesa da dinastia Ming (1573-1619) e várias moedas dos reinados de D. João I e D. Sebastião, que se encontram à guarda da Câmara Municipal de Trancoso.

Durante o ano de 2005 a Fundação da Batalha de Aljubarrota e a Câmara Municipal de Trancoso elaboraram um estudo de interpretação e prospecção geofísica da área. De acordo com documentação da Fundação da Batalha de Aljubarrota, o traçado da variante IC 26, que se previa passar no local foi abandonado. Acontecimento que representou um enorme contributo para a salvaguarda e recuperação de um dos lugares históricos ligados à Guerra da Independência.

Também em julho de 2004, foi aprovado pelo Conselho Consultivo do IPPAR, a sua classificação com a categoria de “monumento nacional”, de acordo com o Art.º 15º da Lei nº. 107/2001 de 08 de setembro. Em outubro de 2004 a zona foi classificada de *non-aedificandi*, e homologada por Sua Excelência a Ministra da Cultura, Dra. Maria João Bustorff Silva.

## Castelo de Trancoso (Nº.27 do mapa da Fig.9)

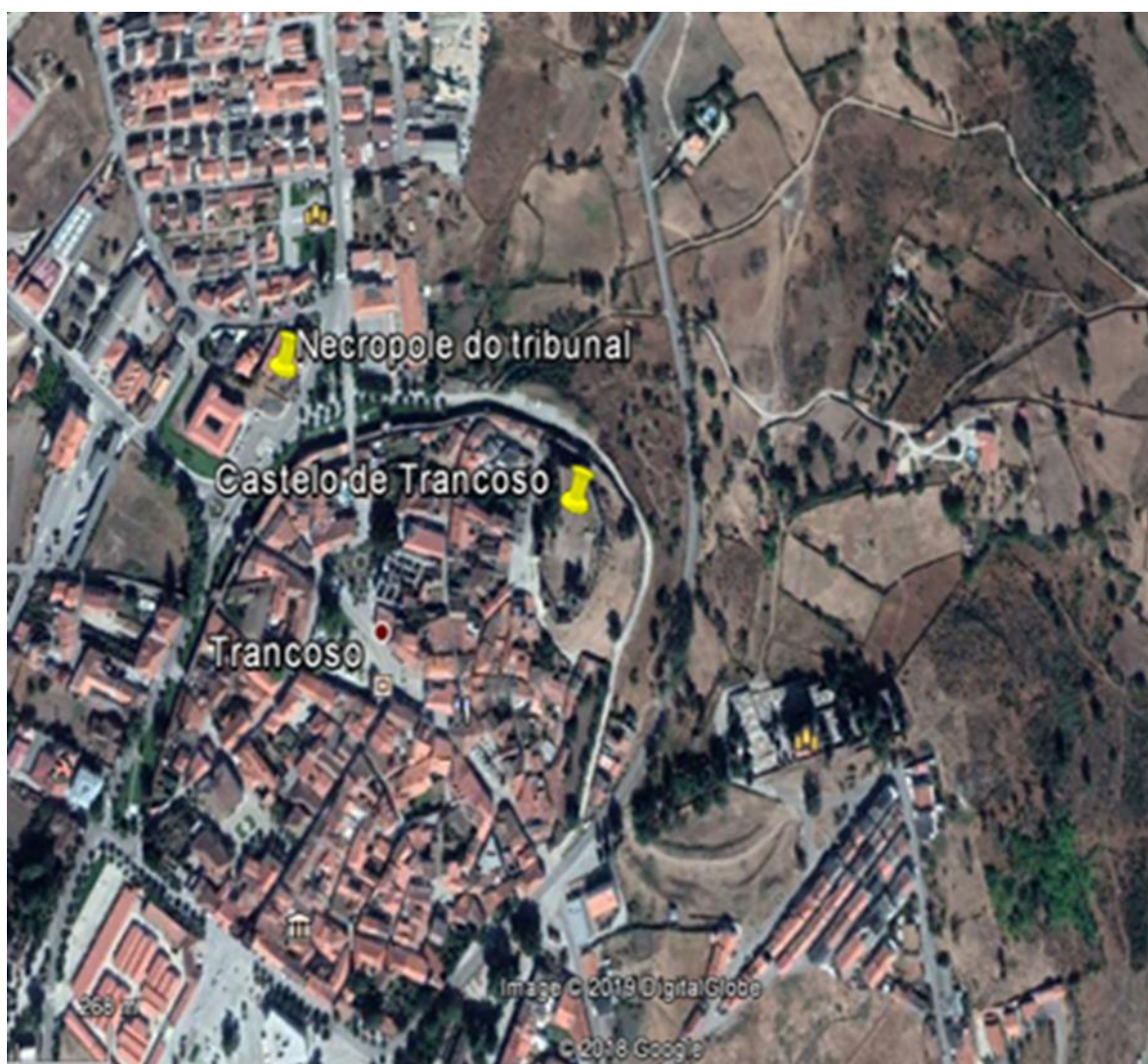


Figura 73 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19- (mapa nº. 2) – Localização do Castelo de Trancoso



Figura 74 - Base da Torre de Menagem do Castelo (foto da autora)



Figura 75 - Muros de habitação dentro do Castelo (foto da autora)



Figura 76 - Testemunhos de caracter militar, do Castelo, disponível no folheto do posto de turismo 2011



Figura 77 - Exemplo de cerâmica, disponível no folheto do posto de turismo 2011



Figura 78 - Exemplo de cerâmica recolhido no interior do Castelo pela autora

**Localização:** Sintrão, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170 à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 66319.913,123675.038

**Altitude:** 875m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Medieval

**Descrição:** O Castelo Medieval de arquitetura militar e traça romana com seis torreões acostados aos muros do monumento (Barroca, 1994: p.18). É classificado como Monumento Nacional. Encontra-se no cume do planalto da povoação, sobre afloramentos graníticos bastantes evidenciados, tendo a ribeira de Trancoso e o rio Távora a Nascente. O acesso principal ao Castelo é efetuado pela avenida Eng. José Frederico Ulrich, mas também por várias calçadas medievais. A datação exata do início da construção do castelo não foi possível determinar-se até aos dias de hoje devido à reduzida documentação existente até aos séculos VIII-XI. Sabe-se que o seu início coincide com a fase da Castelologia nacional. Nas primeiras décadas do séc. X Trancoso, encontrava-se em poder das forças cristãs, conforme referência de agosto de 936, no reinado de *Abd al-Rahaman III*.

O vizir Yahyà, refere ainda, que “*saído de Badajoz, realiza uma incursão nesta região, na qual se apodera das fortalezas de Urtigueira/rb.gueira e de Trancoso/Tarankūša*”. Em meados do séc. XI com Fernando Magno, Trancoso regressa ao domínio cristão, conforme referência no inventário dos bens do Mosteiro de Guimarães do ano de 1059”. Este documento de doação

é considerado um dos mais importantes do período do Alto Medieval em Portugal. Uma das características do Castelo românico era possuir uma estrutura defensiva, geralmente de planta quadrada e com torreões, em que se pudesse confiar pela robustez, espessura e altura das muralhas, de modo, a circunscrever um pequeno átrio para acantonar uma pequena hoste militar.

As recentes escavações realizadas no interior do Castelo, pelo departamento da Câmara Municipal de Trancoso, situam as suas origens entre o século X. Também pela documentação escrita no ano de 960, verifica-se que a região de Trancoso sofre uma incursão, realizada pelo vizir *Yahyà b. Ishāq*, no reinado de *Abb al-Rahaman III* e apodera-se do então castelo de Tarankusa no ano de 136. Em 960 o castelo é doado por D. Flâmula Rodrigues ao Mosteiro de Guimarães, juntamente com outros castelos da região. Novamente no ano de 981 as forças da Almançor conquistam Trancoso e o castelo passa novamente para poder dos muçulmanos. Finalmente 1055-1059 Fernando Magno conquista a região e o castelo regressa ao domínio cristão e no ano de 1155 já no reinado de D. Afonso Henriques, volta a ser atacado e saqueado pelas tropas de *Abu Muhammade*. Entre 1162-1165 recebe a primeira carta de foral por D. Afonso Henriques. O Castelo de Trancoso é constituído por uma torre moçárabe que resulta do reaproveitamento de uma estrutura anterior à segunda metade do século XII, planta quase quadrada e de uma porta rasgada em arco em ferradura, tida como, último baluarte de defesa, que segundo confirma a sua cronologia pré-românica que permanece testemunho único em Portugal. A estrutura defensiva do Castelo à semelhança de outros Castelos a norte do Mondego, é justificada pela situação hostil no campo político-militar que se verifica ao longo de toda a Alta Idade Média. A sua construção foi apoiada numa zona da antiga muralha que se converteu em torre de menagem do castelo românico e à qual se acrescentam silhares do período romano, almofadados e com ranhuras para o enquadramento das fiadas superiores (BARROCA, 1994: pp. 89-135).

A porta de acesso ao andar superior, apresenta um arco moçárabe de características do século X. No século XIII, é rematada com seis torreões de planta retangular (BARROCA, 2000b: p.225) encostados aos muros da muralha. A torre é ainda, possuidora de uma porta rasgada em arco de ferradura de cronologia pré-românica (BARROCA, 1994: p.96). Apresenta um perfil de troco-cónico e as paredes à medida que ganham altura a torre afigura-se mais estreita. De realçar que esta Torre foi erigida com recurso à colocação de silhares em cada uma das fiadas e apresentando diferentes cumprimentos, repleto de formas em cotovelos, de cunhas e rolhas. O método utilizado na construção moçárabe, baseou-se na técnica pré-romana ou classicistas. em que o talhante da pedra assumia a função de assentador.

Quanto à parte da muralha que envolve a atual vila, apresenta a Norte a forma oval e a Sul forma retangular. Possui quatro portas e três postigos. As Portas d'El Rei, situadas a SO encontram-se ladeadas por dois torreões de planta quadrada com um duplo arco de remate com merlões pentagonais, encimadas pela exibição das armas reais e municipais. As Portas do Prado encontram-se a NO e apresentam forma idêntica às Portas d'El Rei. A norte encontram-se as Porta do Carvalho em forma de arco quebrado, exibindo a representação de um cavaleiro com um estandarte e a Porta da Traição em arco quebrado, finalmente a E, podemos observar a Porta de São João. Existem ainda, dois postigos designados por Postigo do Olhinho do Sol, Postigo do Boeirinho. No exterior do Castelo na vertente Este, permanecem três núcleos de sepulturas inseridas na rocha e, num muro da vertente Nordeste do Castelo encontra-se uma inscrição que indica ser do período do alto-medieval. No seu interior, ainda existe um poço-cisterna com acesso por uma escadaria de pedra. Ainda dentro das muralhas, foram encontrados alguns objetos utilizados na atividade militar e na vida quotidiana, nomeadamente fragmentos de cerâmica pintados a branco, vidrados pintados a verde e com decorações incisiva, que indicam ser do período islâmico e outros com superfícies vidradas e cor de mel com traço pintado a negro de manganês, assim como, cerâmica variada alguns com motivos incisos, cordões ungulados e caneluras e ainda, silhares almofadados que foram inseridos na torre do castelo como sendo do período romano.

O Castelo, foi utilizado ao longo dos séculos XII, XIII, XIV e XV – (240) (DGPC) e em 1809 com as invasões napoleónicas. No local foram acantonados alguns contingentes militares, nomeadamente os de William Beresford. Nos finais do século XIX e início do séc. XX, sofre a mutações em algumas portas e torres, revertendo-se a situação na década de 30.

No Castelo de Trancoso, foram encontrados vestígios de objetos de uso militar e de uso da vida quotidiana, nomeadamente fragmentos de cerâmica pintada a branco e vidrada (FIGUEIREDO, 2016: vol. I. p. 37). A cerâmica branca (MARTÍNEZ, 2007: p.100), remete-nos para cerâmica islâmica, decorada com traços de linhas (técnica utilizada já depois da conquista cristã. A cerâmica vidrada de superfície de cor de mel, com traço pintada a negro de manganês e decoração incisiva, pode ter sido importada do sudeste da Península Ibérica, no período islâmico, sendo que a sua cronologia se restringe aos séculos X e XI. (MARTÍNEZ, 2007: p.101).

A autora refere ainda, que de acordo com Déléry Gómez, 2006 a cerâmica vidrada de “verde e manganês”, começou a ser produzida no século IX no Próximo Oriente. Foi ainda encontrada, cerâmica variada com motivos incisos, cordões ungulados e caneluras que podem ser indicadores do período romano, assim como vestígios de escória. Através da estratificação

do solo e dos materiais encontrados, foi possível identificar as várias fases de ocupação e abandono do local (FIGUEIREDO, 2016: p.89), assim como mostram os níveis de incêndio e devastação. Verificou-se ainda, a existência de vestígios de estruturas habitacionais, como testemunhos de estruturas de carácter militar do alto medieval. Com as escavações no interior da torre foram reconhecidas ruínas de provam estruturas militares de vários períodos anteriores:

Categoria: MN - Monumento Nacional, Decreto nº 7 586, DG, 1ª série, nº 138 de 08 julho 1921 / ZEP, Portaria, DG, 2ª série, nº 285 de 10 dezembro 1955.

## Sepultura Rupestre de Chão de Tomé (Nº.28 do mapa da Fig. 9)



Figura 79 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19- (mapa nº. 2) –Da sepultura do chão do Tomé.



Figura 80 - Sepultura do Chão de Tomé (foto da autora)

**Localização:** União das Freguesias de Trancoso, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 66358.249, 123846.600

**Altitude:** 836 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Medieval

**Descrição:** A cerca de 50 metros de distância a Este do Castelo de Trancoso, encontram-se duas sepulturas, uma antropomórfica com rebordo e a outra inacabada do período medieval cristão. O acesso parte em frente à Porta do Carvalho do Castelo, descendo por um caminho em direção à

E.N. 102-4, do lado esquerdo, numa rocha isolada (FERREIRA, 2016: p.28). Apesar de se encontrarem sinalizadas e referenciadas num Roteiro da responsabilidade da Câmara Municipal de Trancoso, o seu estado de conservação e preservação é nulo. Segundo testemunhos no local, existia uma outra sepultura com tampa, junto à Igreja de Santa Luzia, também ela, situada nas proximidades do Castelo. No lado Este do Castelo, num muro de uma cerca, existe inscrição de pedra aparelhada, com a seguinte leitura: REGA(L?) E HOC/(F?)V(¿)A(¿) QVA/CAE(PIT?) IRC./SENE (Portal do Arqueólogo).

### **Necrópole da Micha (Nº. 29 do mapa da Fig. 9)**



*Figura 81 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19- (mapa nº. 2) – Da sepultura do chão do Tomé*



*Figura 82 - Necrópole da Micha Velha (foto da autora)*

**Localização:** Sintrão, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 66472.698, 123780.999

**Altitude:** 825 m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Medieval

**Descrição:** Necrópole medieval constituída por sete sepulturas escavadas na rocha, três antropomórficas e quatro de tipologia indeterminada. O acesso é realizado por um caminho medieval que se encontra a Este do Castelo (TEIXEIRA, 1982: p.13). Este local encontra-se relativamente preservado e protegido por correntes.

## Igreja de Nossa Senhora da Fresta - Trancoso (Nº- 30 do mapa da fig.9)



*Figura 83 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização da Igreja dentro do cemitério.*



*Figura 84 - Igreja Nossa Senhora da Fresta – Inicial (foto da autora).*



*Figura 85 - Igreja Nossa Senhora da Fresta na atualidade(foto da autora).*



*Figura 86 - Sepulturas numa das laterais exteriores da Igreja (foto da autora).*

**Localização:** Trancoso, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 170) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; ETRS89: 664989.004,123547.066

**Altitude:** 830m em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Idade Média

**Descrição:** Monumento de planta longitudinal composta por dois retângulos justapostos, datado do século XII. Possuidora de dois alçados laterais, cada um deles apresentam apenas uma fresta em arco pleno. Localiza-se na envoltória do Castelo de Trancoso, dentro do cemitério da povoação de Trancoso, ladeada por vários jazigos. O acesso ao local, realiza-se por uma alameda de árvores de grandes dimensões.

Estamos perante uma igreja românica de nave única e capela-mor, um frontispício e torre sineira de época barroca. Constituída por alpendres laterais, mísulas a meia - altura das paredes da nave, cachorradas de diversas figuras, dois portais laterais, um com lintel com figurações e o outro com cruz patriarcal a ornamentar o tímpano, arco-triunfal adornado com enxequetado, meias-esferas e arabescos dos séculos XII-XIII. Existem também gravações, uma com a datação 1177-1187 e a outra de 1194, numa das ombreiras do portal lateral Norte “+ Era M<sup>a</sup> CC<sup>a</sup>XX<sup>a</sup>/ ||<sup>a</sup> | OBIITB. SUA / RIUS | PRESBI / TER. PATER NasteR”, e a terceira de 1293, no alçado interior direito da nave: “Era. M<sup>a</sup>. CCC<sup>a</sup>. XXX. /<sup>a</sup>. OBIIT | PETRUS (CAMPOS, 1915: 86-87). Monumento classificado de interesse público 1944 e com zona Especial de Protecção 1953 FERREIRA; LOBÃO (2016): P. 28.

## Necrópole de Plames – Vilares (Nº. 34 do mapa da fig. 9)



Figura 87 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) – Localização da Necrópole de Plames



Figura 88 - Sepultura da Necrópole de Plames (foto da autora)

**Localização:** Vilares, tendo por base a informação na Folha da *Carta Militar e Portugal* (CMP: 181) à Escala 1/25.000, do Instituto Geográfico do Exército (IGEOE); Coordenadas ETRS89; 71444.604, 117127.540

**Altitude:** 546 m: em referência ao Nível Médio das Águas do Mar.

**Cronologia:** Medieval Cristão

**Descrição:** A necrópole situa-se junto ao cruzamento da variante de Vilares a Oeste da povoação e nas proximidades da Capela Nossa Senhora da Graça (PORTAL DO ARQUEÓLOGO). É constituída por cerca de trinta e uma sepulturas escavada na rocha granítica de configuração e tamanho diferenciado, predominando antropomórficas.

De acordo com as imagens, verifica-se que apresentam configurações diferente. Umas têm a cabeça e ombros bem delineados, as outras mais rudimentares. Ainda em Vilares, no local designado por Covas, existe uma sepultura antropomórfica, com a cabeça e ombros bem definidos, e orientada a Sul. Uma outra sepultura não antropomórfica foi encontrada numa casa da povoação de Maçal da Ribeira. No que diz respeito à orientação canónica, verifica-se apenas uma sepultura orientada a Este, as restantes orientadas a Norte, NE e NW. Do grupo das sepulturas três antropomórficas expõem fraturas na zona dos pés, cinco não antropomórficas; sete conservam apenas a zona dos pés; três são de criança e ovaladas e as outras duas são sub retangulares (FERREIRA, 2000; p. 5196). Esta necrópole encontra-se em zona de passagem, pelo que agrava a sua deterioração.

Sob a responsabilidade da Dr.<sup>a</sup>. Maria do Céu Crespo Ferreira. realizaram-se em 1997, alguns trabalhos de limpeza na zona envolvente das sepulturas. Foram retiradas ervas, raízes e pedras soltas que obstruíam a visibilidade do conjunto de sepulturas. Descobriram-se cerca de sete sepulturas, depois de retirada a vegetação, mas, tal como as outras, que já se encontravam violadas e sem tampa (PORTAL DO ARQUEÓLOGO).

## Grupo de Sepulturas sem qualquer registo

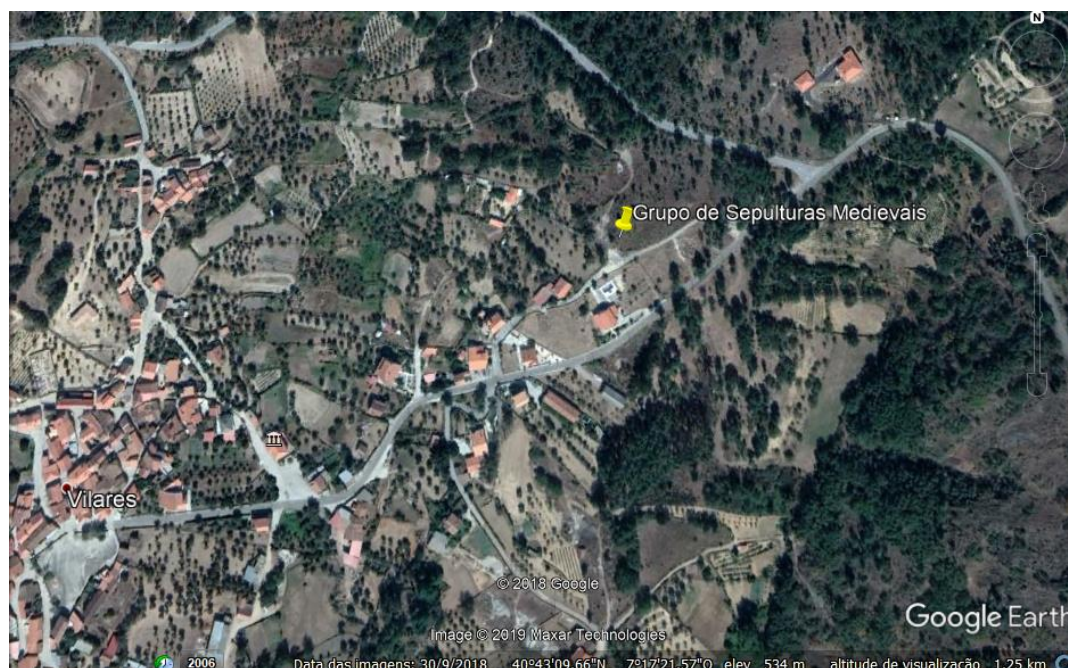


Figura 89 - Imagem satélite Google Earth (15.01.19) Localização do grupo de sepulturas não mencionadas em toda a bibliografia consultada, no âmbito deste estudo.



Figura 90 - Sepulturas inéditas – Vilares (foto da autora)



*Figura 91 - Sepulturas inéditas – Vilares (foto da autora)*

Ainda na localidade de Vilares e de acordo com o mapa abaixo exposto, localizamos um grupo de dezasseis sepulturas antropológicas e não antropológicas. Segundo uma testemunha, existem no local e, nos terrenos envolventes, um elevado número destes monumentos, que se encontram ao abandono e cobertas de vegetação arbustiva, o que impede o seu acesso.

Sobre estas sepulturas, não me foi possível encontrar em qualquer bibliografia.

Algumas das sepulturas, ilustram bem o completo estado de abandono, sendo a situação agravada com a sua destruição pelos proprietários dos terrenos, segundo informação no local.